

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Juliana Otero Nogueira

*Histórias cantadas, contadas e ressignificadas:*

*A celebração da Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande - MG em  
tempos de pandemia da COVID19*

Niterói, RJ  
2022

Juliana Otero Nogueira

***Histórias cantadas, contadas e ressignificadas:***

***A celebração da Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande - MG em  
tempos de pandemia da COVID19***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.  
Setor Temático: História Contemporânea II.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Larissa Moreira Viana

Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Lívia Nascimento Monteiro

Niterói, RJ  
2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

N778h Nogueira, Juliana Otero  
Histórias cantadas, contadas e ressignificadas : A  
celebração da Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande  
- MG em tempos de pandemia da COVID19 / Juliana Otero  
Nogueira. - 2022.  
135 f.: il.

Orientador: Larissa Moreira Viana.  
Coorientador: Lívia Nascimento Monteiro.  
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Instituto de História, Niterói, 2022.

1. Congada e Moçambique. 2. Resistência. 3. Devoção. 4.  
Pandemia. 5. Produção intelectual. I. Viana, Larissa  
Moreira, orientadora. II. Monteiro, Lívia Nascimento,  
coorientadora. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto  
de História. IV. Título.

CDD - XXX

Juliana Otero Nogueira

*Histórias cantadas, contadas e ressignificadas:*

*A celebração da Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande - MG em tempos de pandemia da COVID19*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

Setor Temático: História Contemporânea II.

Aprovada em 30 de setembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Larissa Moreira Viana - UFF  
Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lívia Nascimento Monteiro - UNIFAL  
Co-orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Josemeire Alves Pereira - FLACSO-Brasil  
Arguidora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carolina Christiane de Souza Martins - UFPA  
Arguidora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carolina Vianna Dantas - FIOCRUZ  
Suplente

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Patrícia Teixeira de Sá - UFF  
Suplente

Niterói, RJ  
2022

Aos ancestrais da Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande,  
por terem permitido que os caminhos se abrissem.

Aos meus antepassados, por trilharem essa trajetória comigo.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar a agradecer pelas relações que fazem parte da elaboração deste trabalho. O movimento coletivo, espiritual e material, me permitiram chegar até aqui e é assim que sei que “sou uma, mas não sou só”.

Agradeço em primeiro lugar ao divino que rege minha vida e essa pesquisa. Gratidão à Deus, ao meu mestre Meishu Sama, a Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês, São Benedito, ao orixá Exu, essência dos caminhos, e aos pretos velhos pelas bênçãos.

A minha família, por acreditar em mim, me apoiar em todas as circunstâncias, investir na minha carreira, zelar a todo tempo e entender minhas ausências. A minha mãe Adoracion, melhor professora do mundo e maior referência docente que tenho, a minha tia Sandra, assistente social que me faz acreditar que é possível um mundo mais justo e gentil, a minha irmã Mariana, que com seu foco e determinação me orientam na vida, e ao meu cunhado Celso, por cuidar de mim na sua forma silenciosa e prestativa, meu muito obrigada. Sem vocês não haveria base que me sustentasse. A Diana e Daphne, minhas guardiãs e parceiras de quatro patas.

Aos meus amigos que encontrei dentro das paredes da UFF há 8 anos atrás, Franciane, Matheus Tarjano, Ana Beatriz, Alexander, Bianca e Luccas, por continuarem comigo nessa nova e árdua caminhada, trocando conhecimentos, palavras de força e alento nos momentos mais difíceis. Uma leva de jovens historiadores que tenho a honra de chamar de amigos.

As minhas amigas/irmãs que o Colégio Pedro II me deu, Thamires, Mariana e Victória, por escutarem tantas vezes sobre a pesquisa, nos meus eternos devaneios e encantos pela Congada e Moçambique, e sempre estarem ao meu lado em todas as empreitadas que me envolvo.

Aos meus amigos de fé e longa estrada, Ingrid, Marina, Rodrigo, Matheus, João Victor, Carlos Henrique, Leandro, Luis Cláudio, Indiara, Elisângela e vó Delma, por todo amor que compartilhamos na vida messiânica, por me ouvirem e acolherem e pelas orações que fizeram para que tudo desse certo.

As minhas amigas da vida, Vitória Padula e Karine Belo, pelas duas décadas de amizade e por se fazerem presentes apesar da distância física.

A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande por tanto! Sou profundamente grata por terem me dado licença para contar suas histórias nessas páginas tão preciosas. Agradeço pelos conhecimentos compartilhados: históricos, espirituais e de vida. Agradeço aos mais velhos, à diretoria, aos capitães Jonatan Rodrigo e Felipe Teodoro, ao zelador Romário

Tomé e a todos os congadeiros-moçambiqueiros dançadores, os que já se foram, os que estão e os que virão. Através das músicas, Nossa Senhora do Rosário cruzou nossos caminhos e se ela assim permitir, que esses laços não se desfaçam mais. Meu respeito e admiração por vocês são profundos e minha gratidão é eterna. Que Deus dê a vocês tudo em dobro!

Aos amigos piedenses, Felipe, dona Dinéia, Ulissys, Jéssica, Robert, Franscival, Pedro, Paulo Henrique, dona Lujan e sr. Camilo, que abriram a porta de suas casas para me receber e que me abraçaram com tanto carinho. Agradeço pelo acolhimento, conversas e sabedorias partilhadas. Até para o ano se Deus quiser!

As minhas queridas orientadoras, Larissa Viana e Lívia Monteiro, por serem na minha vida muito além! A Larissa minha gratidão por embarcar em mais uma viagem comigo, primeiro na monografia e hoje na dissertação. Seu cuidado, generosidade e forma de lidar com a pesquisa fizeram mais uma vez acontecer a produção de um trabalho valioso e sólido. A Lívia minha gratidão por abrir os caminhos que me levaram a conhecer algo divino que é Congada e Moçambique. Sua parceria, firmeza no direcionamento e gentileza foram fundamentais. A maior honra é ter as duas como mentoras, orientadoras e professoras. As admiro profundamente e espero que nossos caminhos permaneçam entrelaçados.

A banca, formada pelas professoras Carolina Martins e Josemeire Alves, por terem realizado uma leitura atenta da pesquisa ainda em processo de elaboração no momento da qualificação. Obrigada por iluminarem os caminhos de análise que surgiram e contribuírem tanto para o trabalho e as reflexões futuras. Agradeço também as considerações feitas pelo zelador Romário nesse momento, pois permitiram novas investigações e perspectivas da festa de maio.

Ao Cultna, grupo de pesquisa de Cultura Negra no Atlântico constituído por pesquisadores e pesquisadoras do LABHOI - UFF, LAHBOI/AFRIKAS - UFJF e University of Pittsburgh, que através de nossos encontros online e discussões teóricas enriqueceram o processo da pesquisa.

A Universidade Federal Fluminense e ao PPGH que me possibilitaram ter uma pós-graduação gratuita de excelência e qualidade. Que em tempos sombrios como os de agora sejamos resistência na defesa da educação e que possamos nos comprometer em fazer do nosso Brasil um lugar mais igualitário, justo, com possibilidades de inserção da população marginalizada nas Universidades e com a prática do antirracismo em todos os ambiente de ensino e sociais. Essa dissertação é mais um dos meus comprometerimentos com a sociedade e agradeço a UFF pela honra de realizar esse trabalho levando o nome de uma das melhores pós-graduações em História da América Latina.

Salve Nossa Senhora do Rosário! Salve Nossa Senhora das Mercês! Salve São Benedito! Salve a Congada e Moçambique de Piedade!

*Eu não vou desanimar hora nenhuma, vou estar sempre presente com  
você para ajudar nossa Congada a conseguir chegar onde a gente  
quiser chegar.*

*Rei Congo Élon Donizete de Oliveira -  
Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande*

## RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar as trajetórias construídas pela Associação de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande para celebrar a festa de maio nos anos de pandemia da Covid19 de 2020, 2021 e 2022. A partir da reelaboração das tradições da celebração do Rosário, através das redes sociais e com negociações possíveis diante do cenário pandêmico, a pesquisa se desenvolve com base na discussão teórica sobre a formação dos Congados em Minas Gerais trabalhando a especificidade da cidade de Piedade do Rio Grande. Com uma reflexão que parte das relações elaboradas dentro das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito desde o século XVII, assim como com a análise do catolicismo afro-brasileiro desenvolvido nesses ambientes, o trabalho visa compreender a importância histórica do grupo de congadeiros-moçambiqueiros da cidade e a força da história oral como metodologia por meio de transcrições e imagens retiradas e examinadas de lives, entrevistas online, missas ao vivo e documentários, materiais estes feitos pelos agentes da festa, professores especialistas e paróquia local. A produção acadêmica deste material reúne historiografia e etnografia com o intuito de abrir mais um caminho de reconhecimento dentro das inúmeras possibilidades de histórias de negros e negras do Brasil demonstrando suas agências diante da construção da História da nação.

Palavras-chave: Congada e Moçambique; Resistência; Devoção; Pandemia.

## **ABSTRACT**

This dissertation objective is to analyze the trajectories that were built by the Associação de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande in order to celebrate the May feast during the Covid19 pandemic years of 2020, 2021 and 2022. Through social networks and with negotiations that were possible to made in the face of the pandemic scenario, the research is developed based on the theoretical discussion about the formation of the Congados in Minas Gerais state working on the specificity of the city of Piedade do Rio Grande. With a reflection that starts from the relationships developed within the Brotherhoods of Nossa Senhora do Rosário and São Benedito since the 17th century, as well as the analysis of Afro-Brazilian Catholicism developed in these environments, the work aims to understand the historical importance of the group of congadeiros-moçambiqueiros in the city and the strength of oral history as a methodology through transcripts and images taken and examined from lives, online interviews, live masses and documentaries, materials made by the feast agents, specialist teachers and the local parish. The academic production of this material brought together historiography and ethnography with the desire of opening another path of recognition within the countless possibilities of histories of black men and women in Brazil demonstrating their agencies in the face of the construction of the history of the nation.

Keywords: Congada and Mozambique; Resistance; Devotion; Pandemic.

## SUMÁRIO

Lista de Figuras .....	12
Lista de Frames .....	14
Introdução .....	16
Capítulo 1 - As (os) Congadas (os) em Minas Gerais: as festas e suas interpretações .....	24
1.1 - As Irmandades negras e o mito fundador da festa .....	26
1.2 - Catolicismo afro-brasileiro: o enegrecimento do cristianismo e o clamor negro .....	32
Capítulo 2 - Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande: a arte de narrar e cantar suas histórias .....	40
2.1 - As articulações dentro das festas negras do Rosário e as trajetórias das famílias congadeiras piedenses .....	41
2.2 - Dois ternos distintos, mesmos indivíduos: as diferenças míticas e materiais de Congada para Moçambique .....	56
Capítulo 3 - Em tempos de pandemia: as lives, entrevistas online e a música como conexão .....	74
3.1 - Festa de maio em 2020 .....	76
3.2 - Festa de maio em 2021 .....	93
3.3 - Festa de maio em 2022 .....	109
Considerações Finais .....	124
Referências Bibliográficas .....	127
Fontes .....	129
Anexos .....	131

## LISTA DE FIGURAS

	Descrição	
Figura 1	Rei Congo Élson Donizete, Rainha Conga Raimunda Teodoro e princesas de promessa em cortejo pela cidade de Piedade – Maio de 2022 .....	21
Figura 2	Rei, Rainha, príncipe e princesas de promessa em cortejo pela cidade de Piedade e moçambiqueiros – Maio de 2022 .....	22
Figura 3	Terno da Congada em frente a igrejinha do Rosário levando os reis Congos – Maio de 2022 .....	46
Figura 4	Terno de Congada levando o andor de Nossa Senhora das Mercês em direção a matriz de Nossa Senhora da Piedade – Maio de 2022 .....	47
Figura 5	Gruta da Biquinha – Maio de 2022 .....	48
Figura 6	São Benedito no andor enfeitado com flores e pães - Missa afro de sexta feira – Maio de 2022 .....	49
Figura 7	Missa afro dedicada a Nossa Senhora das Mercês - terno de Congada – Maio de 2022 .....	50
Figura 8	Homenagem a Francisca Braga em frente à sua casa - terno de Moçambique – Maio de 2022 .....	51
Figura 9	Terno de Congada – sanfoneiro em destaque – Maio de 2022 .....	61
Figura 10	Terno de Moçambique - destaque nos dançadores batendo as manguaras e os guizos nos pés – Maio de 2022 .....	62
Figura 11	Moçambiqueiro José Luiz .....	73
Figura 12	Entrada de Moçambique e Nossa Senhora do Rosário na igreja matriz – Maio de 2020 .....	86
Figura 13	Francisca Braga carregando Nossa Senhora do Rosário na missa afro de Moçambique – Maio de 2020 .....	87
Figura 14	Capitão Felipe Teodoro tocando pandeiro ao lado do Rei Congo Élson Donizete na missa afro de Moçambique – Maio de 2020 .....	91
Figura 15	Arte de divulgação da festa da Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – Maio de 2021 .....	96
Figura 16	Banner da festa de maio de 2022 .....	111
Figura 17	Andor de São Benedito - Missa afro de sexta-feira – Maio de 2022 .....	112

Figura 18	Saída do santo da igreja matriz – Maio de 2022 .....	113
Figura 19	Procissão de São Benedito – Maio de 2022 .....	114
Figura 20	Performance na fogueira – Maio de 2022 .....	114
Figura 21	Homenagem ao padre Raimundo – Maio de 2022 .....	114
Figura 22	Homenagem a dona Chiquinha – Maio de 2022 .....	114
Figura 23	Homenagem ao primeiro terno de Congada e Moçambique - Maio de 2022 .....	115
Figura 24	Entrada de N <sup>a</sup> . Sr. <sup>a</sup> das Mercês – Maio de 2022 .....	116
Figura 25	Congadeiro com chapéu de fitas – Maio de 2022 .....	116
Figura 26	Pedido de água benta – Maio de 2022 .....	117
Figura 27	Rito na encruzilhada chamado Meia Lua – Maio de 2022 .....	117
Figura 28	Chegada da corte na igreja do Rosário - Maio de 2022 .....	118
Figura 29	Moçambique na fogueira de Nossa Senhora das Mercês - Maio de 2022 ....	119
Figura 30	Detalhe do guizo e das manguaras – Maio de 2022 .....	122
Figura 31	Terno de Moçambique – Maio de 2022 .....	122
Figura 32	Moçambique e cortejo pela cidade – Maio de 2022 .....	123
Figura 33	Moçambiqueiros – 2 gerações – Maio de 2022 .....	123
Figura 34	Chegada dos três santos na igreja matriz – domingo – Maio de 2022 .....	123

## LISTA DE FRAMES

	Descrição	
Frame 1	Retirada das imagens de N.Sra. do Rosário e N.Sra. das Mercês da igreja do Rosário – Maio de 2020 .....	82
Frame 2	Terno de Congada nas ruas de Piedade – Maio de 2020 .....	83
Frame 3	Pedido de água benta na porta da igreja – Maio de 2020 .....	84
Frame 4	Cerimônia da Congada de Piedade do Rio Grande – Maio de 2020 .....	84
Frame 5	Cerimônia da Congada de Piedade do Rio Grande – momento de canto – Maio de 2020 .....	85
Frame 6	Mário Tomé e Romário Tomé na live ConVIDA – Setembro de 2020 .....	88
Frame 7	Romário Tomé na live Festas de Congada em tempos de pandemia – Junho de 2020 .....	92
Frame 8	Documentário elaborado pela Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande para a Lei Aldir Blanc – Dezembro de 2020 .....	94
Frame 9	São Benedito no andor – Maio de 2021 .....	97
Frame 10	Congadeiros-moçambiqueiros na missa afro – Maio de 2021 .....	98
Frame 11	Congadeiros e mulheres congadeiras no louvor a São Benedito – Maio de 2021 .....	98
Frame 12	Saída de São Benedito da igreja – Maio de 2021 .....	99
Frame 13	Altar da igreja matriz enfeitado para missa Conga de Nossa Senhora das Mercês – Maio de 2021 .....	100
Frame 14	Coral da Congada – Maio de 2021 .....	101
Frame 15	Entrada do fogo e da bíblia na igreja – Maio de 2021 .....	101
Frame 16	Mulheres congadeiras entrando com as oferendas – Maio de 2021 .....	102
Frame 17	Oferendas na missa Conga – Maio de 2021 .....	102
Frame 18	Coração Nossa Senhora das Mercês – Maio de 2021 .....	102
Frame 19	Bandeireiro Gildo na missa afro – Maio de 2021 .....	103
Frame 20	Guizos nos pés dos moçambiqueiros – Maio de 2021 .....	104
Frame 21	Toque da caixa no ensaio de Moçambique – Maio de 2021 .....	104

Frame 22	Rosário e fita de luto pelas vítimas da pandemia do Covid19 – Maio de 2021 .....	104
Frame 23	Sr. Hélio, presidente da Associação e Romário Tomé, zelador – Maio de 2021 .....	105
Frame 24	Terno de Moçambique ensaiando na frente da igreja do Rosário – Maio de 2021 .....	105
Frame 25	Entrada da imagem de Nossa Senhora do Rosário – Maio de 2021 .....	106
Frame 26	Momento da coroação de Nossa Senhora do Rosário – Maio de 2021 .....	107
Frame 27	Moçambiqueiro D’Lucca participando da coroação de Nossa Senhora do Rosário – Maio de 2021 .....	108
Frame 28	Homenagem a Francisca Braga – Maio de 2022 .....	120
Frame 29	Homenagem a Maria Rosimeire – Maio de 2022 .....	120
Frame 30	Homenagem a Élon Donizete - Maio de 2022 .....	121
Frame 31	Bispo José Eudes Campos do Nascimento na missa afro de domingo à noite - Maio de 2022 .....	121

## INTRODUÇÃO

Dá licença, dá licença, dá licença meu senhor ô da licença nós. (capitães)

Licença, licença, licença meu senhor ô da licença nós. (coro)<sup>1</sup>

É pedindo licença que inicio a elaboração desta pesquisa que possui o intuito de analisar os caminhos traçados pela Associação de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande - MG entre os anos de 2020, 2021 e 2022, marcados pela pandemia da Covid-19, trazendo a construção dos contextos históricos onde foram organizados as celebrações a Nossa Senhora do Rosário no passado escravista, o mito fundador das festas de Congados, o enegrecimento do catolicismo a partir das vivências e resistências desses espaços, a fundação da Associação com as redes de solidariedade e laços familiares em Piedade e a demonstração das diferenças entre Congada e Moçambique, característica particular da festa na cidade.

A canção acima que abre as portas desse trabalho é cantada nos dias de celebração na pequena cidade mineira como um pedido de licença ao sagrado que é louvado, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês e São Benedito, aos ancestrais e antepassados congadeiros-moçambiqueiros e aos mais velhos dos ternos. Pedir licença é sobre respeito, sobre tratar o divino como precisa ser tratado e como hierarquia dos mais antigos orientarem os mais novos. Aprendi muito ao longo do caminho da pesquisa com os congadeiros-moçambiqueiros<sup>2</sup>, aprendizado esse que ultrapassou e muito as questões materiais de análise historiográfica.

Com o mais profundo respeito e admiração eu peço licença para escrever sobre suas histórias, resistências e ressignificações do tempo presente. Registrar essas palavras foi apenas mais uma abertura de caminhos e ter a permissão da Congada e Moçambique para realizar essa empreitada foi e é uma honra. Portanto, compreendendo que os congadeiros-moçambiqueiros são sujeitos deste trabalho e não, de forma alguma, “objetos” de pesquisa, realizo essa investigação do meu lugar social-racial como pesquisadora branca, professora de sala de aula,

---

<sup>1</sup> Disponível em: [NARRE PRODUÇÕES - YouTube](#). Acesso em: 31/08/2022.

<sup>2</sup> A expressão congadeiro-moçambiqueiro foi utilizada durante a escrita para referenciar os agentes da festa de maio, uma vez que o grupo é constituído das mesmas pessoas e celebram de maneira distinta Congada e Moçambique.

comprometida com a educação antirracista e empenhada na elaboração de uma outra História nacional, esta vista de baixo.<sup>3</sup>

O encontro que transformou meus caminhos aconteceu em uma aula de História da Cultura nas paredes da Universidade Federal Fluminense. Ao assistir o documentário *Dos Grilhões aos guizos – Festa de maio e as narrativas do passado*, produzido pela Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande com a pesquisadora Dr<sup>a</sup>. Livia Monteiro e a Narre Produções, a letra de uma das músicas junto ao som da caixa e as vozes dos congadeiros-moçambiqueiros me atravessaram. A partir daí surgiu o interesse, ainda na graduação, em estudar e pesquisar a festividade e como essas histórias negras, mesmo tão significativas, não estavam em domínio público da sala de aula no ensino de História. A apresentação deste documentário foi a primeira vez que ouvi falar nas festas de Congada e na devoção do Rosário e dessa forma, quase como um encantamento imediato, foi que decidi (ou foi decidido) que esse seria meu percurso de pesquisa.

A palavra proferida e/ou cantada tem poder de agir, pois nela está contida axé de acordo com a antropóloga Juana Elbein :

Cada palavra proferida é única. A expressão oral renasce constantemente; é produto de uma interação em dois níveis: o nível individual e o nível social, porque a palavra é proferida para ser ouvida, ela emana de uma pessoa para atingir uma ou muitas outras; comunica de boca a orelha a experiência de uma geração à outra, transmite o âse concentrado dos antepassados a gerações do presente.<sup>4</sup> (SANTOS, J.E, 1988 apud MARTINS, L. M, 1997, p. 185)

Foi no ato dinâmico da palavra oral que a comunicação aconteceu entre o canto congadeiro-moçambiqueiro e meus ouvidos. O elemento do dinamismo, conforme analisado por Leda Martins no capítulo a Oralitura da Memória, vem das culturas negras que “matizaram os territórios americanos, em suas formulação e *modus* constitutivos”.<sup>5</sup> A comunicabilidade se realiza através do Orixá Exu, pois a divindade “é o princípio da existência diferenciada em consequência de sua função de elemento dinâmico que o leva a propulsionar, a desenvolver, a mobilizar, a crescer, a transformar, a comunicar”.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Companhia das Letras, 1998.

<sup>4</sup> SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a Morte: Pàde. Àsèsè e o Culto Ègun na Bahia*. 5. ed. Tradução da Universidade Fderal da Bahia. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 49.

<sup>5</sup> MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: o reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997, p.32.

<sup>6</sup> SANTOS, J. *op. cit.* p.130.

É como espaço das encruzilhadas, do movimento e do circular como princípio filosófico africano e afro-brasileiro que *as histórias cantadas, contadas e ressignificadas* se apresentam no desenvolvimento dos capítulos a seguir. Com o intuito de elucidar a comunicação através das músicas, aqui com a barreira da escrita, foi que selecionei uma canção para abrir cada etapa do trabalho. A música ou lamento foram escutados repetidamente durante os anos de estudo sobre os ternos, pois além de todo conhecimento que carregam consigo, permitiam me reconectar com a dinamização da palavra oral. Uma a uma foram escolhidas com um porquê: seja histórico, espiritual ou afinidade.

Este material foi desenvolvido a partir da leitura, estudo e compreensão de obras de especialistas na temática como Leda Martins<sup>7</sup>, Glaura Lucas<sup>8</sup>, Patrícia Maranhão<sup>9</sup>, Larissa Gabarra<sup>10</sup>, Jeremias Brasileiro<sup>11</sup>, Lívia Monteiro<sup>12</sup>, Marina de Mello e Souza<sup>13</sup>, Rubens Alves<sup>14</sup>, João Reis<sup>15</sup>, Stuart Hall<sup>16</sup>, John Thornton<sup>17</sup>, Hampaté Bâ<sup>18</sup>, Simone de Assis<sup>19</sup>, entre outros. A análise dessas produções constituiu a base teórico - metodológica da pesquisa juntamente à investigação e transcrição das falas dos congadeiros-moçambiqueiros de Piedade do Rio Grande de diversas lives, rodas de conversa online, documentários produzidos e entrevista

---

<sup>7</sup> MARTINS, Leda Maria. Afrografias da Memória: o reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

<sup>8</sup> LUCAS, Glaura. Música e tempo nos rituais do Congado mineiro dos Arturos e do Jatobá. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

<sup>9</sup> COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. As raízes da Congada: A renovação do presente pelos filhos do Rosário. Curitiba, Editora Appris, 1. ed., 2012.

<sup>10</sup> GABARRA, Larissa Oliveira e. O Reinado do Congo no Império do Brasil. O congado de Minas Gerais no século XIX e as memórias da África Central. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

<sup>11</sup> BRASILEIRO, Jeremias. Cultura Afro-brasileira na Escola: O Congado em Sala de Aula. Ícone Editora, Brasil, 2010.

<sup>12</sup> MONTEIRO, Lívia N. “Congada é do mundo e da raça negra”: memórias da escravidão e da liberdade nas festas de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – MG (1873-Tempo presente), Niterói, 2016.

<sup>13</sup> MELLO E SOUZA, Marina de. Reis negros no Brasil escravista: História da festa de coroação de Rei Congo. Editora UFMG, 2ªed, 2014.

<sup>14</sup> SILVA, Rubens Alves da. Negros católicos ou Catolicismo negro? Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro. Belo Horizonte, Nandyala, 2010.

<sup>15</sup> REIS, João J. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, 1996.

<sup>16</sup> HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Editora UFMG. Minas Gerais, 2003.

<sup>17</sup> THORNTON, John. A África e os africanos na formação do mundo Atlântico (1400-1800). Campus, São Paulo, 2004.

<sup>18</sup> BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. In História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África/ editado por Joseph Ki-Zerbo. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

<sup>19</sup> ASSIS, Simone de. “Tamborete sagrado, com licença”: cantos e contos do Congado. Anais da Jornada de Estudos Históricos Professor Manoel Salgado PPGHIS/UFRJ, 13. ed., vol. 3, Rio de Janeiro, 2018.

virtual. Todos os materiais produzidos no ciberespaço continuam online e com acesso facilitado através do compartilhamento pelo youtube ou facebook.

A confecção deste material foi promovida pelos integrantes da Congada e Moçambique com a associação de docentes, pesquisadores, outros grupos festivos mineiros e diálogos com ternos de Congados diferentes. A busca dessa alternativa durante os anos de isolamento social motivado pela contaminação a nível mundial do coronavírus fabricou precioso material digital, o qual tornou a festa de maio em louvor ao Rosário ainda mais pública. A partir desse acervo e com a produção de uma entrevista online com o segundo capitão, se tornou possível o desenvolvimento pleno da dissertação em três capítulos, sendo o primeiro e o segundo divididos em dois subcapítulos cada e o terceiro em três.

O primeiro capítulo com o título *As (os) Congadas (os) em Minas Gerais: as festas e suas interpretações* visa construir uma base teórico-metodológica na qual a pesquisa vai se apoiar. Percebendo as irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito que surgem por volta do século XVII como espaços de resistência, ressignificação cultural e laços de solidariedade no chamado Novo Mundo, a origem das festas de Congadas é traçada a partir da vivência diaspórica e da reelaboração das identidades, de africanos e afro-brasileiros escravizados, através da coroação de reis e rainhas congo dentro desses ambientes.

O mito fundador das celebrações de Congadas na extensão do Estado de Minas Gerais também é investigado partindo da ótica de como este orchestra as ritualidades das festas e a posição a qual as pessoas negras são inseridas. Resumidamente, com a aparição de Nossa Senhora do Rosário, independente da versão do mito, ela escolhe quem vai retirá-la do local e encaminhar até a capela para ser louvada. Essa escolha da santa seleciona os negros e fundamentalmente os coloca em posição de preferência em relação aos senhores brancos. A narrativa do mito carrega consigo significados e sentidos que são revividos no tempo presente durante o momento da festividade e torna-se essencial para a valorização dos congadeiros.

O encerramento do capítulo traz a particularidade da devoção e do louvor negro que são primordiais para a compreensão das dinâmicas dos espaços das irmandades do Rosário. O processo de cristianização se dá ainda em território africano, antes do tráfico transatlântico se tornar uma estrutura. Chamado de catolicismo africano por John Thornton, historiador americano, vai se desenvolver por conta das proximidades de cosmologias existentes entre as religiões africanas e o catolicismo europeu. Ao chegar no Brasil essa devoção recebe novas formulações a partir das interações que acontecem dentro dos navios tumbeiros e nas novas

relações no Novo Mundo. É nesse contexto que os reis Congos passam a ser coroados como forma de resistência, ressignificação e conexão com seus antepassados.

O segundo capítulo intitulado *Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande: a arte de narrar e cantar suas histórias* tem por intuito pesquisar a história de fundação dos ternos a partir do estudo de materiais já publicados por especialistas na área, somando a análise de diálogos online através da metodologia da história oral como potência para entendimento das trajetórias dos congadeiros-moçambiqueiros.

Cada Congada e/ou Reinado possui suas particularidades a partir das histórias e necessidades locais das famílias que compõem os ternos. Também chamados de cortes, bandas ou batalhões,<sup>20</sup> os grupos que constituem as festas se expressam e performatizam durante as celebrações com suas músicas, lamentos e coreografias. As festas são movidas pela religiosidade, espiritualidade e misticidade, como também “ a devoção deve ser repleta de dança, cantoria e comida”, características marcantes das manifestações culturais negras.

As diferenças entre o que se entende por terno ou grupo (seja de Congada, Moçambique - como em Piedade do Rio Grande que possui os dois - ou Catopés, Caboclinhos, Marujos, Vilões e Cavaleiros de São Jorge) em relação aos Reinados negros são importantes de serem evidenciadas. Os ternos de Congada constituem as guardas do Congo, para além do nome dado a celebração. Seguindo seus capitães, os grupos seguem protegendo os reis e rainhas congos cantando e louvando seus santos de devoção. Já o que se entende por Reinado, segundo Paulo Dias, seria uma estrutura multifacetada, onde há “um grupo de pessoas que se organiza em torno de uma hierarquia formada por reis, rainhas e capitães, cumprindo determinadas funções rituais nos festejos, nos quais seus ancestrais e os santos de devoção são homenageados.”<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> MONTEIRO, Livia. *op. cit.* p. 35.

<sup>21</sup> DIAS, Paulo. “A outra festa”. In: JANCSÓ, István & KANTOR, Íris. Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo: Hucitec: Edusp: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001. p. 14. APUD MONTEIRO, Livia N., “Congada é do mundo e da raça negra”: memórias da escravidão e da liberdade nas festas de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – MG (1873-Tempo presente), Niterói, 2016, p. 36.



Figura 1: Rei Congo Élson Donizete, Rainha Conga Raimunda Teodoro e princesas de promessa em cortejo pela cidade de Piedade<sup>22</sup>. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

---

<sup>22</sup> Essas duas princesas que vão à frente dos reis congos, de acordo com a pesquisadora Giane Menezes, acompanham o rei e a rainha com as espadas cruzadas e juram proteção até o final da festa de maio. MENEZES, Giane de Carvalho. Congada e Moçambique em Piedade do Rio Grande: passos de folia e fé. Volta Redonda, 2008, p. 39.



Figura 2: Rei, Rainha, príncipe e princesas de promessa em cortejo pela cidade de Piedade e moçambiqueiros Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

Este segundo capítulo tem por objetivo também compreender a particularidade existente na festa de maio na cidade de Piedade onde dois ternos constituídos pelos mesmos indivíduos saem pelas ruas em dias diferentes, dançando Congada e brincando Moçambique. Para a construção dessa diferenciação foram utilizados os métodos de transcrição, com o suporte teórico - conceitual da história oral para análise, de falas de uma live e de um dos documentários produzidos nos anos pandêmicos; assim como também a produção de uma entrevista online com o segundo capitão dos ternos e posteriormente transcrita para elucidação da multiplicidade de riquezas que separam congadeiro de moçambiqueiro. Com foco nas questões musicais e instrumentais, a entrevista virtual demonstra sua importância enquanto fonte histórica, independente do seu formato digital.

Com a produção de um material etnográfico a partir da escrita dessa pesquisa e da minha vivência virtual da festa nos anos de 2020 e 2021, e presencial no ano de 2022, apresento o terceiro capítulo *Em tempos de pandemia: as lives, entrevistas online e a música como conexão*, que se tornou parte elementar deste trabalho. Cada ano da pandemia da Covid19

promoveu uma reestruturação da festa e reelaboração das tradições e memórias da celebração do Rosário. Acompanhando os passos digitais orquestrados pelos congadeiros-moçambiqueiros, como as missas ao vivo, alvorada compartilhada, entrevistas diversas online para meios de comunicação em massa como youtube e facebook e produção de dois documentários, os caminhos foram abrindo naturalmente com a dinâmica da festa no tempo presente.

Dessa forma, a partir da análise de falas e imagens da festa de maio que completou seus 92, 93 e 94 anos ao longo desse tempo, foi confeccionado um acervo concentrado nessas páginas das elaborações da diretoria da Congada e Moçambique junto à capitania e outros dançadores dos ternos. Ao longo da dissertação são apresentadas fotos e frames, print de imagem feito por celular, que conectam a escrita com os momentos da festividade. São imagens que evidenciam os períodos da festa de maio nos anos de 2020, 2021 e 2022 mostrando os integrantes do grupo, reis e rainhas Congo e de promessas, os instrumentos musicais, detalhes das indumentárias, espaços geográficos da cidade de Piedade, trechos das missas e algumas performances da celebração.

As histórias dos negros piedenses que envolvem negociações, resistências, conflitos, alegrias, dificuldades e devoção estão registradas nessas narrativas, vídeos e fotos que podem ser acessados por qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo, expandindo axé e demarcando suas agências históricas na História do Brasil.

## Capítulo 1

### **AS (OS) CONGADAS (OS) EM MINAS GERAIS: AS FESTAS E SUAS INTERPRETAÇÕES**

Ô seu rei dá licença pra rainha (2x)

Ela é a senhora do Rosário meu pai (coro)

Ela é nossa madrinha (coro)

Ô seu rei dá licença pra rainha (2x)

Ela é a senhora do Rosário meu pai (coro)

Ela é nossa madrinha (coro) <sup>23</sup>

A escolha desse lamento do terno de Moçambique de Piedade do Rio Grande possui o intuito de “abrir as portas” para o primeiro capítulo da dissertação. Quem passa na frente é Nossa Senhora do Rosário, rainha e madrinha dos festejos que ocorrem na cidade mineira. Este momento inicial da pesquisa se destina a analisar o universo congadeiro, o mito que dá origem as festas de Congado no Estado de Minas Gerais, o passado da devoção a Nossa Senhora do Rosário que é experienciado até o tempo presente e as particularidades do louvor e do catolicismo negro.

Nossa Senhora do Rosário aparece como divindade central de diversas manifestações culturais de devoções negras desde a época de Brasil colônia. Na festa de maio, que a partir do início do século XX sai pelas ruas da cidade Piedade do Rio Grande, Minas Gerais, a santa é louvada pelo grupo denominado Moçambique no dia de domingo e recebe o destaque de figura primordial da celebração, sendo foco das ritualidades que ocorrem nas missas, procissões, chamada de reis e pagamentos de promessa, mas também recebendo o título de padroeira dos ternos de Congada e Moçambique da região.

Esse capítulo visa traçar conexões de um passado escravista marcado pela violência física, identitária, psicológica, religiosa, moral e cultural com as ressignificações e articulações dos negros escravizados e traficados para o Brasil, principalmente para o Sudeste de Minas,

---

<sup>23</sup> Canal Narre Produções. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DYPpeo7m3xQ>. Acesso em: 21/07/2021.

tendo como espaço fundamental dessas negociações e resistências as Irmandades do Rosário e de São Benedito.

Tem por objetivo também compreender parte desse diverso e múltiplo universo das Congada, que são pesquisadas por intelectuais conceituados na temática como Larissa Gabarra<sup>24</sup>, Jeremias Brasileiro<sup>25</sup>, Maria Luiza Evaristo<sup>26</sup>, Rubens Alves<sup>27</sup>, Patrícia Maranhão<sup>28</sup>, Leda Martins<sup>29</sup>, entre tantos outros. A partir das ritualidades, performances, músicas, instrumentos, devoções, celebrações e conflitos, se almeja perceber as festas de Congada (o) como um espaço complexo, de muitas negociações e extremamente dinâmico. Essa análise será feita partindo da perspectiva thompsoniana, ou seja, entendendo cultura popular como um local de trocas que é construído nas rupturas e nas contradições das relações.<sup>30</sup>

Para fechar as reflexões desse capítulo encaminharemos as discussões para os clamores negros, ou o que conhecemos também pelo conceito de catolicismo negro. Com essa perspectiva teceremos de forma breve o conceito de catolicismo africano desenvolvido pelo historiador John Thornton, especialista em História da África, da diáspora negra e do mundo Atlântico, e trabalharemos as novas ressignificações que esse catolicismo vai receber ao chegar no Novo Mundo. Para isso será necessário a análise sobre as construções culturais nas Américas a partir do contato entre escravizados de diversas etnias, que acabavam se unindo a partir do tráfico, como analisa a historiadora Marina de Mello e Souza.<sup>31</sup>

Dessa forma, pretende-se construir uma contextualização histórica para posteriormente explorar a celebração de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande, trazendo o debate para o tempo presente e toda riqueza e nuances que surgiram ao longo desses dois anos de pesquisa em tempos pandêmicos.

---

<sup>24</sup> GABARRA, Larissa Oliveira e. O Reinado do Congo no Império do Brasil. O congado de Minas Gerais no século XIX e as memórias da África Central. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

<sup>25</sup> BRASILEIRO, Jeremias. O ressoar dos tambores do Congado – entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955-2011). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2012.

<sup>26</sup> EVARISTO, Maria Luiza. A fé que dança e (em)canta: análise das experiências religiosas de congadeiros nas minas de Minas. Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2018.

<sup>27</sup> SILVA, Rubens Alves da. Negros católicos ou Catolicismo negro? Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro. Belo Horizonte, Nandyala, 2010.

<sup>28</sup> COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. As raízes da Congada: A renovação do presente pelos filhos do Rosário. Curitiba, Editora Appris, 1. ed., 2012.

<sup>29</sup> MARTINS, Leda Maria. Afrografias da Memória: o reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

<sup>30</sup> THOMPSON, Edward P., Costume e cultura. In: \_\_\_\_\_. Costumes em comum. Companhia das Letras, 1998.

<sup>31</sup> SOUZA, Marina de Mello e. Catolicismo Negro no Brasil: santos e mikinsi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. Afro-Ásia, 2002, p. 125-146.

### 1.1) As Irmandades negras e o mito fundador da festa

O esforço de traçar os caminhos que antecedem as festas de Congada na região de Minas Gerais nos transportam para o século XVII para dentro das paredes das Irmandades de São Benedito e principalmente, de Nossa Senhora do Rosário. A partir de travessias e migrações forçadas, como analisa a pesquisadora Leda Martins em sua formidável obra *Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário de Jatobá*, a experiência “do sagrado, de modo singular, constitui um índice de resistência cultural e de sobrevivência étnica, política e social.”<sup>32</sup>

De fato, as novas relações que se deram no chamado Novo Mundo possibilitaram a construção de outras identidades daqueles que viveram nos porões dos navios tumbeiros. Assim como as identidades, novas manifestações culturais foram ressignificadas e edificadas em solo americano. Uma dessas manifestações nascidas a partir da vivência diaspórica é a Congada, conhecida também como Congado, Reinado ou coroação do Reino do Congo.

Podemos encontrar algumas definições para a Congada, porém a mais recorrente é a que explica a festa como “uma celebração em homenagem ao rei e rainha Congo, vinculada a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, que acontece, ao menos uma vez por ano em várias cidades de Minas Gerais desde o século XVII até hoje.”<sup>33</sup> O encarceramento e escravização de diversos povos africanos promoveram a necessidade de novas relações inter-étnicas. Essas articulações acabaram gerando a construção de espaços que possibilitaram estratégias de sociabilidade, solidariedade e de perpetuação de suas tradições em uma sociedade escravista.

Através da memória, do canto, da dança e dos batuques, a África é reinventada nas celebrações do Reino do Congo no Brasil. A realidade da escravidão e a experiência da cruel travessia pelo Atlântico foi o cenário que conectou distintas etnias. Esse contexto ao qual foram submetidos os africanos de maneira forçada acaba proporcionando, segundo Paul Lovejoy (2002), “uma identificação étnica inclusiva; isso significa que algumas fronteiras culturais tendem a desaparecer, outras a se constituir durante a reorganização das nações de procedência africanas no Novo Mundo.” (apud GABARRA, Larissa, 2012, p.88).

---

<sup>32</sup> MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: o reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997, p.30.

<sup>33</sup> GABARRA, Larissa. O destino do reino: do Congo no Brasil de Minas Gerais. *Projeto História*, São Paulo, n.44, pp.85-113, jun: 2012, p.86.

A Congada como um espaço cultural complexo de interação, festa, devoção e resistência já aparece em diversas pesquisas nas áreas das Ciências Humanas, assim como análises sobre as irmandades negras do Rosário. Jeremias Brasileiro, historiador e especialista nos estudos do universo congadeiro, explica em um de seus inúmeros trabalhos esses ambientes múltiplos que são os Congados:

Essa memória espiritual do Reino de Congo, que se faz tão presente em Minas Gerais, redimensionada nas ritualidades incorporadas pelos Ternos de Congadas, demonstraria que os grupos étnicos chegados ao Brasil, por meio de um processo escravista, não trouxeram apenas suas massas corporais destinadas ao trabalho forçado. Com isso, toda uma ancestralidade cultural teria acompanhado esses povos durante as travessias transatlânticas.<sup>34</sup>

A região a qual chamamos de banto<sup>35</sup>, onde se encontravam as nações de congos e moçambiques, foi o local de onde mais se exportou negros escravizados para o Brasil, principalmente para o porto do Rio de Janeiro no século XIX.<sup>36</sup> Dessa forma, podemos refletir que a maioria dos escravizados que foram encaminhados para as lavouras do Campo das Vertentes, região a qual pertence Piedade do Rio Grande foram de procedência banto, uma vez que o local fazia parte do complexo de plantation e mantinha relações com o setor de exportação sendo, portanto, necessária grande quantidade de mão de obra escravizada.<sup>37</sup>

Nas celebrações a Nossa Senhora do Rosário alguns grupos, ou ternos como também são chamados, se apresentam nos dias de festa. Existem grupos encontrados em maior escala que são os Congos e os Moçambiques, mas há outros como os Vilões, os Catopés, os Caboclos, os Marujos e os Marinheiros.<sup>38</sup> Larissa Gabarra, especialista em História Social da Cultura, explica que as diferenças entre os ternos se encontram no entendimento de que cada um desses grupos são nações percebidas como um “território abstrato”. Todo grupo constrói sua identidade a partir de uma origem em comum, mas não necessariamente seus antepassados escravizados saíram de fato dos portos do Congo ou Moçambique, por exemplo.<sup>39</sup>

Compreendendo o contexto mineiro a partir dessa perspectiva de reconstrução de referenciais sociais e culturais para os africanos e afro-brasileiros, identificamos as Irmandades do Rosário como território de sociabilidade, assistência, fraternidade e ritos. Em suas pesquisas

---

<sup>34</sup> BRASILEIRO, Jeremias. *Cultura Afro-brasileira na Escola: O Congado em Sala de Aula*. Ícone Editora, Brasil, 2010, p.43.

<sup>35</sup> Tronco linguístico predominante na região da África sul-equatorial.

<sup>36</sup> GABARRA, Larissa. *op. cit.*, p.5.

<sup>37</sup> MONTEIRO, Livia N., “Congada é do mundo e da raça negra”: memórias da escravidão e da liberdade nas festas de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – MG (1873-Tempo presente), Niterói, 2016.

<sup>38</sup> MARTINS, Leda Maria. *op. cit.*, p.43.

<sup>39</sup> GABARRA, Larissa. *op. cit.*, p.3.

pelos Congados dos Arturos e do Jatobá, a doutora em música Glaura Lucas analisa esse territórios religiosos e heterogêneos e explica que:

“Nas festas em honra a Nossa Senhora do Rosário os negros podiam incluir práticas sociais próprias, como a coroação de reis, músicas e danças. A eleição e coroação de reis era uma forma de associação de ajuda mútua, em que os negros estabeleciam novas identidades grupais, com suas próprias hierarquias, espelhadas em organizações sociais africanas.”<sup>40</sup>

Esses ambientes funcionavam com relativa autonomia negra e compartilhavam de ajuda mútua. Para além das devoções aos santos existia uma troca de assistência em alguns aspectos como apoio funerário, auxílio quando um indivíduo fosse preso, subsídio aos doentes e alimentos aos famintos. Esse amparo era retribuído com o pagamento de taxas anuais, por vezes pagas pelos donos dos escravizados, pois dentro do imaginário destes idealizavam as Irmandades como um “mecanismo de domesticação do espírito africano, através da africanização da religião dos senhores (...)”.<sup>41</sup>

Outros aspectos importantes são reconhecidos no amplo leque de pesquisas sobre a temática. O antropólogo Rubens Alves ao discutir em seus estudos a construção da identidade negra no contexto dos rituais de Congado no estado de Minas Gerais analisa como esses ambientes exerceram o papel de resistência, pois “independentemente de serem forros ou cativos -, se não fosse a solidariedade dos “irmãos”, certamente viveriam à mingua, abandonados e entregues à própria sorte.”<sup>42</sup>

As Irmandades foram, portanto, espaços importantes de criação, reconstrução e manutenção de vínculos afetivos e familiares diante de uma vivência diaspórica tão cruel. Os reinados construídos nesses ambientes eram os responsáveis por negociar questões e mediar relações entre senhores e escravizados. O “papel do Rei Congo significava mais do que uma simples representação lúdica; consistiu, simbolicamente, numa das formas de resistência cultural e, algumas vezes, política do negro africano no Brasil.”<sup>43</sup>. A escolha de reis negros e os festejos de coroação demonstram a potência desses agentes históricos, mesmo diante de um cenário que os marginalizava e os privava da liberdade.

---

<sup>40</sup> LUCAS, Glaura. Música e tempo nos rituais do Congado mineiro dos Arturos e do Jatobá. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005, p.50-51.

<sup>41</sup> REIS, João J. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, 1996, p. 4.

<sup>42</sup> SILVA, Rubens A. da. Negros católicos ou catolicismo negro? Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro. Nandyala Livros e Serviços LTDA, Belo Horizonte, 2010, p.23.

<sup>43</sup> Ibid. p. 25.

As atividades e as relações das Irmandades do Rosário tiveram significados diferentes para os diversos setores sociais, assim como para os pesquisadores que estudam essas instituições. Dentro de algumas perspectivas de análise as irmandades são apontadas como espaços onde a ordem escravista era reafirmada pelo controle das autoridades. Outras vertentes defendem que as irmandades na verdade foram área de sociabilidade, criação e ressignificação cultural, mesmo perante as condições violentas que viviam, como falamos a cima.<sup>44</sup>

Para o desenvolvimento dessa pesquisa percebe-se a complexidade desses locais religiosos e se constrói a análise de que as duas correntes de reflexão são importantes e interagem entre si. Compreende-se que é necessário relatar e denunciar as mazelas e as dores dos atores negros do passado, assim como falar sobre as relações de opressão entre estes e seus senhores brancos ou outras instituições da época, mas isso não pode e não deve anular a luta, a resistência e as inúmeras negociações que os escravizados travaram para poder sobreviver.

De forma breve, Glaura Lucas relata o processo que essas celebrações foram sofrendo em relação aos senhores de escravizados, a Igreja católica e o Estado. Duramente suprimidas nas grandes cidades ao longo do tempo oitocentista, as festas que elegiam um reinado negro, a partir de suas próprias escolhas como grupos que interagiam dentro das Irmandades, passam a perder a importância como estratégia dos senhores para o controle dos escravizados e também é cada vez mais colocada em um espaço desprestigiado, sem tanta serventia, para o Estado e para a Igreja no que diz respeito ao “processo de cristianização dos africanos e seus descendentes”.<sup>45</sup>

A repressão, subalternização e marginalização dos reinados negros não fez diminuir esses territórios multifacetados de trocas, sociabilidade, auxílio, devoção, resistência e fraternidade. Os Reinados permaneceram ativos em várias regiões do país, mobilizando um significativo contingente da população afro-brasileira. “Nessa trajetória, os reis de nação foram dando lugar a um rei Congo simbólico, em função da importância histórica do Reino do Congo(...)”.<sup>46</sup>

A oralidade presente nas festas de Congado tem por base a memória do passado africano, passado esse lembrado através dos ritos que conectam mito e história. Durante as performances a ancestralidade é homenageada, as dores por todo sofrimento que seus antepassados experienciaram na diáspora são entoadas e comunicadas e os múltiplos saberes conectam gerações ao serem ensinados e revividos.

---

<sup>44</sup> LUCAS, Glaura. op. Cit. p.66.

<sup>45</sup> Ibid., p.61

<sup>46</sup> Ibid., p. 61.

A aparição de Nossa Senhora do Rosário percorre muitas narrativas nos Congados e outros ternos de Minas Gerais. São diversas as formas de contar o mito fundador da celebração. Nas diferentes explanações o local onde a santa se revela muda podendo ter surgido no mato, na gruta, nas águas, no mar, etc. Existe, porém, uma semelhança que aproxima esses relatos e que é bem definida pela socióloga Renata Nogueira<sup>47</sup>, especialista nas festas do Rosário. Nogueira expõe que: “Tal santa rejeita os louvores e a capela construída pelos brancos, mas se encanta com as adorações dos escravos e por isso é considerada protetora do povo negro.”<sup>48</sup>

O mito ao entorno do aparecimento de Nossa Senhora do Rosário e de como ela só saiu da gruta quando os negros a retiraram cantando, dançando e louvando, orchestra os fundamentos dos ritos da festa e os estrutura. Independentemente da versão do mito, o ponto crucial é: Nossa Senhora do Rosário se identifica com os negros, se compadece de suas dores da escravidão e participa da libertação no dia 13 de maio.

Assim como em muitos grupos de outras regiões, em Piedade do Rio Grande o mito fundamenta o surgimento dos ternos de Congada e Moçambique. A diferença regional da transmissão da narrativa é o fato de serem explicados os locais exatos onde a santa foi vista. Em um trecho, contado por muitas vozes, do documentário *Dos grilhões aos guizos: festa de maio e as narrativas do passado*, produção esta realizada pela historiadora Lívia Monteiro, a Narre produções e os congadeiros-moçambiqueiros da cidade de Piedade, podemos ver a maneira como contam o mito e a particularidade da narrativa local:

“Quando Nossa Senhora apareceu lá na gruta, juntou os fazendeiros, com tudo quanto é riqueza, com um monte de banda. Os fazendeiros, meio metidão a bom, foi lá e buscou ela. Quando amanheceu, ela tava lá na gruta outra vez. E aí apareceram os negros moçambiqueiros, né? Com seus instrumentos e pés descalços. Vestido tudo de branco, tudo enfeitado. Toalha, guizo e foi lá buscar ela. Eles levaram “andore”, ela aluiu na cacunda dos negros. Os negros pôs ela nas costas. Trouxeram cantando e pulando atrás dela com aquelas manguaras. Senhora do Rosário, vamos embora. Senhora do Rosário, vamos embora. Senhor rei mandou chamar, a sua casa é sua morada. Aí que trouxeram ela, botou lá e ela nunca mais saiu dali.”<sup>49</sup>

A aparição de Nossa Senhora do Rosário através do mito fundador presente nesses diversos ternos de Congada é um importante caminho para a construção da identidade do

---

<sup>47</sup> DA SILVA, Renata N. *Festa do Rosário: Encruzilhada de significados*. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

<sup>48</sup> DA SILVA, Renata N. *A festa da Congada: A tradição ressignificada*. 26º Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro – BA, 2008, p. 2.

<sup>49</sup> *Dos Grilhões aos guizos – Festa de maio e as narrativas do passado*. Direção: Natália Ferraciolli. Produção: Lívia Monteiro; Natália Ferraciolli e Renato Oliveira. Piedade do Rio Grande-MG. Narre Produções; Pajé Produções Culturais, Associação de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande, NUPEHC e LABHOI. 2016. DVD.

congadeiro e da valorização da mesma. A preferência da santa branca “pelos negros escravizados os transformou no povo de Nossa Senhora, Filhos do Rosário, devolvendo-lhes, assim, a condição humana que a situação do cativo lhes havia negado.”.<sup>50</sup>

Este advento proporcionado pela santa ao preferir os negros escravizados do que os brancos se mostra um caminho de discurso extremamente importante para os atores da festa. As memórias dos tempos do cativo, que seus antepassados sofreram, não traz à tona o lado de vítima dos escravizados, que também possuíram, mas sim um negro valorizado e agente transformador do contexto que o cerca. “Afinal, foram eles, através de sua dança, que conquistaram o amor de Nossa Senhora(...).”.<sup>51</sup>

A figura do negro como central nos discursos das diversas Congadas é evidenciada também pelos dançadores da festa em Piedade como podemos ver no trecho anterior. São os negros os escolhidos pela santa para retirá-la da gruta e leva-la até a igreja do Rosário. A narrativa do mito carrega consigo significados e sentidos que são revividos no tempo presente pela memória dos congadeiros-moçambiqueiros e os conecta aos seus ancestrais.<sup>52</sup> A atualização do mito na contemporaneidade confere as manifestações de Congados e aos Reinados negros a possibilidade de reelaborarem a festa como também se reconciliarem com o passado traumático.

Stuart Hall, ao analisar em suas pesquisas sobre a diáspora o poder que o mito possui, retrata como estes são transitórios. O sociólogo elabora a reflexão de que mitos são anacrônicos, ou seja, de que não acompanham uma cronologia dentro da perspectiva de História como linear, mas sim na perspectiva cíclica de compreensão. Define essas narrativas míticas como a-históricas, interpretando, portanto, a impossibilidade de examinarmos o mito como parte da história temporal.<sup>53</sup> Isso possibilita que esses discursos sejam transformados com frequência nas festas que celebram Nossa Senhora do Rosário.

Pensando nessas ressignificações que o mito fundador pode receber percebemos como a cultura é marcada fortemente pelo tempo presente a partir das performances dos sujeitos nos dias de hoje. “O ato de contar a lenda – assim como os de cantar e dançar – é sempre único, calcado no saber coletivo ancestral, porém filtrado pela vivência particular de quem narra e moldado pelas circunstâncias do momento de sua expressão.”.<sup>54</sup>

---

<sup>50</sup> COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. *op. cit.* p.29.

<sup>51</sup> *Ibid.* p.30.

<sup>52</sup> *Ibid.* p.30.

<sup>53</sup> HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Editora UFMG. Minas Gerais, 2003.

<sup>54</sup> LUCAS, Glaura. *op. cit.* p.63.

Apesar das reelaborações discursivas do mito, o fundamento e a estrutura mítica constroem-se a partir de “um arcabouço e uma fabulação similares que prefiguram um certo *continuum* arquetípo que funda a sua textura discursiva e mítico-dramática.”.<sup>55</sup> Portanto, percebemos que dentro dos festejos e reinados, durante o processo de reinvenção da narrativa do mito, mesclam-se tradição oral e base ancestral com as particularidades dos ternos, celebrações, locais e histórias.

Dessa maneira, a análise de como o mito da aparição de Nossa Senhora do Rosário, as narrativas que expõe essa lenda marcadas pelas tradições da oralidade e a história que associa e conecta esse elemento místico às Irmandades são partes fundamentais para o entendimento das festas populares negras que são as Congadas. Olhando para a diversidade e não para a homogeneidade das experiências negras é que se pretende analisar a manifestação cultural da festa da Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande.

## **1.2) Catolicismo afro-brasileiro: o enegrecimento do cristianismo e o clamor negro**

Refletir sobre os espaços das Irmandades negras da região de Minas Gerais ao longo do tempo nos leva a um caminho devocional muito particular e singular. A descoberta do ouro na região central do Estado de Minas deslocou o interesse da Metrópole e isso ocorreu concomitantemente ao processo de cristianização, que auxiliava na legitimação da escravidão e exploração de pessoas. As vivências da fé católica e da catequização foram construídas a partir da pluralidade e diversidade de indivíduos, províncias, centros urbanos e interiores rurais, assim como também com a maior ou menor presença do clero.

Para compreendermos esse louvor negro experienciado nesses ambientes a partir da vivência da diáspora forçada será necessário fazer um retorno às terras africanas, pois é lá que se inicia o contato entre africanos e europeus e o processo de cristianização. O historiador americano John Thornton explica que essa interação estabelecida no continente africano acarretou em mudanças culturais e que a religião, por exemplo, teve suas dinâmicas alteradas. Ao fazer uma análise sobre o que denomina de cristianismo africano e seu desenvolvimento, tanto na África como na América, compreende que ocorre a emergência de uma nova religião afro

---

<sup>55</sup> MARTINS, Leda. *op. cit.* p.42.

atlântica. Esta era vista como cristã, porém um cristianismo que possibilitava entender as religiões africanas e a europeia.<sup>56</sup>

O surgimento do catolicismo africano só foi possível devido às aproximações existentes entre o cristianismo e as religiões africanas. Thornton apresenta três pontos que coexistem em ambas as manifestações de fé: a crença em outro mundo além do material que habitamos, as revelações espirituais ou míticas que tornavam possível conhecer essa outra dimensão e a passagem do mundo material, que é palpável, para esse outro mundo, que é imperceptível aos olhos da maioria, através da morte.

Esses pontos convergentes eram observados tanto pelos europeus, principalmente os religiosos, quanto pelos africanos. A partir dessa perspectiva em comum, onde acreditavam haver um mundo invisível, surge a possibilidade de ressignificar outras características que se aproximavam como, por exemplo, a existência de um ser supremo que governa o mundo material.

Esses dois mundos, o material e o espiritual, possuíam profunda sintonia e acreditava-se que este “outro mundo” entrava em contato de forma indireta com o plano físico. Essas comunicações entre as duas esferas eram entendidas como revelações e é através destas que as religiões são formadas e modificadas segundo as análises de Thornton. Dessa forma, podemos observar como essas revelações foram um importante ponto de partida para o surgimento da reavaliação que possibilitou a criação do catolicismo africano.<sup>57</sup>

A crença na existência de revelações foi essencial para a ressignificação das religiões e a criação de uma nova, porém isso não se deu de forma fluída. Na perspectiva europeia as revelações africanas possuíam origem diabólica e na visão africana as revelações europeias cristãs eram baseadas em um passado tão distante que não havia testemunha para assegurar a veracidade. Como elemento primordial para a difusão do conhecimento nas sociedades africanas e nas populações afro-brasileiras, como relata Cicera Nunes<sup>58</sup>, a oralidade é o fio que conecta a ancestralidade com os indivíduos contemporâneos. Essa dinâmica faz parte da essência das construções socioculturais africanas, o que leva algumas dessas revelações europeias a serem interpretadas como espúrio.

---

<sup>56</sup> THORNTON, John. *A África e os africanos na formação do mundo Atlântico (1400-1800)*. Campus, São Paulo, 2004.

<sup>57</sup> *Ibid.* p. 316.

<sup>58</sup> NUNES, Cicera. *Cultura e tradição oral afro-brasileira: discutindo a implementação da Lei Nº. 10.639/03. Didática e Prática de Ensino na relação com a Sociedade*. EdUECE, Universidade Estadual do Ceará, livro n.3. Disponível em: <https://silo.tips/download/palavras-chave-diaspora-negra-educao-lei-n-03>. Acesso: 25/08/2021

A demonização da espiritualidade africana como podemos ver é algo antigo e construído nos primórdios dos primeiros contatos entre esses povos. Mesmo existindo presságios, adivinhações, sonhos e visões nas duas raízes religiosas, os europeus viam o “demônio” apenas nas religiões da África.

As revelações mais dramáticas e convincentes eram, com certeza, aquelas dadas a médiuns ou objetos possuídos e santuários, revelações que comumente associavam ao demônio (possessões demoníacas que necessitavam de exorcismo) e não a Deus, mas que ainda sim eram revelações. Os cristãos acreditavam, entretanto, que o Espírito Santo possuísse, rotineiramente, as igrejas durante a realização da missa e que Cristo estivesse fisicamente presente em espírito na Eucaristia, crenças análogas à possessão de santuários, embora as mensagens não fossem recebidas dessa maneira.<sup>59</sup>

Marina de Mello e Souza, historiadora especialista nas festas negras construídas no Brasil escravocrata, discorre sobre esse processo desenvolvido no reino do Congo. Para explicar essas novas ligações, a autora relata uma situação onde ocorrem algumas animosidades entre os emissários portugueses e os congolezes que terminam em um primeiro momento com o sequestro de alguns africanos feitos de reféns sendo levados para Portugal. Porém, esses indivíduos após conhecerem novos costumes e se relacionarem com a religião católica retornam para o reino do Congo levando presentes ao *mani* Congo, o que o impele posteriormente ao interesse de se converter ao cristianismo.<sup>60</sup>

O desejo na conversão não ocorre a partir de uma acomodação passiva dos congolezes e sim uma ressignificação de símbolos religiosos, assim como também por interesses políticos e econômicos. Tanto a crença nos dois planos, o visível e o invisível, como a chegada dos portugueses pelas águas marinhas fazem parte da cosmologia das crenças deste reino. O fato de terem aparecido no mar pode ter sido interpretado como os ancestrais chegando e trazendo mensagens do divino, uma vez que a divisão entre os planos era feita pelas águas. Além disso, o retorno dos congolezes sequestrados aparentava uma vinda do mundo espiritual. Essas condições constroem a possibilidade da adaptação de seus ritos sem abandoná-los, apenas transformando-os de acordo com suas próprias perspectivas.

Ao adotar os novos ritos trazidos pelos brancos vindos do mar, os chefes bacongos acreditavam estar ganhando mais poder, o que parecia imediatamente comprovado pela superioridade tecnológica dos portugueses, materializada em seus artefatos, técnicas agrícolas, de construção, de processamento de alimentos, de comunicação pela escrita, sendo o domínio

---

<sup>59</sup> Ibid. p.321.

<sup>60</sup> MELLO E SOUZA, Marina de. Reis negros no Brasil escravista: História da festa de coroação de Rei Congo. Editora UFMG, 2ªed, 2014, p.52.

sobre tudo isso requerido pelo rei congôles justamente com os ensinamentos religiosos.<sup>61</sup>

O catolicismo africano quando chega ao novo mundo recebe novas formulações. Para entendermos o princípio dessa diferença se faz necessário analisar que as relações entre os povos e suas aproximações na África eram de uma forma bem diferente do que acontece na América. Uma determinada religião estava delimitada em certa região do continente africano, não necessariamente uma nação, em relação ao poder político, mas poderia estar limitada por um tronco linguístico em comum. Dificilmente essa religião ligada a alguns povos específicos ia se relacionar com uma religião de outra região muito distante.

Quando observamos o quadro do tráfico Atlântico, onde pessoas de vários povos remotos geograficamente e culturalmente, com estruturas políticas e linguísticas diferentes e religiões com cosmologias que poderiam ser semelhantes ou não, se viam em um novo espaço que tinha como característica uniformiza-los, conseguimos captar a necessidade de uma ressignificação religiosa. Os escravizados precisaram reconstruir suas redes sociais e formas de expressão religiosa em face de uma nova conjuntura, marcada por desconhecimento e hostilidades diante de crenças, práticas e formas de pensar africanas.<sup>62</sup>

Novas construções culturais nas Américas se deram a partir do contato entre escravizados de diversas etnias que acabavam se unindo a partir do tráfico. Na análise da intelectual Leda Martins sobre a formulação das culturas negras no Novo Mundo, os caminhos das encruzilhadas como espaços de construção e ressignificação são explorados a fundo. Leda descreve que:

As culturas negras que matizaram os territórios americanos, em sua formulação e modus constitutivos, evidenciam o cruzamento das tradições e memórias orais africanas com todos os outros códigos e sistemas simbólicos, escritos e/ou orais, com que se confrontaram. E é pela via dessas encruzilhadas que também se tece a identidade afro-brasileira.<sup>63</sup>

Depois que passam pelo processo cruel físico e psicológico da travessia nos navios tumbeiros, onde são arrancados de suas sociedades, famílias e identidades, eles se veem numa situação onde novas identificações são imprescindíveis para suas sobrevivências. Eram compelidos a se integrarem e realizaram tal ato a partir da aproximação étnica, religiosa e, por vezes, pela especialidade da mão de obra.<sup>64</sup>

---

<sup>61</sup> Ibid. p.66.

<sup>62</sup> MARTINS, Leda. *op. cit.* p.30.

<sup>63</sup> MARTINS, Leda. *op. cit.* p. 32.

<sup>64</sup> MELLO E SOUZA, Marina de. Catolicismo negro no Brasil: santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. Afro-Ásia, São Paulo, v.28, 2002, p.125-146.

É nesse contexto que os reis do Congo passaram a ser coroados no Brasil desde o século XVII. Esses reinos negros foram de extrema importância para catalisar algumas comunidades e foram centrais na construção de suas novas identidades. Dentro das Irmandades, principalmente aquelas que louvavam Nossa Senhora do Rosário, era onde aconteciam as celebrações de coroação dos reis das comunidades negras. Esse ato de reunir “distintos grupos familiares em volta do rei assegurava a sensação de pertencimento a uma unidade, e a reconstrução dessa tradição após a diáspora africana agiu de modo a amenizar a desunião decorrente do tráfico atlântico.”<sup>65</sup>

Relevante pensarmos como as coroações de reis negros no Brasil escravocrata “rompem as cadeias simbólicas instituídas pelo sistema escravista secular e religioso, reterritorializando a cosmovisão e os sistemas simbólico-rituais africanos, cruzando-os com os elementos das tradições europeias (...).”<sup>66</sup>

Algumas atividades feitas por esses grupos eram demonizadas pelo discurso cristão dos senhores brancos, assim como também pelos padres. A repressão e a permissão dependiam das posições dos indivíduos e da conjuntura colonial local. A tolerância só cabia nas atividades dos escravizados quando essas de alguma forma se aproximavam do catolicismo ibérico das comunidades senhoriais. Por não reconhecerem a autoridade dos reis coroados e não vislumbrarem perigos nessas coroações realizadas nas irmandades onde celebravam santos católicos, os senhores brancos, a Igreja e os párocos locais permitiam que acontecessem as manifestações desse catolicismo negro, não percebido por eles.<sup>67</sup>

Maria Evaristo elucida que a promoção de santos negros foi articulada pela Igreja para a promoção da conversão dos africanos desde o século XVI na África. É nesse multifacetado universo religioso que “São Benedito, Santo Elesbão, Santo Antônio de Categeró e Santa Efigênia se tornaram de significativa expressividade diante dos africanos e de seus descendentes na colônia portuguesa na América”.<sup>68</sup>

As manifestações culturais dos africanos e afro-brasileiros, por meio das músicas e performances, construíram um espaço importante de interação entre os negros, os quais recriavam e elaboravam suas vivências a partir de referências culturais dentro do contexto de um Novo Mundo. A reinterpretação e a ressignificação promovidas pelos negros devotos de

---

<sup>65</sup> RABELLO, Kelly. *op. cit.* p.107

<sup>66</sup> MARTINS, Leda. *op. cit.* p. 46.

<sup>67</sup> MELLO E SOUZA, Marina de. *op. cit.* p.131.

<sup>68</sup> EVARISTO, Maria Luiza I. A fé que dança e (em)canta: análise das experiências religiosas de congadeiros nas minas de Minas. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018, p.31.

Nossa Senhora do Rosário e dos santos pretos permitiram a manutenção de um vínculo extremamente importante com seus antepassados.

O desenvolvimento de uma religiosidade negra católica nas Minas Gerais foi, então, moldado por processos variados de reinterpretação e recriação cultural a partir do encontro de indivíduos oriundos de diferentes etnias e da adoção e re-elaboração de elementos católicos, não apenas aqueles ditados pela religião oficial, mas também os decorrentes do desenvolvimento de formas de religiosidade popular, conformadas de maneira independente da ortodoxia.<sup>69</sup>

Refletindo sobre essas complexas relações entre senhores de escravizados, Igreja católica, autoridades legais e negros cativos ou alforriados vislumbramos quão polissêmicos foram os espaços das Irmandades do Rosário. Dessa forma, percebemos também que as festas de Congada e os Reinados são manifestações culturais onde existiram e ainda existe “uma reelaboração de heterogêneas crenças, africanas e católicas, que transita com flexibilidade por distintas práticas religiosas”,<sup>70</sup> que através da resistência alternada com o conformismo pôde manter suas celebrações até o tempo presente.

Os espaços das festividades religiosas populares, para além da demonstração da fé, sempre promoveram a oportunidade do lazer e do descanso diante das dificuldades da labuta do dia a dia. José Ramos Tinhorão avalia em *Festa de Negro em devoção de branco – Do carnaval na procissão ao teatro no círio* como esse momento de folga laboral era extremamente necessário para escapar das tensões entre patrões e sujeitos explorados.<sup>71</sup>

O que Tinhorão chama de “hiato das relações de trabalho”<sup>72</sup> era oferecido por duas instituições de poder: a Igreja ou o Estado. Dessa forma, podemos compreender como as festas religiosas foram, e são, locais de múltiplas relações políticas e culturais, assim como de solidariedade e de devoção. Um ambiente de contradições e conflitos e também de comemoração e diversão.

Pensando no contexto oitocentista brasileiro, a historiadora Martha Abreu desbravou alguns caminhos sobre as festas do divino na corte do Império, hoje a cidade do Rio de Janeiro.<sup>73</sup> Com o objetivo de destacar alguns traços dessa herança religiosa colonial, Abreu demonstra como as irmandades reuniam membros de diferentes esferas sociais com o intuito de proporcionar benefícios aos “irmãos”. As festas eram justamente o ápice da vida dessas

<sup>69</sup> LUCAS, Glaura. *op. cit.* p.53.

<sup>70</sup> ASSIS, Simone de. “Tamborete sagrado, com licença”: cantos e contos do Congado. Anais da Jornada de Estudos Históricos Professor Manoel Salgado PPGHIS/UFRJ, 13. ed., vol. 3, Rio de Janeiro, 2018, p. 3.

<sup>71</sup> TINHORÃO, José Ramos. *Festa de Negro em devoção de branco – Do carnaval na procissão ao teatro no círio*. São Paulo, Ed. Unesp, 2012.

<sup>72</sup> *Ibid.* p. 83.

<sup>73</sup> ABREU, Martha. *O Império do Divino: festa religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

associações, onde “ a mistura do sagrado com o profano nas festas religiosas, a importância do culto dos santos e a teatralidade da religião”<sup>74</sup> se desenrolavam.

As celebrações dos reis Congos eram realizadas dentro dessas irmandades negras e é nesse “berço” cultural e multifacetado que surgem as celebrações de Congada. Os grupos de Congados existem praticamente em todo estado de Minas Gerais e tentar defini-los através de um conceito estático seria um grande equívoco, uma vez que suas próprias constituições são diversas e estão em transformação permanentemente. Podemos analisar essas festividades negras a partir de suas relações entre devoção, resistência, performances, cultura e sociedade; e um ponto inicial em comum entre as Congadas é o cativeiro como princípio da experiência das tradições negras brasileiras.<sup>75</sup>

A antropóloga Patrícia Maranhão desenvolve minuciosa pesquisa sobre os ternos que existem na Serra do Salitre em Minas Gerais, onde aborda a perspectiva dos congadeiros locais na qual a origem da Congada está ligada diretamente à escravidão. Essa ligação com o cativeiro realizada através da memória é um caminho para conciliação com um passado traumático que seus antepassados viveram. Esse cativeiro no qual os congadeiros se conectam pela memorização não traz à tona o lado de vítima dos escravizados, que também possuíam, mas sim um negro valorizado e agente transformador do contexto que o cerca. “Afinal, foram eles, através de sua dança, que conquistaram o amor de Nossa Senhora(...)”.<sup>76</sup>

Os estudos sobre Congados e Reinados apresentam geralmente indagações sobre a origem dessas manifestações culturais. Alguns intelectuais só mencionam as ligações com o continente africano e com o período do pós abolição, acabando por excluir o processo do cativeiro. Outros especialistas na temática trabalham a perspectiva puramente africana, como se a vivência no Brasil escravista não interferisse no processo de formação dos ternos.

É compreensível a produção dessas narrativas que vangloriem as experiências da África em relação as do cativeiro, pois podem tentar subverter a posição social a qual o negro foi colocado historicamente nas Américas. Porém, dentro da investigação da antropóloga, quando os congadeiros reivindicam essa posição de descendente de escravizado, não ocorre uma inversão social, mas uma espécie de simetria perante o resto das cidades onde as festas acontecem. Buscam a aceitação e o reconhecimento público da sua forma tão única de devoção,

---

<sup>74</sup> Ibid. p. 35.

<sup>75</sup> COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. *op. cit.* p.29.

<sup>76</sup> Ibid. p. 30.

assim como “ensinam que a ligação com o passado no “cativeiro” é suficiente para conferir à congada profundidade histórica e ao negro escravizado um valor positivo.”.<sup>77</sup>

Deste modo, vislumbrando o campo das culturas negras como um espaço de batalhas permanentes e de ressignificações, que tentamos compreender a significância do catolicismo construído e articulado pelos africanos e afro-brasileiros desde suas trajetórias em um passado de escravidão até suas resistências nos dias de hoje.

Para adentrarmos o segundo capítulo dessa pesquisa se faz necessário a contextualização do passado de extrema exploração em Minas Gerais, no qual brancos, europeus e brasileiros abusaram da terra, das minas de ouro e principalmente dos corpos pretos, que foram violentados de diversos modos e circunstâncias. Jeremias Brasileiro ao descrever a relação entre o catolicismo afro e as estratégias feitas pelos negros no período escravocrata sintetiza essas análises iniciais que possuem o objetivo de apresentar os traços compartilhados pelas festas de Congada:

O negro, mesmo sob o jugo do escravismo eurocêntrico, sem respeito às diversidades culturais que teria marcado o Brasil nos últimos séculos, desarticulou o isolacionismo cultural, promovido pelos detentores da chamada intelectualidade elitista brasileira, e conseguiu se fazer aos poucos, sujeito histórico de suas próprias vivências comunitárias e artísticas.<sup>78</sup>

Nos enredos e contextos que se organizavam os festejos de Nossa Senhora do Rosário no período escravocrata, mesmo com a intolerância, violência, ridicularização e tentativas de marginalização e/ou apagamento dessas manifestações, os reinados continuaram se espalhando e construindo raízes no Brasil. Com essa base ancestral, africana e afrobrasileira, que o universo congadeiro se constituiu e onde os negros e negras são agentes de transformações históricas.

---

<sup>77</sup> Ibid. p.33.

<sup>78</sup> BRASILEIRO, Jeremias. *op. cit.* p. 45-46.

## Capítulo 2

### **CONGADA E MOÇAMBIQUE DE PIEDADE DO RIO GRANDE: A ARTE DE NARRAR E CANTAR SUAS HISTÓRIAS**

Ô seu padre abre a porta  
 Eu também quero entrar (2X)(capitães)  
 Quero ouvir a santa missa  
 Que o senhor vai celebrar (2x) (coro)  
 O senhor ia na igreja  
 Era os pretos que levavam (2x) (capitães)  
 O senhor entrava pra dentro  
 Preto cá fora ficava (2x) (coro)  
 Preto só ia rezar  
 Quando na senzala chegava (2x) (capitães)  
 E se ele reclamasse  
 De chicote ele apanhava (2x) (coro)<sup>79</sup>

O cerne dessa pesquisa é analisar a festividade da Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande entre 2020 a 2022. Através das possibilidades do tempo presente, somada a análise de materiais já publicados por especialistas da temática e a metodologia da história oral foi possível entender as movimentações, performances e tradições que constituem a celebração a Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês e São Benedito da cidade mineira.

Foram as canções que abriram os caminhos deste trabalho por meio da música destacada acima. Foi dentro da Universidade Federal Fluminense que as vozes dos congadeiros-moçambiqueiros entoando e louvando seus santos de devoção me atravessaram. Os caminhos foram cruzados há 5 anos atrás a partir do documentário Dos Grilhões aos guizos – Festa de maio e as narrativas do passado produzido pela historiadora Lívia Monteiro, a Congada e

---

<sup>79</sup> Canal Narre Produções. Disponível em: [NARRE PRODUÇÕES - YouTube](#). Acesso em: 27/08/2021.

Moçambique de Piedade e a Narre Produções<sup>80</sup>, e assim foi possível dar início (sem final) à caminhada de conhecer o universo congadeiro e suas múltiplas potências e mistérios.

Esse segundo capítulo visa analisar as narrativas das trajetórias da fundação da festa, das histórias e lutas dos congadeiros-moçambiqueiros a partir dos discursos das gerações mais novas, que ensinados pelos antigos por intermédio da força da oralidade dão continuidade à celebração e resistência negra nas terras mineiras.

Serão analisadas as particularidades dos ternos de Piedade do Rio Grande, demonstrando as diferenças entre Congada e Moçambique a partir das músicas (lamentos, entoadas e comunicações), das danças, instrumentos, adereços, vestimentas, significados, posturas e energias. Para isso apresentarei trechos da única entrevista realizada durante o processo do mestrado em tempos pandêmicos, sendo esta de forma online pela plataforma do Google Meet, com o segundo capitão Felipe Teodoro.

A fim de aprofundar e demonstrar bases metodológicas da história oral apresento também parte do vídeo-documentário A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia, gravado pelos congadeiros para tentar recursos através da Lei Aldir Blanc, onde contam suas histórias individuais e coletivas mescladas com as danças, lamentos e comunicações de Moçambique, e também trechos da live Festas de Congadas em tempos de Pandemia, promovida pelo canal da América.

## **2.1) As articulações dentro das festas negras do Rosário e as trajetórias das famílias congadeiras piedenses**

Ao investigar o passado da cidade de Piedade do Rio Grande a partir da análise das histórias das famílias congadeiras-moçambiqueiras, a historiadora Livia Monteiro reconstruiu as linhagens dos antigos capitães, fundadores dos ternos, através das relações estabelecidas com as famílias senhoriais escravocratas proprietários de terra da região e dos escravizados, possibilitando a compreensão das relações de negociação e resistência que foram formuladas ao longo do século XX nesse espaço mineiro.<sup>81</sup>

A partir de ações como compadrio, batismo e parentesco, os ancestrais dos congadeiros-moçambiqueiros de Piedade construíram mecanismos de estratégia para manter a

---

<sup>80</sup> Dos Grilhões aos guizos – Festa de maio e as narrativas do passado. Direção: Natália Ferracioli. Produção: Livia Monteiro; Natália Ferracioli e Renato Oliveira. Piedade do Rio Grande-MG. Narre Produções; Pajé Produções Culturais, Associação de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande, NUPEHC e LABHOI. 2016. DVD.

<sup>81</sup> MONTEIRO, Livia. *op. cit.* 2016.

comunidade negra da região. Como forma de proteção e a necessidade de criar laços, as redes de solidariedade foram elaboradas pela primeira geração desses congadeiros ainda no final do século XIX.<sup>82</sup>

Contudo, foi na segunda década do século XX que a Congada e Moçambique de Piedade se reuniu enquanto grupo e firmaram em cartório uma Sociedade. No dia 10 do mês de junho de 1928, como registrado em em ata<sup>83</sup>, os ternos formados por homens negros se legitimavam através de um órgão oficial e elaboravam um importante caminho para o desenvolvimento de seus ritos, símbolos e devoções.<sup>84</sup>

Diferentemente de muitos outros ternos de Congada que tem princípio nas Irmandades do Rosário, conforme já explicitado no capítulo 1, os grupos de Piedade possuem sua origem conectada com outra celebração: a Congada de Ibertioga. A história da origem da festa é narrada por muitas vozes no documentário Mostra: Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – Festival do Ingoma – Dia 3 exibido no dia 25 de junho de 2021 no canal do Youtube Ingoma.

Refletindo sobre as festas como manifestações culturais que são construídas e reelaboradas no tempo presente<sup>85</sup>, percebe-se como as celebrações que tomam as ruas de Piedade do Rio Grande no último final de semana de maio precisaram se reinventar diante das circunstâncias da crise pandêmica motivada pelo Covid-19. Em contexto tão delicado e singular, os congadeiros-moçambiqueiros tornaram a festa mais pública nos anos de 2020 e 2021 através da participação em lives e na criação de dois documentários, materiais estes que serão analisados mais adiante.

Assim como seus antepassados, os integrantes dos ternos instauraram novos caminhos para demarcarem seus espaços e contarem suas histórias. Foi a partir dessa possibilidade do acesso às narrativas, ofertadas pelos próprios agentes da festa, que se tornou possível ouvir e compreender a particularidade da história de como surgiram os ternos de Piedade.

Abrindo os caminhos das falas ocorridas em 2020 e 2021, o antigo capitão e hoje presidente da Congada e Moçambique Hélio Castro inicia a narrativa demarcando o contexto histórico no qual surgiu a festa e logo em seguida outros discursos se somam ao dele como do zelador Romário Tomé, do segundo capitão Felipe Teodoro e do primeiro capitão Jonathan Rodrigo, respectivamente:

---

<sup>82</sup> Ibid. p. 103-104.

<sup>83</sup> MENEZES, Giane. *op. cit.* p.26.

<sup>84</sup> MONTEIRO, Lívia. *op. cit.* p. 123.

<sup>85</sup> COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. *op. cit.* p.79.

Hélio Castro: Ela começou em 1927, mas foi dado o início mesmo em 1928. Ela é vinda de Ibertioga. Nós somos filhos de Ibertioga.

Romário Tomé: Seu José Venâncio de Lima ele foi, que a gente chamava ele de Zé Perpétuo, ele era muito amigo do seu João Eugênio, que era capitão da Congada de Ibertioga. E naquela época eles tinham muitos costumes na roça de fazer festa, essas coisas, e eles iam a Ibertioga conhecer a festa. Pela proximidade dos dois. Quando ele chegou lá, que ele viu a Congada, ele se entusiasmou, que era algo dele também né. De certa forma ele se encontrou com o que viu lá. Só que lá não é uma cidade que está tão perto de nós, então ele pensou “ Se me conecta, vai conectar os meus amigos também. ”. Aí ele convidou o seu João Eugênio para vir a Piedade e ensinar aquilo que eles faziam lá a ele e aos amigos dele.

Felipe Teodoro: Eu tenho um carinho enorme com o grupo de lá. Sou muito bem recebido lá como eles são aqui. Nossa origem é de Ibertioga. Hoje o grupo reconhece, que a gente diz que eles são nossos pais né. Então, basicamente a gente veio de Ibertioga e hoje a gente tá de ombro lado a lado com eles.

Romário Tomé: No primeiro ano foi somente um ensaio digamos assim. Mas com tudo que a festa tem hoje, dos grandes elementos: a fé, que eles já tinham aqui em Piedade do Rio Grande, não no título de Nossa Senhora da Piedade, porque era uma coisa meio vasta, o povo só tinha devoção a Nossa Senhora da Piedade. Eles trouxeram a fé. Lá existiam as danças e os cantos que o seu João Eugênio ensinou e a dona Maria José que era esposa dele trazia comida, que são os pilares da festa. Então a fé existiu desde o início, a tradição traga por eles e a fartura, a comida.

Jonatan Rodrigo: Os capitães mais antigos, veio, ensinou os fundamentos, os cantos, tudo que foi passado para gerar essa Congada de 93 anos, que nós temos hoje aí. A gente traz os fundamentos que tem que ser seguidos. A gente traz música, mas dentro do que é feito, do Congado, não pode perder a tradição.

Hélio Castro: Ela começou em setembro, por conta das chuvas mudaram para outubro e aí ela veio para maio porque chovia muito. E o mês de maio já tem menos chuva.

Felipe Teodoro: No começo, não vou dizer experimento, mas vamos fazer tal mês, tal mês. Mas foi o mês de maio que realmente acolheu, que abraçou, que se fortaleceu e que se firmou e que está firmado. Então, o mês de maio por ser o mês de Maria também, tá inteiramente ligado.<sup>86</sup>

Os relatos apresentam algumas características preciosas do universo congadeiro da cidade mineira em particular. A primeira que de imediato ressalta aos nossos olhos é a informação de que a Congada de Piedade é “filha” de outra festividade, a da cidade de Ibertioga. A mais ou menos 35 km de Piedade, Ibertioga é outro município de Minas Gerais e foi lá que o primeiro capitão, o senhor José Venâncio, conheceu a celebração e se identificou, elaborando

---

<sup>86</sup> Entrevistas concedidas por Hélio, Romário, Felipe e Jonathan para o documentário Mostra: Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – Festival do Ingoma – Dia 3. 25 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XK1U-0Gxa2k>. Acesso em: 18/09/21.

então a ideia de levar para seus amigos e familiares aquela manifestação cultural, histórica e de fé.

A segunda característica fala sobre os ensinamentos passados pela Congada de Ibertioga ao novo grupo de Piedade. A relação com a fé no Rosário da Virgem Maria foi transmitida aos piedenses, pois na cidade até havia devoção à imagem de Nossa Senhora, porém de maneira mais abrangente e não orientada a Nossa Senhora do Rosário. As músicas e os cantos, assim como a fartura de comidas (forte traço das festividades negras), também foram passados para o grupo de Piedade.

A terceira questão é a tradição oral que constitui o cerne da festa, onde os fundamentos, as músicas, as performances e os louvores são ensinados pelos mais velhos, como explica o primeiro capitão Jonatan. Interessante perceber como a fala “Não pode perder a tradição” do jovem capitão demonstra a força da oralidade, pois ao longo do tempo da participação dos mais novos nas festas de Congada, estes vão aprendendo a importância da manutenção das bases que sustentam a celebração, assim como a conexão com sua ancestralidade.

A quarta e última particularidade elucida os motivos que levaram a festa a acontecer no mês de maio em Piedade, uma vez que as festividades de Congados ocorrem entre os meses de maio à outubro em diversas regiões de Minas Gerais. Unindo questões da variabilidade do tempo, com a devoção a Maria, o mês de maio foi escolhido para celebrar os três santos: Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês e São Benedito.

É interessante pontuar a seguinte perspectiva percebida com essas narrativas. Na construção da pesquisa da historiadora Livia Monteiro, as histórias sobre a origem da festa e as construções familiares e sociais dos congadeiros de Piedade foram contadas pelos mais velhos para a pesquisadora. Nos dias de hoje, através das redes sociais e da produção desse documentário, assim como a participação de alguns congadeiros em outras lives, foi possível ouvir essas histórias narradas pela geração mais nova dos integrantes da festa. Como destacado por Martha Abreu e Mathias Assunção, “os detentores da cultura popular/ cultura negra hoje participam também da cultura de massas, da escrita e do universo digital da internet.”<sup>87</sup>.

Dessa forma, conseguimos perceber claramente essa complexidade das novas relações construídas no tempo presente e como isso se tornou aspecto fundamental da pesquisa. Muitas

---

<sup>87</sup> ABREU, Martha; ASSUNÇÃO, Mathias. “Da Cultura popular à cultura negra”. In: Martha Abreu; Giovana Xavier; Livia Monteiro; Eric Brasil. *Cultura Negra, novos desafios para os historiadores*. Vol. 1, Niterói: Eduff, p.27, 2018.

características narradas nas falas de agentes centrais da festa puderam ser analisadas durante a pesquisa de campo que realizei em 2022 e registradas por fotos e vídeos que somam aos outros arquivos digitais disponibilizados na internet.

Composta por três pilares, a fé, o social e o cultural, como o zelador Romário Tomé elucidada, a festa de maio foi criada e ressignificada ao longo do século XX, ultrapassando diversas dificuldades e lutando por espaços nos quais nem sempre lhes foi permitido estar.<sup>88</sup> As memórias da escravidão e da liberdade são ritualizadas, cantadas e festejadas nos dias de celebração.<sup>89</sup> Em sua tradição, a festividade ocorre no último final de semana de maio tendo início na sexta-feira à noite e seu encerramento nas danças em volta da fogueira no domingo após a missa.

É a vez dos negros tomarem as ruas de Piedade do Rio Grande. A festa contagia toda cidade e modifica as dinâmicas da área central em que se encontram as igrejas, exatamente onde determinadas performances acontecem. Por três dias uma inversão hierárquica simbólica<sup>90</sup> ocorre, na qual homens pretos, vestidos com roupas brancas alinhadas, tocando seus instrumentos em louvor aos santos de devoção, ocupam um espaço de poder.

Os ternos de Congada, no sábado, e Moçambique, no domingo, perpassam vários espaços, mas alguns dos principais eventos são realizados entre o largo da igreja do Rosário e a matriz de Nossa Senhora da Piedade como, por exemplo: a fogueira que é montada e acesa todos os dias da festa na parte da noite; as performances ao redor da fogueira; a passada do cortejo com os reis congos; dentro da igreja a chamada de reis acontece com o pagamento das promessas feitas a Nossa Senhora das Mercês e Nossa Senhora do Rosário; a saída dos santos do salão paroquial próximo à matriz e as missas afro dentro da matriz na parte da manhã com a participação dos congadeiros-moçambiqueiros na liturgia e no coral.

Essa região é o espaço central e público da cidade e isso possui significados ritualísticos e políticos. A igreja do Rosário foi fundada em 1748, originalmente sendo dedicada a Nossa Senhora da Piedade. Localizada na praça Salvador Lourenço, nome do fundador da cidade, hoje constitui um patrimônio material de Piedade do Rio Grande.<sup>91</sup> Com seu estilo Rococó já passou por diversas alterações e pinturas ao longo dos anos, sendo colocada

---

<sup>88</sup> Entrevista concedida por Romário Tomé para o canal Centro Cultural Fundação CSN em 8 de ago. de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/centroculturalfcsn/videos/823531601519296>. Acesso em: 28/09/20.

<sup>89</sup> A expressão memórias da escravidão e da liberdade constitui parte do título da tese de doutorado da especialista Lívia Monteiro.

<sup>90</sup> COSTA, Patrícia. *op.cit.* 2012.

<sup>91</sup> <http://www.ipatrimonio.org/piedade-do-rio-grande-igreja-do-rosario/#!/map=38329&loc=-21.46803489671518,-44.19840224234895.17>. Acesso em: 27/07/22.

para restauração no ano de 2020. Durante esse processo, que ainda está em andamento, diversas características originais foram descobertas como a talha e pintura dessa natureza arquitetônica do século XVIII.<sup>92</sup>



Figura 3: Terno da Congada em frente a igreja do Rosário levando os reis Congos. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

Foi apenas com a construção da matriz em agosto de 1958, a qual recebeu o nome de Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, que a igreja mais antiga recebeu carinhosamente o nome de igreja do Rosário.<sup>93</sup> Enquanto na igreja do Rosário, foto acima, acontece a parte da festa de maio que é a chamada de reis e rainhas com o recebimento das promessas junto à chegada do rei e rainha Congos, na igreja contemporânea, foto abaixo, que os ternos irão passar a entrar no final da década de 1980 para participar das ritualidades litúrgicas levando os santos católicos no andor para a celebração das missas afro.

<sup>92</sup>

<http://www.piedadedoriogrande.mg.gov.br/noticia/23756/RESTAURA%C3%87%C3%83O%20DOS%20ALTARES%20DA%20IGREJA%20DO%20ROS%C3%81RIO%20-%20ANTIGA%20MATRIZ>. Acesso em: 27/07/22.

<sup>93</sup> <https://diocesedesaojoaodelrei.com.br/paroquia-de-nossa-senhora-da-piedade-piedade-do-rio-grande/>. Acesso em: 27/07/22.



Figura 4: Terno de Congada levando o andor de Nossa Senhora das Mercês em direção a matriz de Nossa Senhora da Piedade. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

Percebemos que é a partir daqui que a história da cidade é contada, somada ao rio Grande que corta a região. Dessa forma, de maneira consciente, o primeiro grupo da Congada e Moçambique ocupou esse lugar destacado e fundamentalmente histórico-religioso. As famílias congadeiras da época da fundação da festa vinham da zona rural onde seus antepassados trabalharam escravizados. Grande parte desses indivíduos, agricultores e analfabetos, construíram mais um laço de permanência através da fé mobilizando questões políticas e culturais.<sup>94</sup>

A reelaboração simbólica das hierarquias continua se fazendo presente quando chega o mês de maio. Atualmente grande parte das famílias congadeiras-moçambiqueiras moram no bairro chamado Biquinha, lugar marginalizado e negro da cidade de Piedade. Nesses três dias de louvor e ritos é possível ver vários homens pretos subindo as ruas em direção à área central vindos da Biquinha. É nessa região, que segundo a tradição religiosa, o primeiro nome da cidade “Águas Santas” surgiu devido a uma fonte que abastecia a população e possuía funções

<sup>94</sup> MONTEIRO, Livia. *op. cit.* p. 123.

terapêuticas.<sup>95</sup> Ainda nos dias de hoje essa fonte situada do lado de fora da gruta é um espaço de orações e promoção de ações por parte de coletivos sociais como lugar de memória.<sup>96</sup>



Figura 5: Gruta da Biquinha. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

Como dito anteriormente, a festa de maio acontece durante três dias no último final de semana do mês e o primeiro santo a ser adorado na celebração em Piedade é São Benedito. O santo negro é louvado desde os tempos coloniais e traz como mito fundador da santidade sua história de vida. Dentre as versões das narrativas existentes, São Benedito foi um escravizado que possuía o ofício de cozinheiro, o qual aproveitava do contato direto e irrestrito com a comida da igreja a qual servia para alimentar escondido outros cativos dos seus senhores. Ao ser pego, foi castigado até a morte tornando-se, dessa forma, uma divindade que sofreu as mesmas dores da escravidão que os antepassados dos congadeiros-moçambiqueiros e assim um “irmão negro” para os integrantes da festa.<sup>97</sup>

<sup>95</sup> MENEZES, Giane. *op. cit.* p. 24-25.

<sup>96</sup> Coletivo Raízes: grupo de moradores da região mobilizado por todas as idades que promovem limpeza, manutenção e conservação da gruta da Biquinha desde 2017. Disponível em: <https://instagram.com/cltvraizes?igshid=YmMyMTA2M2Y=> .

<sup>97</sup> MONTEIRO, Livia. *op. cit.* p. 48.

Geralmente vestidos com a blusa produzida para venda nos dias de celebração e com o lenço de Moçambique na cabeça, os congadeiros-moçambiqueiros dão início aos festejos na pequena cidade mineira. Sem os adereços e roupas mais específicos que distinguem Congada de Moçambique, sacralizam os instrumentos que vão repercutir as músicas e conectar o homem ao sagrado. Preparam o andor do santo com flores e pães, realizam uma procissão pelos caminhos da cidade e fecham a noite com a primeira missa afro e com uma performance de danças e cantos ritualizada ao entorno da fogueira.



Figura 6: São Benedito no andor enfeitado com flores e pães - Missa afro de sexta feira. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

O último sábado de maio é dia de Congada e momento de celebrar através da missa afro, rezas, procissão, cânticos, coroação de reis, pagamento de promessas, danças e ritos, a santa branca chamada de “mãe da libertação”. Nossa Senhora das Mercês possui como mito fundador a história da dominação islâmica da península Ibérica em 1218. Os muçulmanos obrigavam cristãos a renunciar a fé católica e diante dessa situação penosa para os religiosos, Nossa Senhora das Mercês teria aparecido para Dom Jaime I da Espanha e feito a solicitação da fundação de uma Ordem religiosa a qual possuía o objetivo de libertar esses cristãos escravizados pelos islâmicos e que eram enviados para o norte da África.<sup>98</sup>

---

<sup>98</sup> Ibid. p.53.

Com o toque da caixa e os sons da sanfona, a Congada pede licença para festejar e adorar Nossa Senhora das Mercês. As ruas de Piedade são tomadas pelos dançadores negros, em maior quantidade no período da noite devido ao sábado ainda ser dia de trabalho para muitos. Vestidos de roupa branca e toalha na frente da calça, fitas azul e rosa cruzadas no peito, que representam a aparição da Virgem Maria e seu manto sagrado<sup>99</sup> e seus chapéus ornamentados manualmente, celebram com muita energia a santa da libertação.

Por muitos anos a congadeira-moçambiqueira Francisca Braga, ex-Vice- Presidente da Sociedade, realizava com muito carinho a missão de fazer os chapéus dos dançadores. Infelizmente e com um pesar que tomou os corações da Congada e de toda cidade de Piedade, dona Chiquinha faleceu em outubro de 2021. A confecção dos chapéus foi assumida por Priscila Rodrigues, participante da diretoria da Congada e Moçambique. A foto relacionada abaixo representa o segundo evento do dia, que é a missa afro da manhã por volta das 10h, na qual congadeiros participam do coral e das leituras litúrgicas, além de performatizar na hora da entrada e saída do terno da igreja.



Figura 7: Missa afro dedicada a Nossa Senhora das Mercês - terno de Congada. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

---

<sup>99</sup> COSTA, Patrícia. *op. cit.* p.59.



Figura 8: Homenagem a Francisca Braga em frente à sua casa - terno de Moçambique. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

O terceiro e último dia do festejo acontece com os moçambiqueiros piedenses assumindo os rituais. Constituído pelos mesmos indivíduos, porém com energias e simbologias diferentes, o terno de Moçambique percorre os caminhos de Piedade com o tilintar dos guizos presos aos tornozelos, o batuque da caixa e os sons das manguaras se encontrando. Na concepção dos moçambiqueiros foi Nossa Senhora do Rosário que libertou os negros escravizados no dia 13 de maio de 1888. Através dos lamentos, a força da devoção no Rosário se apresenta na rememoração do mito fundador da festa, que já foi analisado no primeiro capítulo.

Os mesmos ritos que são promovidos no sábado pela Congada acontecem por Moçambique no domingo. O dia é iniciado com a construção da fogueira e a limpeza da praça, logo após vem a alvorada, missa afro com participação dos moçambiqueiros na liturgia e no coral, almoço, chamada de reis, procissão, missa na parte da noite e apresentação em volta da fogueira. Porém, ao mesmo tempo que toda a construção do dia é feita exatamente igual, a vivência, energia e significado do terno de Moçambique é totalmente diferente. Essas características que separam o que é Congado do que é Moçambique serão analisadas com mais profundidade no próximo subcapítulo, mas não poderiam deixar de ser mencionadas nesse momento.

É interessante perceber que a hierarquia é bem definida nos ternos, não apenas em relação aos cargos de capitão, zelador, rei, rainha, presidente, etc., mas também entre os santos de devoção. São Benedito é o irmão escravizado que operou o milagre de se salvar e salvar os seus iguais. É ele que auxilia a sobrevivência dos cativos no ambiente da escravidão, sem alterar

a ordem social estabelecida<sup>100</sup>. Já Nossa Senhora das Mercês representa a libertação de todo tipo de escravidão e por isso é louvada através de várias performances pelo terno da Congada em Piedade, inclusive sendo coroada dentro da igreja. Por fim, Nossa Senhora do Rosário representa a mãe que se compadeceu do sofrimento dos negros escravizados e os escolheu para removê-la da gruta. Ela promove uma transformação na atitude dos brancos para com os negros.<sup>101</sup>

Ao ser retirada do espaço de seu aparecimento, independentemente da versão do mito, a preferência de Nossa Senhora do Rosário simboliza a possibilidade de aceitação e reconhecimento dos negros escravizados.<sup>102</sup> A reconstrução dessa memória até os dias de hoje durante as performances dos moçambiqueiros reafirmam suas identidades negras em um “processo complexo de redefinição de espaços e articulação simbólica.”<sup>103</sup>

Presentes em diferentes discursos que foram proferidos nesses encontros e entrevistas online, as identidades negras dos congadeiros-moçambiqueiros mais jovens são ratificadas através de duas palavras muito frequentes: luta e resistência. No trecho da live do canal Centro Cultural Fundação CSN, que ocorreu no dia 8 de agosto de 2020, o atual zelador Romário Tomé demonstra as dimensões raciais da celebração na cidade de Piedade e as articulações que foram construídas pelos próprios congadeiros-moçambiqueiros que auxiliaram nessa afirmação de suas identidades:

Romário Tomé: Mas a resistência é muito grande, que com certeza, quando se fala de movimentos negros a resistência é muito grande. Porque o catolicismo ele tem um olhar branco, um olhar europeu talvez, é então é muito difícil de enfrentar, mas em Piedade nós temos grandes parceiros. Eu, quando falo da minha experiência, que foi com o padre Raimundo, que foi quem assim realmente escancarou a porta da igreja pra Congada entrar, porque ela antes, como eu disse, ela chegava até a porta da igreja, depois a porta da igreja foi aberta pra que a Congada entrasse e coroa-se, mas a Congada não participava dos rituais ali. Ela entrava, fazia o que tinha que fazer e saía. Com a chegada dele e a parceria com o padre Zé Paulo, a Congada pôde ir aos poucos tomando o lugar dela.<sup>104</sup>

Alguns tópicos chamam a atenção na fala do jovem congadeiro-moçambiqueiro. Observamos de imediato à referência da resistência da Igreja católica aos movimentos negros populares. A música que abre este capítulo traduz a história que a Congada e Moçambique de

---

<sup>100</sup> Ibid. p. 56.

<sup>101</sup> Ibid. p. 56.

<sup>102</sup> Ibid. p. 79

<sup>103</sup> ALVES, Rubens. *op.cit.* p. 148.

<sup>104</sup> Entrevista concedida por Romário Tomé para o canal Centro Cultural Fundação CSN em 8 de ago. de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/centroculturalcsn/videos/823531601519296>. Acesso em: 28/09/20.

Piedade do Rio Grande vivenciou, assim como outros ternos de Congado em Minas Gerais ainda experienciam. O trecho da canção "O senhor ia na igreja, era os pretos que levavam, o senhor entrava pra dentro, preto cá fora ficava" escancara o racismo que por 60 anos impediu os ternos de ocuparem seus espaços dentro da igreja para louvar Nossa Senhora do Rosário, das Mercês e São Benedito.

Logo em seguida, o zelador Romário apresenta dois padres que fazem parte da sua experiência na Congada e afirma que estes forjaram caminhos para uma nova vivência da festa em Piedade. Padre José Paulo foi pároco por 34 anos da paróquia da cidade e foi no ano de 1986, com a sua chegada, que as portas da igreja foram abertas de forma definitiva para a Congada entrar.

Essa abertura se deu de maneira moderada. Ainda não ocorria a missa conga, onde os congadeiros participam da liturgia da celebração, e nem os reinados negros dentro da igreja. Foi através do padre Raimundo e a ligação que este possuía com a Associação de Padres e Bispos Negros do Brasil, "que os congadeiros-moçambiqueiros se posicionaram de maneira distinta e assumiram um lugar dentro da Igreja Católica, sobretudo com a inclusão da missa afro em seus festejos."<sup>105</sup>

No encontro virtual que ocorreu dia 24 de junho de 2020 no canal da América cujo o tema foi "Festas de Congadas em tempos de pandemia", o segundo capitão Felipe Teodoro reitera a luta e a resistência dos congadeiros-moçambiqueiros ao manterem as tradições vivas, sendo ressignificadas a partir das experiências do hoje combatendo o racismo e os preconceitos que vivenciam negros e negras por todo o Brasil:

Felipe Teodoro: Hoje eu tenho comigo e passo para os membros que o Congado e Moçambique não é só a resistência cultural lá do tempo da escravidão não. Eu digo isso porque, não só quando a gente coloca a roupa branca, não só quando a caixa toca, a gente vem quebrando o racismo. Então o racista quando olha isso, por mais que ele tenha o preconceito, desperta algo nele. Seja curiosidade, seja mais ainda o preconceito ou falar "o que que esse bando de preto tá fazendo aí de branco. Que monte de macumbeiro é esse". O pessoal fala, o que não tem conhecimento e tem preconceito fala isso. Então, quanto mais o racismo ou o racista quer fazer isso, a gente bate a bengala no chão, bate o guizo no chão e a caixa soa mais alto. (...) Congada e Moçambique também é resistência, não só em cultivar os ancestrais, toda nossa parte cultural. A gente vem para quebrar e para dar um "tapa na cara" de quem é racista.<sup>106</sup>

As relações com a cidade e o povo de Piedade também são expostas no documentário exibido no ano de 2021, aproximadamente um mês após a realização da segunda festa, ainda

<sup>105</sup> MONTEIRO, Livia., *op. cit.*, p.180.

<sup>106</sup> Entrevista concedida por Felipe Teodoro para o canal da América em 24 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVRWFrF8Ixw>. Acesso em: 28/09/20.

em tempos de pandemia.<sup>107</sup> Novamente o antigo capitão, os dois atuais capitães e o zelador respondem como que foram construídas essas interações da festa com a cidade ao longo do século XX e suas narrativas mesclam palavras de acolhimento e denúncia.

Enquanto o senhor Hélio Castro e seu filho Jonatan Rodrigo mencionam a boa receptividade dos cidadãos piedenses, os jovens Romário Tomé e Felipe Teodoro levantam questões sobre o preconceito que enfrentaram, a luta travada para galgar espaços como a igreja e como resistiram por 93 anos, ao longo de várias gerações familiares, para que hoje sejam respeitados e até amados enquanto manifestação cultural negra de Piedade.

Jonatan Rodrigo: A cidade acolhe bem. A gente não pode reclamar. Sempre que eu ouvi falar, sempre acolheu. Até porque estamos tendo dificuldade para fazer a festa, o tambor toca o povo sai mesmo é porque ama. Então, a sociedade acolhe. Ela acolhe a Congada assim como a Congada acolhe a sociedade. Mas tivemos dificuldades antigamente. Hoje a prefeitura ajuda muito.

Hélio Castro: Falou em festa de maio, em qualquer lugar que vai pedir ajuda aí, você é bem recebido. E antes da prefeitura ajudar era só o pessoal da cidade mesmo, só arrecadação e patrocínio que tinha. Mas hoje a prefeitura ajuda muito.

Felipe Teodoro: Apesar do pessoal hoje abraçar e levantar a Congada também, seja por entendimento, seja por gostar, mas no fundo nunca foi assim, como nunca foi com preto né. Esse resquício vem. Até hoje é assim. Esse resquício, apesar da gente estar conseguindo mudar bastante nosso cenário.

Romário Tomé: Então, eu não vou saber te explicar direitinho a que ponto Piedade ama a Congada e a que ponto Piedade precisa da Congada. Esse precisar da Congada nos faz nos valorizar. Então os outros pés da Congada, que são a prefeitura e a igreja, caminham no mesmo ritmo. Eles amam, gostam, mas precisam mais ainda. Então o respeito eu acho que resume. Eles respeitam. Então hoje em dia a gente conquistou o nosso lugar. Digamos que a prefeitura não ajuda, a gente conquistou a ajuda. Nós somos um patrimônio imaterial, que é a Congada que anda que fala, e tudo que a gente tem é um patrimônio material, os nossos instrumentos, as nossas imagens. Então nós somos protegidos pelo bem público. Não sei se a gente depende tanto da boa vontade, mas são bem parceiros. Tudo que a gente solicita sempre estão à disposição, gostam, a gente não enfrenta dificuldade nenhuma em relação a ajuda com eles, na medida que eles podem. Mas foi uma conquista nossa.<sup>108</sup>

A cultura popular por si só é constituída por conflitos, negociações, resistências, diálogos e renúncias, todas ações políticas. As festas são momentos de encontros, afetos e reconexão com as raízes, que permitem o acesso à memória, aos sentimentos e às experiências

---

<sup>107</sup> Mostra: Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – Festival do Ingoma – Dia 3. 25 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XK1U-0Gxa2k>. Acesso em: 18/09/21.

<sup>108</sup> Entrevistas concedidas por Hélio, Romário, Felipe e Jonathan para o documentário Mostra: Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – Festival do Ingoma – Dia 3. 25 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XK1U-0Gxa2k>. Acesso em: 18/09/21.

vividas naquele contexto. Elas conectam os congadeiros-moçambiqueiros ao divino, aos seus ancestrais, ao cativo e uns aos outros no tempo presente. Fortalece laços e cria redes de apoio, onde se enxergam como uma grande família e cuidam uns dos outros. A abolição é reelaborada em cada festa e as memórias reconstituídas e renovadas vão de contra à chamada oficial.<sup>109</sup>

Como sujeitos dessa dissertação, e não objetos de pesquisa, os relatos desses congadeiros-moçambiqueiros demonstram a potência da oralidade e o entendimento da festividade através de narrativas próprias e colocadas em um meio público por escolha. Como explica Hampaté Bâ, “nada prova *a priori* que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração.”<sup>110</sup> Através dessa reflexão é que apresento ao longo deste trabalho diversos trechos transcritos desses encontros virtuais que ocorreram nos anos de 2020 e 2021 como mais uma maneira de compartilhar essas histórias congadeiras de existência e resistência.

Para finalizar esse primeiro ensaio sobre a Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande, apresento a seguir curtos trechos, os quais foram ditos pelos próprios congadeiros-moçambiqueiros, ao tentarem resumir o que significa a Congada na vida deles. Elaborando suas experiências de forma sucinta, conseguimos compreender os sentimentos e as energias que mobilizam os integrantes da festa. Acredito que apenas levemente, pois existem sensações que não podem ser explicadas em palavras e muito menos escritas nessa pesquisa.

Hélio Castro: Uma coisa que veio de geração para geração né? Que desde criança eu sempre fui curioso. Meu pai foi dançador, eu capitão. Eu sempre conversava com o pai, prestava atenção. Acho que é uma coisa que ninguém me tira mais agora não. É uma coisa muito boa que acontece na vida da gente. Em 1984, estava pra fazer 13, 14 anos. Vou fazer 52.

Felipe Teodoro: Estava com meus 4, 5 anos de idade. Meu pai, na mão ali. É uma coisa interessante que a gente vê até hoje, porque o moçambiqueiro ali, ele não tá com muita paciência. Não existe aquela coisa de ensinar “isso aqui é assim”. Não, você vai aprendendo, você vai observando e se aprende dessa forma. E eu lembro que meu pai, capitão dava meia lua, a turma corria, e ele vinha me puxando, parece que eu voava assim. Isso até hoje.

Romário Tomé: Eu sempre participei da Congada desde criancinha. Fui batizado na festa da Congada. Tudo circulava em torno da festa. Na minha família acontece assim. Só que hoje, eu tenho 30 anos, quando eu era menor criança não dançava na Congada. Só que minha avó sempre se vestiu de rainha. Os almoços aconteciam na casa. A gente morava na roça, aí na ocasião da festa alugava uma casa na cidade e dava a comida da festa na casa dela, num dos dias da festa. E nesse contexto ela teve câncer, quando eu tinha mais

<sup>109</sup> As memórias e histórias brancas, europeias, patriarcais e elitistas, que legitimaram o esquecimento de muitas outras histórias, como conceitua Thompson, vistas debaixo.

<sup>110</sup> BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. In História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África/ editado por Joseph Ki-Zerbo. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p.168.

ou menos uns dois anos, e ela prometeu a Nossa Senhora do Rosário se desse vida a ela, todo ano de vida que ela tivesse eu ia dançar Congado. Mas o até então capitão não autorizava de forma alguma, pois fazia e faz parte do Estatuto da Congada as regras, que vale pra todo mundo, promessa ou não. Então, ele disse assim “dançar ele não pode, mas se a senhora quiser fazer as roupas iguaizinhas da Congada pra ele e ele andar com o bandeireiro, pode”.

Romário Tomé: “Ela é o ritmo da nossa vida”.

Jonatan Rodrigo: Desde os meus 4 anos eu acompanhei a Congada. Venho acompanhando até hoje. Então pra mim é minha vida. A Congada pra mim é minha vida. Eu levo isso comigo. Se eu morrer dentro da Congada pra mim vai ser uma felicidade enorme, porque é o que eu faço, o que eu amo, eu vivo pra ela. Ela e minha família.

Jonatan Rodrigo: A caixa quando bate a gente se identifica. Na hora que a gente canta, a gente se identifica. Você sente. Sente uma emoção, você quer pular, você quer dançar. Parece que está te libertando. Te liberta alguma coisa.<sup>111</sup>

Vida, ritmo, família, ancestralidade, libertação, emoção, felicidade e tradição. Seriam essas as palavras que definem os ternos que performatizam com seus corpos em movimento, suas vozes ecoando na cidade e seus louvores aos santos católicos de maneira tão particular? Que resistem e lutam por seus espaços por nove décadas? Que cantam abrindo caminhos através da música e pedem licença ao divino através do clamor? As possibilidades são muitas, os significados diversos e as trajetórias que se abriram para essa dissertação só foram possíveis através dos próprios congadeiros-moçambiqueiros. Dessa forma, com uma conclusão ainda (sempre) em curso, finalizo a primeira parte deste capítulo que possui o objetivo de analisar as narrativas e ressignificações construídas pelos agentes da festa de maio.

## **2.2) Dois ternos distintos, mesmos indivíduos: as diferenças míticas e materiais de Congada para Moçambique**

As distinções entre as variações dos ternos remetem a tempos antigos, tempo esse que se encontra em uma esfera mítica. Já elucidado e analisado com mais profundidade no capítulo 1, a celebração a Nossa Senhora do Rosário em terras mineiras surge exatamente do mistério de sua aparição e é no processo da retirada da santa da gruta, ou do mar, que as diferenças se apresentam.

No capítulo Undamba Berê Berê, Leda Martins descreve uma das versões mais frequentes que são contadas sobre o transcurso do resgate da imagem de Nossa Senhora do

---

<sup>111</sup> Entrevistas concedidas por Hélio, Romário, Felipe e Jonatan para o documentário Mostra: Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – Festival do Ingoma – Dia 3. 25 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XK1U-0Gxa2k>. Acesso em: 18/09/21.

Rosário. Após a tentativa dos brancos de levarem a santa para uma capela construída pelos negros, a qual os mesmos não poderiam entrar, e a imagem retornar para o local da aparição, os negros assumem o protagonismo da história mítica. A ordem dos grupos que vão tentar retirar a imagem e louvá-la até a capela possui uma importância significativa:

Uma guarda de congo dirige-se, então, para a praia, e com seu ritmo saltitante, sua coreografia ligeira, suas cores vistosas, paramentos brilhantes e fitas coloridas canta e dança para a divindade. A imagem movimenta-se nas águas, alça-se sobre o mar, mas não os acompanha. Vêm, então, os moçambiqueiros, pretos velhos, pobres, com vestes simples, pés descalços, que trazem seus três tambores sagrados, os candombes, feitos de madeira oca e revestidos por folhas de inhame e bananeira. Com seu canto grave e glotal, seu ritmo pausado e denso, suas gungas, seus patangomes e sua fé telúrica, cativam a santa que, sentada no tambor maior, o Santana ou Gomá, acompanha-os, devagar, sempre devagar.<sup>112</sup>

Podemos perceber, portanto, que existe hierarquia entre os primeiros ternos que aparecem no mito fundador da celebração do Rosário. A ordem dos grupos e a escolha da santa fazem toda diferença para a compreensão das particularidades de cada terno. Patrícia Maranhão ao descrever as narrativas do seu João, congadeiro entrevistado na região da Serra do Salitre, demonstra as rivalidades entre os ternos sobre a tradição, autoridades e hierarquias. Novamente o Congo e o Moçambique ganham espaço de destaque nas histórias contadas:

A Nossa Senhora simpatizou um pouco com o Congo quando ele chegou lá, só que não saiu. Ela deu dois passos...Ele tem mais serventia que o Catopé, porque o Catopé chegou, cantou, ela achou engraçado, mas não saiu. O Vilão chegou e cantou também, ela só riu. Aí o Congo chegou, e cantou, e chamou, aí ela deu dois passos, mas só que ela não foi. O Moçambique chegou e chamou e ela foi, veio até a igreja. (...).<sup>113</sup>

Nas análises de Glaura Lucas sobre os congados de Arturo e Jatobá o Moçambique, o Candombe e o Congado aparecem respectivamente nesse arranjo hierárquico. Candombe por vezes aparece como grupo e outras como composição de tambores<sup>114</sup>. Nas narrativas dessa região, Candombe aparece como terno e que seria “o pai de todos os reinados aqui da terra”<sup>115</sup>, porém como ele não sai às ruas é Moçambique que recebe o primeiro lugar de destaque por ter resgatado a santa e logo quem conduz os reinados e cortejos.

<sup>112</sup> MARTINS, Leda., *op. cit.* p. 55.

<sup>113</sup> COSTA, Patrícia, *op. cit.*, p. 159-160.

<sup>114</sup> MARTINS, Leda, *op. cit.*, p. 55.

<sup>115</sup> LUCAS, Glaura. O ritual dos ritmos no congado mineiro dos Arturos e do Jatobá. XII Encontro da ANPPOM, 1999.

Os detentores dos mistérios, de toque mais devagar e movimentos precisos são os moçambiqueiros. É na resistência e tradição dos pretos velhos que residem a magia e o poder espiritual que carregam Nossa Senhora do Rosário. Em Piedade do Rio Grande não é diferente. Como a maior parte da pesquisa foi produzida à distância, não houve oportunidade da realização de entrevistas presenciais com os congadeiros-moçambiqueiros da cidade. Com isso, não posso precisar a maneira como a hierarquia é contada no mito fundador pelo grupo, uma vez que isso não aparece tão esclarecido no relato exposto no início do capítulo. Porém, isso não quer dizer que não sejam notórias a ordem e as diferenças que se expressam em Piedade.

Pela lógica dos dias que ocorrem a festa de maio podemos processar o prosseguimento da ordem dos ternos. Apesar de serem os mesmos indivíduos que compõem Congada e Moçambique na cidade de Piedade do Rio Grande, a Congada abre os caminhos no sábado com os sons da sanfona, pandeiro e caixa e seus passos mais leves e alegres para que domingo Moçambique possa passar carregando Nossa Senhora do Rosário batendo as mangueiras e os pés no chão com os guizos nos tornozelos. Congadeiro e moçambiqueiro não se cruzam, mas constroem toda a complexidade e movimento da celebração.

Em busca da compreensão dessa especificidade que ocorre na cidade do sudeste mineiro, as reflexões sobre caminhos de análise permeiam questões centrais das performances e tudo que as envolve. Seja pelos instrumentos musicais, as danças, a postura corporal e os semblantes dos rostos ou pelas canções cantadas, os santos louvados e a energia emanada, a Congada e o Moçambique expressam as multiplicidades da celebração em três dias de festejo que mais parecem uma existência particular com vida própria.

Entender essas dinâmicas diferenciadas em tantas frentes de análise seria com certeza um desafio enorme, além de alguns sentidos e características não serem possíveis de relatar, tanto por uma questão do mistério quanto pela própria lógica dos movimentos. Trabalhar as músicas, os instrumentos, as danças e os santos louvados é um percurso mais viável do que tentar demonstrar por meio de palavras as energias e expressões corporais que transmutam entre congadeiro e moçambiqueiro.

Considerando essas questões apresentadas e realizando escolhas de acesso mais tangível, apresentarei três materiais recolhidos: um por entrevista oral online com o segundo capitão dos ternos Felipe Teodoro<sup>116</sup>, o outro por transcrição do documentário A Congada e

---

<sup>116</sup> Entrevista concedida por Felipe Teodoro em 16 de maio de 2021.

Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia<sup>117</sup>, onde a parte musical-instrumental e das letras possibilitam a compreensão dessas divergências existentes entre grupos compostos pelas mesmas pessoas, e um terceiro também recolhido por transcrição da live Festas de Congadas em tempos de pandemia, onde diversas temáticas foram abordadas e por isso o uso dessa valiosa fonte em diferentes momentos da pesquisa pôde ocorrer.

Algumas considerações precisam ser apontadas sobre as fontes como: o objetivo da produção de cada uma, o tempo o qual foram feitas, os espaços que foram gravadas e as pessoas que se envolveram. O documentário A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia, como o próprio nome já sugere, foi gravado no primeiro ano pandêmico. Lançado em dezembro de 2020 no canal do Youtube Dionismar - Sala Studios, o documentário foi construído fora do tempo da festa e com o intuito de que o grupo conseguisse auxílio financeiro nesse período tão difícil.

Sabemos que todos os âmbitos sociais foram afetados no país e no mundo nesse período de pandemia da Covid19 e a cultura foi uma dessas esferas. Para tentar o auxílio disponível pela Lei Aldir Blanc (14.017/20) que buscou apoiar instituições, organizações, empresas e cooperativas de culturas comunitárias durante a situação de calamidade pública<sup>118</sup>, os congadeiros-moçambiqueiros produziram um material que demonstra a riqueza histórica e a cultura negra que existe e resiste em Piedade do Rio Grande.

Participam do vídeo um número reduzido de dançadores e participantes da diretoria, uma vez que o cenário não permitia grandes aglomerações. Intercalando momentos de canto, comunicação e dança com entrevistas, o documentário foi construído a partir da apresentação de 9 dançadores, dentre estes 7 sendo entrevistados e mais 4 integrantes do grupo que ocupam outros cargos. Em ordem, aparecem nas entrevistas: Francival Araújo (dançador - 29 anos), Hélio de Castro (presidente), Francisca Braga (ex-presidente), Ulissys Teodoro (dançador - 29 anos), Felipe Teodoro (2º capitão - 26 anos), César Augusto (dançador e caixeiro - 22 anos), Pedro Henrique (dançador e músico - 29 anos), Élson Donizete (Rei Congo - 61 anos), Maria Suely (vice presidente), Luiz Gabriel (dançador e caixeiro) e Gabriel Augusto (dançador).

---

<sup>117</sup> A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia. <https://www.youtube.com/watch?v=1F9iJuvQvE4&t=3124s> Acesso em: 08/08/2022.

<sup>118</sup> BRASIL. Lei nº14.017, de 29 de junho de 2020. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, edição 123, p. 1, 30 jun. 2020.

Com as indumentárias moçambiqueiras, portando as manguaras e os guizos nos pés, os dançadores entoam algumas das canções que são apresentadas no domingo de festa. Existe uma escolha sobre ser Moçambique que vai aparecer no documentário, tanto pela hierarquia como pela energia da resistência e mistério que estes carregam. Juntamente a isso aparecem também no vídeo um pequeno cenário ornamentado com elementos que simbolizam a festa de maio: manguaras, caixa, chapéus da Congada, sanfona, guizos, cesta de palha das oferendas, as imagens de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário e as bandeiras dos três dias de celebração com as figuras dos santos centrais do festejo. Todos esses componentes trazem significados e demonstram a força histórica do povo preto piedense.

Das diferentes falas e a variabilidade de assuntos, que mesclam a festa com a vida individual dos entrevistados, selecionei o trecho em que o dançador e caixeiro César Augusto diferencia os instrumentos e melodias de Congada e Moçambique:

César Augusto: Vou começar falando sobre os sons, que são as principais características ou talvez os símbolos da Congada e de Moçambique. Eles expressam sentimentos, ideologias, crenças, tradição, cultura e acontecimentos marcantes. A Congada ela possui um jogo de instrumentos maior, ou seja, disseram pra mim durante toda caminhada que antigamente a nossa Congada ela era composta por caixa, bandolim, sanfona, pandeiro e cavaquinho. Hoje em dia, para você que acompanha, ela só possui no jogo instrumental a caixa, o pandeiro e a sanfona. Já o Moçambique, ele tem um jogo de instrumentos totalmente diferente. Só utiliza a caixa, mas tem ali o uso de guizo e das manguaras. Eles formam ali uma harmonia que diferencia a Congada do Moçambique. Os ritmos são um pouco diferentes. A música na Congada e Moçambique ela é marcada, segundo Mário de Andrade, como o capitão sendo o principal solista. Ele, por exemplo, puxa a música e logo em seguida os dançarinos, os dançadores da Congada, eles repetem. Podem estar repetindo a mesma melodia e a mesma música, ou também compor, continuar a música com palavras diferentes. (...) Como eu falei, a música representa sentimentos, tradição, cultura, crenças, ideologias e acontecimentos também marcantes no período de escravidão. Uma das músicas mais clássicas e conhecidas da Congada e Moçambique aqui de Piedade é a de “Nossa Senhora do Rosário ela não falava, no dia 13 de maio ela deu sua palavra”. Mas não é somente isso. As músicas da Congada e Moçambique também representam a religiosidade e também homenageiam os santos que são cultuados e os padroeiros da Congada e Moçambique. Um outro exemplo também é “Que Santo é aquele que vem no andor? É São Benedito nosso senhor”. Ou também “Nossa Senhora das Mercês está com os seus braços abertos, abraçando os paroquianos e todos aqui dessa cidade”. São exemplos de música assim que são cultuadas e que fazem homenagem também não somente aos santos padroeiros, mas também a Jesus Cristo. O que diferencia a nossa Congada com as demais Congadas é o estilo que é tocado a caixa principalmente, porque musicalmente falando, as outras Congadas da região ela tem um batido assim que quase todos são parecidos. Já a nossa tem um estilo de ser tocado totalmente diferente, utilizando ali o guizo, a manguera no Moçambique,

abrilhanta muito mais ainda e dá uma outra característica diferente das demais (...). ”.<sup>119</sup>

De maneira prática, o dançador explica questões sobre os jogos de instrumentos musicais que são utilizados em cada terno, a harmonia que isso vai criar e os ritmos diferentes. A sanfona somada a caixa e o pandeiro traz leveza, alegria, melodias mais festivas e o movimento dos corpos correspondem a essa dinâmica sonora e energética. Enquanto que os instrumentos utilizados por Moçambique são a caixa, guizos e manguaras, o que transforma a sonoridade e a performance dos dançadores. Um jogo instrumental nunca entra no dia do outro, a não ser o uso da caixa. Não é possível brincar Moçambique com sanfona e nem dançar Congada com os guizos e isso é fundamental na compreensão da diferenciação entre eles como podemos observar nas imagens abaixo as quais demonstram de maneira significativa as diferenças de indumentárias e instrumentos.<sup>120</sup>



Figura 9: Terno de Congada - sanfoneiro em destaque. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

<sup>119</sup> Entrevista concedida por César Augusto para o documentário A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia, 31 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1F9iJuvQvE4&t=3266s>. Acesso em: 13/08/2022.

<sup>120</sup> Referência a fala do congadeiro-moçambiqueiro Romário Tomé na live Festas de Congadas em tempos de pandemia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVRWFrF8Ixw>. Acesso em: 19/08/2022.



Figura 10: Terno de Moçambique - destaque nos dançadores batendo as manguaras e os guizos nos pés. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

A forma de cantar também é ressaltada em sua fala e isso demonstra como “a música de Congado se desenvolve de acordo com a dinâmica flexível das tradições orais”.<sup>121</sup> O capitão puxa a música e os dançadores vão fazer coro em seguida enquanto dançam e se locomovem pelas ruas de Piedade. As tradições são mantidas e justamente por fazer parte da oralidade as transformações, respeitando os limites da aceitação culturalmente estabelecidos, por vezes mudanças vão acontecer dependendo das questões do tempo presente, sendo trazido para as letras algo que envolve todo o grupo, algum dos integrantes ou os capitães.

As temáticas das músicas como enfatizado envolvem elementos que remetem aos tempos de escravidão, sentimentos de sofrimento, lamentos e resistência, como podem apresentar também a fé nos santos católicos e em Jesus Cristo. Em algumas canções como “Nossa Senhora do Rosário ela não falava, no dia 13 de maio ela deu sua palavra” mesclam características marcantes como fé, o combate a esse passado escravista e/ou a celebração da liberdade.

<sup>121</sup> LUCAS, Glaura. *op. cit.* 1999, p. 3.

Esses cantos de Congada e Moçambique, como explica Felipe Vinhal em sua pesquisa na área de música sobre a Congada e a Festa do Divino em Niquelândia - GO, são “fixos, memorizados, nascidos num tempo que o grupo já desconhece. São reminiscências de um passado que remonta à escravidão(...)”.<sup>122</sup> Dessa forma, percebemos como música e memória estão atreladas às performances. As canções evocam um sentido de pertencimento através das memórias coletivas de um passado e um presente que os aproxima como seres históricos e/ou familiares, onde o lado emocional possui grande participação.<sup>123</sup> As músicas são artifício para denunciar a escravidão e suas violências, uma vez que, no sentido simbólico, o capitão ao cantar a memória estaria removendo as mordanças do tempo do cativo.<sup>124</sup>

O bate papo que aconteceu no formato online pelo google meet e foi compartilhado ao vivo pelo youtube no canal da América, teve diversos assuntos levantados que envolviam os ternos e a festa em tempos de pandemia e fora dele. A conversa contou com a participação de três membros da Congada e Moçambique, o segundo capitão Felipe Teodoro, o zelador Romário Tomé e a ex-vice presidente Francisca Braga, e duas professoras doutoras em História, Hevelly Acruche da UFJF e Lívia Monteiro da Unifal. Esse encontro, que rolou cerca de um mês após a festa de maio em seu primeiro ano nas condições de isolamento social, surge com os objetivos de promover a celebração, expôr como o grupo de Congado da região conseguiu se articular em circunstâncias tão diferenciadas e demonstrar que a fé no Rosário é um compromisso com o sagrado.

Através do diálogo de perguntas e respostas com revezamento dos integrantes da festa, das professoras e de quem acompanhava ao vivo pelos comentários do youtube, foram elaborados durante quase duas horas assuntos como: o que é a Congada, como eles a entendem, as diferenças entre Congada e Moçambique, a festa em tempos de pandemia, quais mobilizações construíram e quais ressignificações foram possíveis de serem realizadas diante desta situação, a violência do racismo e do preconceito vivido no passado e no presente e a relação de Congada com a Educação.

---

<sup>122</sup> VINHAL, Felipe E. Dias de festa e lutas de representações: música e identidades na Congada e na Festa do Divino de Niquelândia - GO. 2016. 320 f. Dissertação. (Mestrado em Música), Universidade Federal de Goiás, 2016, p.161.

<sup>123</sup> LUCAS, Glaura. *op. cit.* 1999.

<sup>124</sup> ASSIS, Simone de. *op. cit.* 2018, p. 3.

Quando perguntado pela entrevistadora o que é a festa da Congada e como eles a identificam, o zelador Romário Tomé exprime a diferenciação entre Congada e Moçambique de imediato:

Hevelly Acruche: Eu queria que os representantes da Congada de Piedade do Rio Grande explicassem para a gente um pouquinho o que que é a Congada, o que é essa festa e como é que vocês entendem ela.

Romário Tomé: Licença então, vamos lá. Enquanto grupo né Congada e Moçambique têm diferenças. Uma é uma dança e a outra é uma luta. Enquanto festa, ela é o símbolo maior da resistência e da luta dos negros piedadenses e de outras regiões, mas se reuniram aqui em especial. É em resistência ao preconceito sofrido, a não abolição, a tudo que massacra ainda a pele negra, o sangue negro, a carne negra né? Então, acredito que isso. A Congada é uma dança né, Moçambique uma luta, e estão juntos, não misturados, mas juntos no grupo em Piedade e quando eles realizam essa festa, quando nós realizamos essa festa, nós estamos lutando, resistindo e pedindo lugar e espaço no mundo.

Romário Tomé: (...) o Congado traz uma alegria muito grande pra gente. É como se você tivesse chegando de viagem na casa da sua mãe. Quando bate o Moçambique não. O seu coração te lembra realmente quem você é e onde te colocaram. E essa é a parte que mais diferencia. Uma música que é de Congada ela nunca vai entrar no Moçambique ou uma de Moçambique nunca vai entrar no Congado. Uma manguara nunca vai dançar Congada, assim como chapéu nunca vai dançar Moçambique. (...). São energias, são formas diferentes de manifestar o que eles viveram e o que a gente vive até hoje.<sup>125</sup>

Dançar e lutar são formas de resistência ao longo dos 94 anos dos negros piedenses. Lado a lado, Congada e Moçambique abrem caminhos de sobrevivência e demarcam seus lugares. Enquanto a Congada representa uma festa mais alegre, com o dançar mais suave e mais associado às negociações que os escravizados precisaram desenvolver para suas sobrevivências, Moçambique é o que chamam de “mais perigoso”. O moçambiqueiro lembra do tempo da chibata e da resistência na base da luta que seus ancestrais precisaram travar.

O segundo capitão Felipe Teodoro responde ao questionamento sobre as diferenças de um terno para o outro, reafirmando que as memórias que são trazidas por Moçambique são as das dores e tristezas da escravização.

Felipe Teodoro: O Congado ele é mais tranquilo. O Paulo Henrique, sanfoneiro, tem uma fala bem interessante. Diz que o Congado é o balanço do mar, aquela onda que vem bem tranquila. Já o Moçambique não. O Moçambique, o que ele vem trazendo expressa é o sofrimento, é o negro, é o cativo, é o lamento. Então, toda a parte musical ela se transforma. O Congado não. É uma parte mais tranquila, mais alegre como o Romário disse. O

<sup>125</sup> Entrevista concedida por Romário Tomé para o canal da América em 24 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVRWFrF8Iw>. Acesso em: 22/09/2021.

Moçambique não. É o lamento, é a tristeza do negro quando sofria na senzala, quando queria colocar para fora o que ele estava sofrendo. Então, essa é a grande diferença dos dois.<sup>126</sup>

Essa interação com o passado mobiliza ambos os termos e isso foi aprofundado na pesquisa após a entrevista virtual com o capitão Felipe Teodoro. Esse encontro no ciberespaço aconteceu exatamente 12 dias antes da festa no dia 16 de maio de 2021. Neste ano a celebração ainda não poderia ocorrer com a mesma proporção que tradicionalmente acontece. Além disso, a entrevista foi realizada com três indivíduos: eu, o capitão e uma das orientadoras desta pesquisa, Lívia Monteiro. Foram 4 horas de conversa, sendo 2 horas e 33 minutos gravadas por áudio e vídeo pelo Google meet.

A dinâmica da entrevista online envolve algumas questões e problemáticas que precisam ser apontadas. Os historiadores Ricardo Santiago e Valéria de Magalhães refletem sobre a temática onde buscam possibilidades de realização de entrevistas conduzidas de acordo com os princípios da história oral no ambiente digital.<sup>127</sup> O ponto mais crucial da metodologia de história oral envolve o encontro de dois corpos, suas subjetividades e saberes. O ambiente o qual o corpo se insere também é importante, assim como o tempo. O lugar, a mobília, os objetos em volta e como esse indivíduo interage com o espaço.

Por muito tempo os pesquisadores de história oral enfatizaram a importância da interação presencial das entrevistas para a formação e gestão de concepções. Com a situação da pandemia, a revisão dessas perspectivas parece ter sido possibilitada, uma vez que, com a crescente contaminação viral, não havia outra maneira de realizar presencialmente qualquer tipo de contato físico.<sup>128</sup>

A necessidade dessa entrevista se deu por conta do rumo inicial que este trabalho teria. A princípio, os objetivos rondavam ao entorno das possibilidades de inserção da Congada na educação como parte da exigência da lei 10.639/03, que garante o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas. Através das músicas, lamentos, entoadas e comunicações que acontecem na celebração, pretendia-se construir a relação entre saberes populares, acadêmicos e escolares. Por conta disso, foram realizadas perguntas direcionadas às

---

<sup>126</sup> Entrevista concedida por Felipe Teodoro para o canal da América em 24 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVRWFrF8Iiw>. Acesso em: 22/09/2021.

<sup>127</sup> SANTIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria B. de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre História e entrevistas à distância. Revista Anos 90, Porto Alegre, v. 27 – e2020011 – 2020.

<sup>128</sup> Ibid, p.4.

canções ao segundo capitão, refletindo posteriormente como poderiam ser trabalhadas dentro da sala de aula como parte da educação antirracista.

Com a mudança da perspectiva do trabalho a partir das necessidades dos tempos pandêmicos, principalmente, assim como o processo natural da produção acadêmica, que por vezes se desenvolve através de outros caminhos, a entrevista foi analisada de maneira diferenciada e utilizada neste momento para elucidar as dinâmicas distintas dos ternos de Congada e Moçambique. Dessa forma, essas questões que permeiam as discussões metodológicas sobre história oral e entrevista online construíram o seguinte questionamento: “Diante de uma possibilidade de se conseguir uma entrevista indispensável no modo online, mas não no presencial, deve-se descartá-la, por não cumprir as expectativas da interação corpo - a - corpo?”.<sup>129</sup>

Há cerca de um ano e meio atrás vivenciávamos o pico de número de mortos no país pela Covid19. Pensar em visitar a cidade de Piedade do Rio Grande e entrevistar pessoalmente vários congadeiros-moçambiqueiros que não me conheciam estava fora de questão. O único meio possível de acontecer essa interação e esse primeiro contato foi através do espaço digital, tanto por whatsapp, instagram, como posteriormente pela entrevista. Essa interlocução foi promovida pela co-orientadora da pesquisa, Lívia Monteiro, doutora especialista na área, piedense e que conhece os integrantes dos ternos a vida toda.

Não aproveitar a oportunidade do caminho aberto até a Congada e Moçambique de Piedade, mesmo que de maneira online inicialmente, e não levar em conta a importância do material narrativo desse momento seria uma grande problemática para o desenvolvimento da pesquisa. Através desse contato remoto com o segundo capitão Felipe novas portas se abriram e novas conexões foram feitas. Santiago e Magalhães fortalecem o argumento apresentado ao afirmarem que “a mera conveniência do pesquisador, por exemplo, não deve ser tomada como justificativa plausível para sua adoção. Porém, as novas tecnologias não podem ser ignoradas, sobretudo em situações nas quais consistem na única forma de viabilização da pesquisa.”.<sup>130</sup>

Na realização da entrevista virtual estávamos cada um em seu lar, o que possibilitou um ambiente descontraído e tranquilo para a dinâmica da conversa. O entrevistado tinha noção total da pesquisa que estava sendo realizada, assim como nos atentamos em pedir a autorização do uso da gravação. A proposta não era analisar o ambiente, a maneira como ele estava vestido

---

<sup>129</sup> Ibid, p.8.

<sup>130</sup> Ibid, p.11.

ou se portava diante da câmera, mas sim perceber o que estava sendo contado e a maneira como isso acontecia. A entonação na voz e a percepção sobre o semblante dele em determinados momentos da entrevista foram captados como parte da leitura da linguagem corporal, assim como o aparecimento de emoções e afetuosidade durante as narrativas.

Não por acaso o capitão Felipe foi escolhido para ser o entrevistado<sup>131</sup>. Pelo fato de ocupar um espaço fundamental de liderança no grupo, ao lado do primeiro capitão Jonatan Rodrigo (27 anos), e por ser um jovem de 26 anos, Felipe Teodoro possui facilidade e intimidade com os recursos digitais. Por ter participado da maior parte das lives e dos dois documentários, já dominava a interação com a produção de materiais online e com a dinâmica de ser filmado e entrevistado remotamente.

Iniciamos a entrevista por volta de 16h30 da tarde e das perguntas selecionadas a primeira trazia o foco justamente no significado das canções para ele:

Juliana Otero: Quais são os significados das músicas que são cantadas nos dias de festa para você?

Felipe Teodoro : As músicas basicamente, tanto na Congada quanto no Moçambique, eu diria que é um lamento. Na verdade, tem a diferença da Congada para o Moçambique. Na Congada é uma parte mais alegre do grupo, eu diria isso, e no Moçambique realmente o lamento do povo negro. No Congado, as músicas, as canções, que a gente fala e retrata é uma parte mais alegre do reinado né. Onde a gente fala do rei, da rainha, da princesa, dos príncipes. Então é uma forma mais tranquila que a gente quer transpassar para as pessoas que estão ouvindo. Na verdade, nem para as pessoas que estão ouvindo porque é algo que é nosso. Muitas vezes as pessoas me perguntam o que é, o por que, ou até mesmo não entende, mas na verdade é um dialeto nosso né. Então, quando as pessoas não entendem, eu de vez em quando faço até uma brincadeira com as palavras, eu falo outra coisa, invento outra coisa ali, porque é algo que é muito nosso, mas ao mesmo tempo tem que tá com o ouvido em pé ali para entender. Tanto as músicas, como canto, como o batido da caixa, do pandeiro, do violão têm todo um significado. Então as músicas têm esse ensinamento que a gente está querendo passar uma coisa que a gente já viveu, lá atrás, nossos antepassados e nossos ancestrais passaram e a gente vem trazendo até hoje essa história cantada. Eu diria que é uma história cantada.<sup>132</sup>

---

<sup>131</sup> Foram pensados outros integrantes para serem entrevistados ao longo dos anos de pesquisa, mas algumas dificuldades surgiram pelo caminho e esses momentos não aconteceram. Pude conhecer outros integrantes, a maioria mais nova na faixa etária entre 20 e 30 anos, e conversar bastante com eles. Porém, esses encontros e bate papos foram feitos de maneira informal e não gravados em formato de entrevista. Acabaram auxiliando no aprofundamento de temáticas e percepções sobre a festa de maio, mas não estão aqui como transcrição e material analisado como história oral.

<sup>132</sup> Entrevista concedida por Felipe Teodoro em 16 de maio de 2021.

Foi no primeiro trecho da única entrevista realizada nesse processo da pesquisa que o termo “História cantada” apareceu e de pronto tomou o espaço de título da dissertação. Essa escolha é também uma homenagem ao capitão Felipe Teodoro por todo apoio, parceria e auxílio nesses dois anos de trabalho acadêmico intenso e gostaria de deixar destacado na pesquisa.

Analisando o trecho acima podemos perceber que ao perguntar sobre os significados já conecta diretamente com a separação do grupo em terno de Congada e terno de Moçambique. Nas músicas de Congada fala-se sobre o reinado, suas posições, conta-se histórias de maneira “mais tranquila”, como o capitão mesmo diz. Isso não quer dizer que sejam histórias fáceis de serem faladas, pois cantam também sobre o passado escravista. O lamento do moçambiqueiro já é diferente. É o choro e sofrimento de gerações que se encontram naquele tempo de conexão com a ancestralidade, onde memórias são revividas e re-atualizadas.

A comunicação através do canto ocorre nesses momentos e nem tudo é para ser entendido por todos. Conseguimos compreender que além das ligações com seus antepassados, a troca entre os congadeiros-moçambiqueiros também é realizada através das canções e movimentos. Glaura Lucas ao escrever sobre os diálogos internos das performances argumenta sobre as expressões musicais, os gestos corporais e os sons dos instrumentos e como estes possuem relações com o ambiente de interação espiritual e social. Contextualiza esse espaço de interações no passado escravista, o qual os africanos e afro brasileiros escravizados se comunicavam e se compreendiam construindo meios de trocas, liberdade momentânea, de ressignificação cultural e religiosa, além da resistência.<sup>133</sup>

O capitão ao brincar com as palavras em certos momentos da festa orchestra significados ocultos para os espectadores. Essa articulação consciente é analisada por Glaura Lucas quando disserta a respeito das intencionalidades dos negros escravizados, pois para se comunicarem sem que as autoridades, estrangeiros ou senhores soubessem o que estavam falando ou expressando com os corpos, criavam mecanismos de linguagem e gestos durante as manifestações, inclusive nas festas religiosas. A manutenção dos mistérios e essas comunicações particulares que não são compartilhadas com aqueles que assistem a movimentação dos ternos são elaboradas “criativamente como enigmas contendo múltiplos sentidos”.<sup>134</sup>

---

<sup>133</sup> LUCAS, Glaura. *op. cit.*, p.56.

<sup>134</sup> *Ibid*, p.58.

Ainda sobre a questão das diferenças entre os ternos e as músicas de cada dia, realizei o seguinte questionamento a partir da dificuldade encontrada na transcrição das canções:

Juliana Otero: Nas músicas de Congada podemos identificar mais facilmente a composição das letras. Já nas músicas de Moçambique a compreensão é dificultada tanto pela forma de cantar, quanto pelo uso do guizo. Existe um significado por trás disso? Existe uma intencionalidade de cantar músicas dessa forma para que o mistério seja mantido?

Felipe Teodoro: Com certeza. Com toda certeza. Eu tenho essa preocupação de manter o segredo. E a molecada mais velha agora já vem compreendendo também. Porque isso não era normal de ser passado. Eu sei porque meu pai me passava. O Jonathan sabe porque o pai dele passou. Porque assim, quando a gente entrou, nossa geração, só entrou por causa da influência dos nossos pais (...).

O “não dito” ou dito de uma maneira a qual somente os congadeiros-moçambiqueiros entendem o comunicado também é uma forma de passagem do conhecimento. Através de sinais e gestos, o grupo responde ao comando dos capitães. O mistério permanece nas entrelinhas enquanto a Congada dança e o Moçambique brinca pelas ruas de Piedade do Rio Grande.

Os saberes e os conhecimentos são transformados e/ou ressignificados naquele instante da performance pelos capitães junto ao toque dos instrumentos. O “rezado cantado”<sup>135</sup> ou entoado associa-se às capacidades mágicas dos instrumentos rituais, que recebem o encanto no momento de fabricação e também na sua preparação nos tempos de festa.<sup>136</sup> Ao perguntar sobre os equipamentos musicais ao capitão Felipe e quais emoções sente ao escutar os sons, descreve de maneira expressiva vários sentimentos:

Juliana Otero: Sobre as questões dos instrumentos, o que você sente quando escuta os sons dos instrumentos? Existe uma conexão com a ancestralidade, com antepassados? Que tipo de sentimento é esse?

Felipe Teodoro: Os dois que eu sinto mais é a sanfona, que é no Congado, que é uma coisa que mexe com a gente de imediato. No Congado têm a sanfona, a caixa e o pandeiro e no Moçambique têm apenas a caixa. Então, pra mim, na Congada quando o sanfoneiro puxa a primeira ali é diferente. O sentimento de alegria quando sai a primeira nota da sanfona. Eu sinto paz. É uma coisa que passa pra gente. Hoje mesmo eu mandei pra Lívia de manhã. Porque o Tumé falou assim “vem cá pra nós fazer um barulhinho aqui” aí eu falei assim “vamos”. Na hora que ele já deu a primeira puxada na sanfona falei assim “caramba Tumé, pelo amor de Deus”, porque desperta aquela coisa, enche o coração mesmo. Desperta muito isso. Essa alegria, essa paz e tranquilidade. Aí quando vem a caixa, com a sanfona fica um pouco mais tranquila, apesar do toque ser o mesmo do Moçambique, os toques são os mesmos, ela dá uma quebrada naquela tristeza da caixa, do tambor, seja como o pessoal queira

<sup>135</sup> MARANHÃO, Patrícia. *op. cit.* p. 178.

<sup>136</sup> *Ibidi*, p. 212.

denominar. No Moçambique é só a caixa, aquele barulho seco, aquilo ali me dá tristeza, apesar de eu gostar muito, de amar tudo aquilo que eu faço, mas é um sentimento de profunda tristeza. Eu me coloco muito naquele momento ali como eu falei nas músicas, a caixa também é um lamento. O barulho dela desperta muita coisa. Para algumas pessoas a felicidade, a alegria. Vejo muito isso no pessoal lá em Piedade. A caixa desperta muito sentimento bom e isso é bom e acho isso muito bacana. Mas pra gente que está inteiramente ligado, quando ela toca sozinha tem outro sentimento do que tem para a comunidade, para os dançadores, os moçambiqueiros ali. Ela tem outro sentido. E para mim não seria diferente. Por diversos fatores que me levam estar ali no grupo, então a caixa me dá também uma certa tristeza, às vezes solidão dependendo da música que estamos cantando, tocando, do movimento que estamos fazendo. Então é um misto (...) A caixa que vem acompanhada do guizo é um conjunto assim fantástico, mas diria que vem pra rachar o coração no meio. Tem que ter pulso firme para aguentar.<sup>137</sup>

Com certeza o momento em que a entrevista foi realizada, no segundo ano em que a festa não poderia acontecer conforme a tradição, com todos os ritos e momentos da celebração, os sentimentos estavam mais aguçados e fragilizados. Quando o capitão se referencia ao “Tumé” está comentando sobre um momento que teve com o primeiro capitão Jonatan Rodrigo e como os sons da sanfona e da caixa em circunstâncias de tantas dores e perdas como as da pandemia, traziam novos significados para o toque dos instrumentos. Porém, existem significados que vão além e que já foram construídos ao longo de muitas décadas, tempo este antes mesmo do nascimento dessa liderança jovem congadeira.

É interessante perceber a separação que ele promove na narrativa sobre o que é sentido pelas pessoas que gostam e acompanham a festa na cidade e por eles, integrantes do grupo. A mescla dos sentimentos e as diferenças que os compõem podem ser percebidas na distinção entre Congada e Moçambique para os congadeiros-moçambiqueiros. Enquanto escutar o sanfonado somado a caixa remonta a uma sensação de tranquilidade e paz, a caixa seca do Moçambique dói o peito, parte o coração e faz lembrar de um passado dolorido. Isso é complementado pela pergunta da professora Lívia quando realiza o questionamento sobre o guizo que acompanha os sons no dia de domingo em Piedade do Rio Grande:

Lívia: E o guizo? O barulho do guizo é o que para você?

Felipe: O guizo é pesado, viu? Ele é igual a caixa pra mim. Porque ele basicamente significa...gosto quando o pessoal me pergunta. Falo bem basicamente, quando o preto ia fugir, o senhor colocava a corrente, colocava vários adereços aí no pé do preto para quando ele fugisse na mata ser achado mais facilmente. Então, isso é muito pesado né? A simbologia. A gente carregar esse símbolo, caramba, além de ser muito triste é muito pesada. E o som ele é marcante né Lívia? A Lívia conhece de perto, o som é muito

---

<sup>137</sup> Entrevista concedida por Felipe Teodoro em 16 de maio de 2021.

marcante. Você escuta de longe, de longe, de longe. O guizo pra mim é mais do que uma peça, ele é fundamental ali no Moçambique. O Moçambique sem o guizo não é Moçambique. Mesma coisa com a bengala. Aquele bastão ali é uma arma. Se for ver história antiga aí, filmes ou até mesmo o que a gente vê claro aí na época, a gente não tinha arma. O senhor de engenho, os coronéis, tudo tinha arma e os pretos tinham o que? O braço e a perna. O braço para lutar, a perna para correr, pra jogar uma capoeira. (...) Então retrata muito isso, tanto o guizo quanto a bengala tem sua importância pra gente. E o guizo é muito importante pra mim porque eu herdei do meu pai na verdade. O pessoal antigo sempre cada um tinha o seu, os dançadores mais velhos. E é um guizo diferente dos demais que tem hoje. Porque a gente fez uns guizos a uns anos atrás e não é o mesmo som. Dá uma diferença de som daqueles guizos antigos com os guizos mais modernos. Então, quando meu pai faleceu, acabou ficando pra mim esse par de guizo. Quando eu uso, pra mim tem outra importância também. Não só pelo fato da Congada, do Moçambique, que já tem a história por trás, mas pelo meu pai também ter usado. Está inteiramente ligado a essas duas histórias.<sup>138</sup>

A associação do guizo com as correntes da escravidão é uma simbologia muito forte sobre não esquecer aqueles que vieram antes deles, que resistiram, lutaram e se eternizaram na re-existência da festa de maio. As bengalas, que também são chamadas de bastão ou manguaras, fazem parte dessa constituição do Moçambique que precisa ser misterioso e perigoso diante das violências e perigos. A função do bastão “é primordial na medida em que ele controla o terno e defende o grupo, além de ser um símbolo de poder e comando para quem o conduz.”<sup>139</sup>

Na batida da manguara o saber também é transmitido. Um conhecimento que interliga passado e presente, movimentos de guerra e lavoura, que transpassa a memória dos antepassados para os descendentes e que envolve fé e resistência. O mistério que constitui a celebração está atrelado aos antigos e toda sabedoria que possuíam e passaram a frente. O fazer lembrar através das músicas e lamentos, assim como no uso dos guizos e bastões, coloca o povo negro piedense em um lugar de protagonismo da história local, regional e nacional. A professora Lívia fez um questionamento ao capitão sobre essa decisão dos antepassados da celebração e a resposta dele endossa essa perspectiva:

Lívia Monteiro: E você acha Felipe que o povo antigo, tanto os que foram escravos ou que descenderam, você acha que em algum momento eles falaram “a gente quer”, pois eu tenho essa sensação que eles quiseram fazer lembrar através dos guizos, da música. Não deixar que isso fosse esquecido, entende? Nós estamos aqui em 2021 conversando com você, sentindo isso. Porque a Juliana sentiu isso. Assistiu o filme e foi do filme que ela ficou encantada. Acho que a muito tempo atrás esse grupo, não só dos fundadores, mas quem veio antes deles quiseram que isso permanecesse.

Felipe Teodoro: Eu acho que sim Lívia. Acho não, tenho certeza. Porque alguém teve a cabeça pensante, para pensar nisso, entendeu? Da mesma forma

<sup>138</sup> Entrevista concedida por Felipe Teodoro em 16 de maio de 2021.

<sup>139</sup> MARANHÃO, Patrícia. *op. cit.* p. 213.

que a gente se reúne hoje e começa a fazer projetos ou ideias, naquela época também tinha. Sabe? Pra mim isso sempre vai existir. Independente da época. “Porque era uma época menos avançada ou pessoal mais antigo, não tinha esse costume”, não, acho que cada um vai progredir da forma que tem que ser. As coisas acontecem da forma que tem que acontecer. Eu acho sim que tiveram essa preocupação sim, de deixar isso. Eu fico vendo que a gente não conseguiu achar os livros que tinha da Congada e Moçambique com canções, com costumes (...) E a gente não conseguiu achar, mas houve essa preocupação sim de deixar o ensinamento. É uma preocupação minha também hoje.

Lívia: Você ensina os mais jovens?

Felipe: Sim. Porque meu tempo tá curto aqui. (...) Eu tenho que passar porque a gente sabe do tempo da gente. As vezes fica na correria, trabalho, família, pandemia, que a gente esquece de pensar na gente mesmo, mas eu tenho feito bastante isso, tenho me conectado muito comigo mesmo, me conectado com muita coisa boa. Eu passo sim porque a gente ficou um pouco com esse déficit, tem muito conhecimento e ensinamento, mas a gente ficou um pouquinho com esse déficit. Pessoal foi morrendo, os mais velhos, a gente foi perdendo. O Zé Luiz eu consegui aproveitar ele bem. Tem uma gravação aqui no meu telefone de uma hora e meia que eu consegui gravar lá em junho do ano passado. (...) Fui lá na biquinha um dia falei “Ô seu Zé”, ele “Chega pra cá o nego”, perguntei “Posso gravar o senhor?”, “Isso vai pra onde?”, disse “Não, preocupa não que é pra mim sô”. Ele sentadinho na escadaria dele lá, estava igualzinho o preto velho né, que ele era, ai fui perguntando, comecei ali como quem não queria nada. Perguntei da gruta, da biquinha. Deu uma hora e trinta de entrevista, eu gravando na mão assim e a gente conversando.

Seu José Luiz era o dançador mais antigo da Congada e Moçambique da cidade até fevereiro de 2021. Partiu deixando um legado, uma missão e passou adiante sua força de moçambiqueiro para os que ficaram. A oralidade sendo o fio condutor do seguimento da história negra de Piedade, através do exemplo, da fé no Rosário e da conversa.

A entrevista com o capitão Felipe Teodoro rendeu diversos assuntos e possibilitou o amadurecimento das diferenciações entre os ternos. Houve momentos de conversa mais séria, outros de assuntos mais suaves e alegres, o que demonstra de maneira orgânica as complexidades da Congada e de Moçambique, além de evidenciar que as entrevistas online podem funcionar para análise das narrativas. As músicas ensinam e abrem caminhos. Os lamentos entoados também. A comunicação foi feita até onde foi permitido ser. Talvez se a entrevista tivesse sido presencial, em tempos de festa e em outra realidade que não a pandêmica, teríamos outros trajetos se abrindo e novos questionamentos a serem feitos. Portanto, encerro esse capítulo deixando em aberto, pois como foi orientado pelo capitão, no tempo certo algumas coisas podem ser esclarecidas e outras não. Congada e Moçambique é mistério.

Figura 11: Moçambiqueiro José Luiz. Foto: Lorena Gouvêa.<sup>140</sup>



---

<sup>140</sup> Foto disponível em: [instagram.com/congadae](https://www.instagram.com/congadae)

## **Capítulo 3**

### **EM TEMPOS DE PANDEMIA: AS LIVES, ENTREVISTAS ONLINE E A MÚSICA COMO CONEXÃO**

Se a morte não me matar, tamborim

Se a terra não me comer, tamborim

Ai ai tamborim

Para o ano eu voltarei tamborim, tamborim<sup>141</sup> (2X) (capitães) (coro)

Refletindo sobre o potencial dinâmico das culturas populares e de como o povo faz e refaz sua própria cultura<sup>142</sup>, apresento os caminhos que se abriram nesta pesquisa a partir das ressignificações construídas e traçadas no tempo presente pelos congadeiros-moçambiqueiros de Piedade do Rio Grande no contexto da pandemia do Covid-19.

Esse terceiro capítulo foi elaborado através da etnografia da vivência virtual e em presença da festa de maio dos anos de 2020, 2021 e 2022. Dentro do possível, que foi acompanhar a celebração do Rosário através da tela do computador e assistir todas as missas, lives, entrevistas online e documentários produzidos ao longo desse tempo, desenvolver essa parte da pesquisa se tornou o cerne dela. A construção de novas estratégias feitas pela Congada e Moçambique possibilitou a transformação deste trabalho. Isso demonstra como a festividade tem vida própria que é reelaborada pelos agentes históricos que a orquestram.

A maior participação nesses recursos online foi feita pelos mais jovens, entre a faixa etária de 20 à 30 anos. Nessa geração nova de congadeiros-moçambiqueiros percebe-se a relação entre a festa e noções de resistência. Veremos que durante as narrativas, palavras como “luta” e “resistência” se fazem presentes a todo momento. É importante fazer essa colocação, uma vez que não tendo sido possível realizar entrevistas presencialmente para o desenvolvimento da pesquisa e os mais velhos quase não aparecerem nesse formato digital por conta das dificuldades com as redes sociais, não posso afirmar que essa seria a mesma forma de narrar as histórias da celebração se fossem elaboradas pelos congadeiros-moçambiqueiros mais antigos.

---

<sup>141</sup> Canal Narre Produções. Disponível em: [NARRE PRODUÇÕES - YouTube](#). Acesso em: 27/08/2021.

<sup>142</sup> THOMPSON, E. P., *Costume e cultura*. In *Costumes em comum*. Companhia das Letras, 1998.

Vimos o mundo parar em 2020 após a propagação de forma desenfreada e acelerada do coronavírus. Fechou quase tudo: comércio, escolas, igrejas, empresas, shopping, praias, trilhas, aeroportos, fronteiras e pontos turísticos. O pânico tomou conta do país e do resto do planeta. Nos vimos enclausurados, saindo apenas para garantir a sobrevivência com a compra de alimentos e alguns serviços essenciais. Como seres sociais e com necessidade em viver no coletivo, “fugimos” para os encontros online, as chamadas de vídeo, o home office e as lives.<sup>143</sup> Essa busca por novas formas de contato passa a ocorrer por vezes pelas obrigações de trabalho ou por motivos educacionais, mas também para mantermos vivos os elos que nos conectam aos amigos e aos familiares.

Justamente nesse momento delicado e crítico, o divino “entra” nas redes sociais. Missas, cultos, encontros espirituais e outras ritualidades que envolvem a fé e devoção passam a ser transmitidas pelo Facebook, Instagram, Youtube e Google meet. Dessa forma, com a impossibilidade do encontro presencial para a realização das festas de Congada, articulações e negociações foram realizadas para que a celebração não deixasse de acontecer. O compromisso com o divino movimenta os congadeiros-moçambiqueiros há 94 anos e esse elo com Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês e São Benedito é mais antigo ainda. Mesmo com a necessidade da reinvenção da celebração, ela não poderia deixar de acontecer.

Foi dessa forma e pensando também em construir memórias públicas sobre a festa de maio, que os congadeiros-moçambiqueiros de Piedade do Rio Grande participaram de três lives no ano de 2020<sup>144</sup> onde responderam perguntas, contaram sobre as tradições da festividade e relataram quais foram os mecanismos que elaboraram para que mesmo em circunstâncias tão difíceis, seus santos de devoção não deixassem de ser louvados. Além das lives, produziram também dois documentários nos anos de 2020 e de 2021.<sup>145</sup>

---

<sup>143</sup> Importante reflexão que gostaria de deixar marcada nesse parágrafo é sobre as diferenças das vivências nesse período. Por mais difícil que tenha sido seguir por esses “caminhos” online, só pôde realizar essa ação aqueles que possuíram a escolha de fazer. Muitas pessoas, entre adultos, adolescentes e crianças, não têm acesso a internet boa, equipamentos digitais, renda para se manter em isolamento social, etc. Como neste subcapítulo será trabalhado o caminho de pesquisa que se abriu a partir das festas congadeiras compartilhadas pelas redes sociais, acredito ser fundamental marcar essa questão para que não seja romantizado esse momento doloroso, triste e de crises que vivenciamos em nosso país.

<sup>144</sup> Live página do Facebook Centro Cultural Fundação CSN. Diálogos da Cultura Popular. 8 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/centroculturalfcsn/videos/823531601519296>.

Live canal da América. Festas de Congada em tempos de pandemia. 24 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVRWFrF8lxw>.

Live canal SescBrasil. As festas de congadas no contexto da COVID-19: estratégias, experiências e sentimentos. 3 de setembro de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/Fn0plsc4BBI>.

<sup>145</sup> Documentário: A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia. 31 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1F9iJuvQvE4&feature=youtu.be>. Acesso em: 30/08/2022.

Outra estratégia pensada foi a transmissão das missas através da página do Facebook e Youtube da Paróquia local e da rádio de Piedade do Rio Grande, o que possibilitou que congadeiros-moçambiqueiros e piedenses que não residem mais em Piedade pudessem assistir e estarem presentes de maneira virtual, assim como os que possuem afinidades com o festejo e com os ternos.<sup>146</sup>

Justamente no ano de 2020 estava me programando para viajar para a cidade mineira e experienciar a festa de maio pessoalmente. Associado ao início do mestrado, todos os planos para conhecer os congadeiros-moçambiqueiros, ouvi-los cantar e sentir as emoções da festividade foram por água abaixo. Não só as problemáticas de pesquisa que surgiram como um turbilhão, pois ao trabalhar com tradições vivas são fundamentais alguns momentos de entrevistas e principalmente de escuta, mas também a frustração imensa de ainda não ser o momento de vivenciar esse encontro tão desejado.

Quais caminhos seguir a partir de uma realidade pandêmica tão assustadora e tensa? Como o processo do início do trabalho iria acontecer sem o menor contato com os congadeiros-moçambiqueiros? Como lidar com as inseguranças latentes de continuar a pesquisar e se preocupar em sobreviver e se proteger? As questões foram múltiplas, as incertezas mais ainda. Mas como aprendi com os congadeiros que Nossa Senhora do Rosário abre caminhos, foi exatamente isso que eles proporcionaram a esse trabalho.

### **3.1) Festa de maio em 2020**

O momento da festa é uma circunstância fundamental para reativação das memórias. O mito fundador da aparição de Nossa Senhora do Rosário é revivido nos ritos e nos cantos, assim como a recordação de que foram os negros que a retiraram da gruta. As lembranças das dores e das lutas de seus ancestrais escravizados vêm à tona quando os guizos batem no chão, as manguaras (bengalas) se tocam e o batido da caixa ecoa pela cidade. É justamente nessa conjuntura que ocorre o ato de reiterar a identidade negra congadeira-moçambiqueira.

Rubens Alves ao analisar as identidades negras no contexto dos Congados sintetiza que “a identidade étnica deve ser entendida como uma modalidade de identidade contrastiva e

---

Documentário: Canal Ingoma. Mostra: Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – Festival do Ingoma – Dia 3. 25 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XK1U-0Gxa2k>. Acesso em : 30/08/2022.

<sup>146</sup> Missas da Congada e Moçambique 2020, 2021 e 2022. Disponível em: [Santuário Nossa Senhora da Piedade MG - YouTube](#). Acesso em: 30/08/2022.

situacional, que depende da presença do outro para ser construída”.<sup>147</sup> É no espaço do encontro e do coletivo que essas memórias se apresentam e que esse reconhecimento, pautado numa atitude política, se reafirma.

Em 14 de junho de 2020 os historiadores Simone de Assis, Francival Araújo de Sousa e Lívia Monteiro publicaram três textos no blog *Conversa de historiadoras*<sup>148</sup> onde apresentaram seus sentimentos e a particularidade de suas vivências com a festa de maio neste período de isolamento. Francival Araújo, além de historiador, é congadeiro-moçambiqueiro de Piedade do Rio Grande e em sua narrativa sobre as dificuldades que enfrentaram relata justamente a tristeza do momento festivo sem a presença de todos os integrantes dos ternos.

“São estas pessoas que vivem à mercê de um racismo velado e institucionalizado que só têm aquele momento de “protagonismo”. Não digo que ser protagonista seja importante, mas sim ser agente, de fato, de suas histórias. O espaço da festa é aquele em que os congadeiros podem simplesmente tirar suas armaduras e chorar. Uso aqui a palavra chorar pelo fato de negros e negras serem obrigados a demonstrar no dia-a-dia dessa sociedade que são fortes. Este choro é na realidade libertação. Lágrimas de dor, angústia e tristeza, mas simultaneamente lágrimas de alegria, leveza e esperança de que dias melhores virão. ”.<sup>149</sup>

Diante das dificuldades da atualidade, em um contexto de crise sanitária, o momento do reencontro, do abraço e da fogueira não pôde acontecer, porém a homenagem aos santos, a devoção, as ritualidades e a luta pela sobrevivência dos negros e negras de Piedade se fez presente na festa de maio de 2020. A partir da ação articulada de participar de lives, rodas de conversa online e da produção de dois documentários,<sup>150</sup> os integrantes dos ternos demonstram buscar a reafirmação política de suas existências e resistências, assim como também suas identidades negras.

A situação alarmante da pandemia no mundo estava dada e as perguntas que rondavam as ruas da cidade mineira eram: Vai ter festa de maio esse ano? O que será que a Congada vai

<sup>147</sup> SILVA, Rubens Alves da. *op. cit.* p.146.

<sup>148</sup> Disponível em: <https://conversadehistoriadoras.com/2020/06/14/a-congada-e-algo-grande-e-ancestral-e-resistencia/>. Acesso em: 17/09/2021.

<sup>149</sup> SOUSA, Francival Araújo de. Breve relato de um Congadeiro e Moçambiqueiro de Nossa Senhora do Rosário/Mercês de Piedade do Rio Grande-MG sobre o ano de 2020. **Conversa de historiadoras**, Minas Gerais, 14 de jun. 2020. Disponível em: <https://conversadehistoriadoras.com/2020/06/14/a-congada-e-algo-grande-e-ancestral-e-resistencia/>. Acesso em: 18/09/2021.

<sup>150</sup> A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1F9iJuvQvE4>. Acesso em: 18/09/2021.

Canal Ingoma. Mostra: Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – Festival do Ingoma – Dia 3. 25 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XK1U-0Gxa2k>. Acesso em: 18/09/21.

O documentário A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia foi roteirizado pelos congadeiros-moçambiqueiros de Piedade e produzido com o auxílio da Sala Estúdios Dionismar. Com o intuito de solicitar a verba para apoio ao setor cultural disponibilizada pela Lei Aldir Blanc (Lei 14.017/20) durante o estado de calamidade pública, a nova diretoria da Congada e Moçambique elaborou o documentário que foi exibido em dezembro de 2020.

fazer? Escutaremos o batido da caixa, os sons dos guizos e das bengalas? Refletindo sobre a festa de maio como um reencontro de vidas e trajetórias, manter os elos da tradição viva que é a Congada foi uma preocupação latente nos congadeiros-moçambiqueiros.

É nessa conjuntura, encarando os festejos negros como um espaço de memórias da liberdade do passado e com uma intensa e profícua relação com o futuro, veremos quais foram as estratégias construídas pelos congadeiros-moçambiqueiros para a festa do ano de 2020 e como ela ocorreu de maneira diferente para cada momento da pandemia e das relações com a sociedade.

Em sua tradição a festa de maio ocorre no último final de semana do mês, sendo celebrado São Benedito na sexta-feira, Nossa Senhora das Mercês no sábado e Nossa Senhora do Rosário domingo. A celebração no ano de 2020 aconteceu em apenas um único dia após muitos diálogos e negociações entre os congadeiros, o novo padre que chegou na paróquia justamente no mesmo ano, ou seja, não havia tido contato com a festa antes da pandemia, e a prefeitura.

Na primeira roda de conversas online que três integrantes da Congada de Piedade participaram no dia 24 de junho<sup>151</sup>, menos de um mês após a realização da festa, as emoções estavam muito transparentes em suas falas e em seus rostos. Por mais que seja difícil se atentar a detalhes através de uma tela, assim como também conseguir se expressar por ela, as narrativas do segundo capitão Felipe Teodoro, do zelador Romário Tomé e da ex vice-presidente da entidade Francisca Braga demonstraram toda força da oralidade e as reinvenções que elaboraram nas adversidades do momento.

Com 563 visualizações, até o momento, e quase duas horas de live, as professoras historiadoras Hevelly Acruche, da Universidade Federal de Juiz de Fora, e Lívia Monteiro, da Universidade Federal de Alfenas, mediaram esse encontro que se tornou uma preciosa oportunidade de ouvir os relatos dos próprios agentes que vivem a celebração do Rosário. Percebendo a fala “como a materialização, ou a exteriorização, das vibrações e das forças”,<sup>152</sup> os diálogos geraram movimento e ritmo para a compreensão de que “o espiritual e o material não estão dissociados”<sup>153</sup> na tradição oral.

Após responderem algumas perguntas da professora Hevelly sobre as particularidades da celebração como as diferenças entre Congada e Moçambique, de contarem como acontece a

---

<sup>151</sup> Live canal da América. Festas de Congada em tempos de pandemia. 24 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVRWFrF8lxw>. Acesso em: 22/09/2021.

<sup>152</sup> BÂ, A. Hampaté. *op.cit.* p.169.

<sup>153</sup> *Ibid.* p.172.

festa e como eles a compreendem dentro da vivência de cada um, foi aberto o espaço para questionamentos e dúvidas dos internautas que os assistiam pelo Youtube ao vivo. Uma pergunta sobre o contexto pandêmico foi feita pela historiadora e professora Martha Abreu que acompanhava a live. Ao questionar sobre quando eles teriam percebido que seria necessário fazer a festa de outra forma e de que maneira imaginaram que seria, o congadeiro-moçambiqueiro Romário responde com o seguinte relato:

Romário Tomé: Há algum tempo eu fui responsável pela parte que entrava em acordo entre os três poderes: Congada, igreja e prefeitura. A festa tem esses três pilares. Quando a pandemia veio avançando, avançando, antes de começar o mês de maio, que nossos ensaios acontecem a partir do primeiro domingo de maio, o Felipe me enviou uma mensagem perguntando como a gente faria para fazer uma publicação, uma nota oficial de que não haveria festa. Aí eu falei assim “Não vamos fazer isso não, sabe por que? A festa não é só nossa. Vamos esperar para ver se a prefeitura ou o padre fala alguma coisa, vamos ficar quieto. Mas enquanto capitão você coordena o grupo. Eu acho que os congadeiros merecem saber que infelizmente vai avançar de um tal grau que até lá a gente não consegue controlar”. (...). Aí ele falou assim “Vou fazer um comunicado no grupo”, que eles têm um grupo de facebook, e assim ele fez. (...). Mas a página oficial da Congada nunca postou nada. A rádio uma vez chegou a falar “Que pena que não vai ter a festa”, eu liguei e disse assim “Quem disse que não vai ter a festa? Quem mandou falar que não vai ter a festa? Aí nunca mais falou também. E foi assim que foi acontecendo. Só que quando foi chegando muito próximo foi se apertando a emoção, o coração começou a falar mais alto e a gente se desesperou em perder o rumo. Só que nesse perder o rumo a gente se escondeu um para cada lado: o Felipe foi para São João, a Lívia estava lá em Alfenas e eu trabalhando aqui em Piedade. Por coincidência, eu saí na rua, acho que eu tinha que ir na igreja, e eu vi a Lívia passar em um carro cheio de coisa e sabia que ela estava em Piedade. E o Felipe já havia junto com o Luís Cláudio, a Cláudia, a Dica e mais algumas outras pessoas também, dado a ideia de fazer uma missa, mas que não participasse ninguém. Ia ter a missa e a gente colocaria os instrumentos, as indumentárias de Congada e Moçambique na missa só para participar da live. (...). O padre é novo, o padre não conhecia a festa, ficou uma dificuldade muito grande, não podia se reunir. A gente tentou até fazer uma reunião com poucos membros para ver o que que ia ser feito, mas nada se desembolava. Até que um dia à noite eu mandei mensagem para o padre e falei assim “Padre, o que o senhor pode fazer por nós? O senhor não tá com dó de nós não? Aí ele falou assim “ Que que eu posso fazer? Não sei. Vamos conversar sobre isso? (...). A Congada está em processo de nova diretoria e tem um outro grupo. E nesse grupo já circulava a ideia de live, postar vídeos, histórias. Fomos então conversar com o padre para ver o que ele pode fazer enquanto igreja. (...). E nesse entrosamento com o padre a gente expôs mais emoção do que ideia e ele reuniu as nossas emoções e construiu o que aconteceu. Foi assim, veio da boca dele como que ele imaginava que podia ser. Quando ele ofereceu as ideias, acho que a única que a gente aceitou foi a missa. Aí ele falou da alvorada, a gente pensou que já que não podia ninguém ir, a gente ficou naquele empurra e ele fez a proposta da missa, essa a gente aceitava, mas ele não queria muita gente. Não podia, não é que ele não queria. A Secretaria de Saúde fica em cima porque realmente é uma coisa séria. Então foi uma noite horrível. Eu acabei de chegar da reunião em casa o Felipe ligou “Romário que que o padre falou?” “Ele falou que é pra fazer uma alvorada

quatro e meia da manhã, ele espera, dá uma benção e some todo mundo. Depois por volta de meio dia a gente faz uma oração pelo auto falante da igreja, coloca algumas músicas. No decorrer do dia a rádio coloca algumas músicas. Quando for a noite, escolhe oito dançadores e esses oito vão participar da missa. Vão ler, vão cantar. Se tiver algum que é ministro pode ser. Vamos excluir quem tem que participar, os papéis principais e substituir por congadeiros. A gente pensou, pensou e não havia muito o que colocar, porque a resistência ainda é resistente. Então não tem muitos congadeiros em locais de destaque, principalmente na igreja. Então, a primeira coisa que o Felipe falou foi “Mas essa alvorada tá difícil né? Como que a gente vai fazer isso quatro e meia da manhã? Muito cedo e muito frio. Vamos pensar”. A segunda coisa foi “Romário como a gente vai escolher quem vai na missa? Somos 110 pessoas. Como vai fazer isso? ”. Isso era uma quarta-feira. O dia que seria dedicado era no sábado. (...). Só sei que aconteceu. Que na sexta à noite o Felipe me ligou que estava vindo para Piedade, uma senhora de Piedade doou as flores para ornamentação da igreja, o padre liberou para colocar as coisas africanas na igreja, pois era Pentecoste, e um padre novo né que não conhecia a festa, ele ficou bem resistente, mas abriu mão pela emoção. O Felipe topou às quatro e meia da manhã, ele juntamente com o primeiro capitão que é o Hélio, o Tomé que é caixeiro e os meninos. Dividimos a festa que demora três dias para acontecer em um dia. Meio dia Congada, meio dia Moçambique e saímos pra rua. Vamos bater na porta da igreja e buscar Nossa Senhora que é nossa, que está lá fechada, e quando isso aconteceu, mais ou menos às cinco horas da manhã, a cidade estava sob um êxtase muito grande. Apesar das pessoas terem sido pegadas de surpresa, para não ter acúmulo de pessoas, Piedade estava radiante. (...). Dali em diante nada foi programado. O que resume a festa de 2020 foi nada programado.<sup>154</sup>

A decisão de manter o relato do zelador praticamente na íntegra leva-se em conta justamente o apontamento do historiador e congadeiro Francival: é sobre protagonismo e também sobre os próprios agentes históricos contarem suas trajetórias. Compreendendo que a história contada e ouvida não dá para ser escrita e lida sem a perda de suas pluralidades,<sup>155</sup> a transcrição das narrativas e das músicas são realizadas para trazer a esta pesquisa a força das tradições orais que percorrem os caminhos das Histórias afro-brasileiras, em específico nos Congados mineiros.<sup>156</sup>

São explícitas as múltiplas estratégias traçadas para a realização da festa de maio. Foi necessário a constância do diálogo entre eles, congadeiros-moçambiqueiros, com o intuito de não só manter viva a chama da fé e da resistência no Rosário, mas também a união enquanto

<sup>154</sup> Entrevista concedida por Romário Tomé para o canal da América em 24 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVRWFrF8lxw>. Acesso em: 22/09/2021.

<sup>155</sup> ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. Palestra proferida na sessão de abertura do VII Encontro Nacional de História Oral. Maio, 2004.

<sup>156</sup> É possível assistir na íntegra a alvorada, a retirada de Nossa Senhora do Rosário e das Mercês da igreja do Rosário, os cantos da Congada pelas ruas de Piedade em direção a igreja matriz, o recebimento da água benta na porta da igreja, a entrada das imagens e do terno, os cânticos dentro da paróquia e a saída da Congada da igreja no site da diocese de São João Del Rei. Disponível em: <https://diocesedesaojoaodelrei.com.br/pandemia-faz-tradicao-ser-realizada-de-forma-diferente-em-piedade-do-rio-grande/>. Acesso em: 22/09/2021.

família congadeira e os laços de solidariedade. Os grupos de facebook e whatsapp se tornaram um meio dos capitães estarem em conexão com os integrantes dos ternos, sejam aqueles que residem na cidade ou os que moram em outras partes do país.

Outra relação fortemente marcada foi a que desenvolveram com o padre Jorge, novo sacerdote que chegou na paróquia no ano de 2020. As sugestões dadas pelo padre como a realização de uma alvorada às 4h30 da manhã e a missa com pouquíssimos participantes foram repensadas e modificadas pelos congadeiros-moçambiqueiros. O esclarecimento sobre a seriedade do momento não fugiu das preocupações da nova diretoria, dos capitães e dos outros integrantes, porém a dificuldade de escolher um número limitado de dançadores em um grupo com mais de 100 indivíduos não foi uma tarefa fácil. Realizar uma alvorada tão cedo foi complicado também, pois para além das manhãs gélidas de Piedade nessa época do ano, existia o risco de as pessoas saírem nas ruas atrás do terno, uma vez que a saudade da celebração e a necessidade da manutenção da fé em circunstâncias pandêmicas era uma realidade.

Enfeitar a igreja com instrumentos, fotos e indumentárias e colocar no alto-falante da paróquia e na rádio da cidade as músicas de Congada e os lamentos de Moçambique foram maneiras de conectar e abrilhantar a celebração mesmo diante dos percalços. As canções evocam um sentido de pertencimento através das memórias coletivas de um passado e um presente que os aproxima como seres históricos e/ou familiares, onde o lado emocional possui grande participação.<sup>157</sup>

Dizer que a festa não aconteceu ou que não teve suas ritualidades tradicionais seria um grande equívoco. A manhã do dia 30 de maio de 2020 trouxe esperanças, renovação da fé e força para os piedenses. Às 4h30 da manhã os congadeiros foram para as ruas dançar e louvar no ritmo da sanfona e da caixa. A caminho da igreja do Rosário para buscar as imagens das duas santas, Nossa Senhora do Rosário e das Mercês, e levar para a matriz, a igreja Nossa Senhora da Piedade, ao encontro de São Benedito que lá estava, o mito fundador da festa foi revivido.

---

<sup>157</sup> LUCAS, Glaura, *op. cit.*, 1999.



Frame 1: Retirada das imagens de N.Sra. do Rosário e N.Sra. das Mercês da igrejainha do Rosário. Maio de 2020.<sup>158</sup>

Movidos por muitas emoções, os congadeiros foram à igreja “buscar Nossa Senhora que é nossa”, como disse o zelador Romário. Ao som da chamada dos capitães e o coro do terno, que apesar de não estar presente nem um terço dos dançadores, as santas foram carregadas pelo percurso já feito tantas vezes conectando passado, presente e a expectativa de um futuro melhor. “A inspiração musical e danças ritualísticas do Congado formam momento e espaço do encontro com o divino. O corpo, a voz, os movimentos e sentimentos atingem o campo do sagrado. ”.<sup>159</sup>

<sup>158</sup> Os frames (imagem fixada de um vídeo) 1, 2, 3, 4 e 5 foram feitas através de print do vídeo da alvorada da festa em maio de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/pascomnossasenhordapiedade/>. e <https://diocesedesaojoaodelrei.com.br/pandemia-faz-tradicao-ser-realizada-de-forma-diferente-em-piedade-do-rio-grande/>. Acesso em: 24/09/2021.

<sup>159</sup> ASSIS, Simone de. *op.cit.* p. 13.



Frame 2: Terno de Congada nas ruas de Piedade. Maio de 2020.

Foi na “cacunda”<sup>160</sup> dos negros que Nossa Senhora do Rosário subiu novamente reiterando sua escolha. Ao chegarem nas portas da igreja matriz mais um cenário tradicional foi recriado: o pedido para entrar com a canção “Senhor padre abre a porta”<sup>161</sup> e a benção do padre com a água benta. Por cerca de 60 anos os ternos de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande não entravam na igreja para participar da missa e nem faziam parte da liturgia. Esse marco dolorido e sempre lembrado através dessa música possui conexão direta com o passado escravocrata que seus ancestrais experienciaram, quando não era permitida a entrada de negros em igrejas de brancos.

<sup>160</sup> Essa expressão foi utilizada na narração feita pelos congadeiros-moçambiqueiros no documentário *Dos Grilhões aos guizos – Festa de maio e as narrativas do passado* e por isso a referência é feita entre aspas.

<sup>161</sup> Canal Narre Produções. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=55qJtcMviZs>. Acesso em: 24/09/2021.



Frame 3: Pedido de água benta na porta da igreja. Maio de 2020.

Para encerrar a celebração da Congada naquela manhã fria, porém de emoções à flor da pele, os congadeiros adentraram o espaço do sagrado e encaminharam as santas de encontro a São Benedito. Com palavras fortes e trazendo a importância da resistência negra congadeira da cidade de Piedade, padre Jorge construiu seu primeiro contato com a força da festa. Demarcando suas lutas, de maneira reinventada e triste, o terno reverenciou o divino e cantou para a saída da igreja.



Frame 4: Cerimônia da Congada de Piedade do Rio Grande. Maio de 2020.



Frame 5: Cerimônia da Congada de Piedade do Rio Grande – momento de canto. Maio de 2020.<sup>162</sup>

A festa de maio, como foi mencionado anteriormente, ocorre durante o último final de semana desse mês onde a Congada se apresenta após a missa de São Benedito na sexta-feira até a missa e coroação de Nossa Senhora das Mercês no sábado e Moçambique assume as ruas após a missa afro da noite até final de domingo quando louvam Nossa Senhora do Rosário. Por mais que sejam os mesmos indivíduos, Congada e Moçambique não se cruzam e assim foi na celebração de 2020. Enquanto a Congada fez a alvorada e buscou Nossa Senhora pela manhã, Moçambique veio à noite para coroar as santas, marcar o chão com os sons dos guizos e a resistência das manguaras.

Como mais um meio de tornar a festa pública, a nova diretoria dos ternos elaborou junto à igreja e à rádio local a estratégia de transmitir a missa conga, tanto por áudio como por áudio visual. Da mesma forma que a alvorada, a missa aconteceu com poucos integrantes e com todos os cuidados necessários que o momento solicitava. No relato dado pela historiadora Livia Monteiro, pesquisadora especialista em Congadas e nascida na cidade, os sentimentos partilhados por aqueles que vivem a festa como espectadores foram expostos de maneira bem sensibilizada:

“A força do barulho dos guizos moçambiqueiros entrando na igreja matriz e o batido da caixa nos colocaram em presença e a festa aconteceu na

<sup>162</sup> A todo momento os congadeiros utilizaram a máscara durante a celebração, apenas os dois capitães ficaram sem ela para poder cantar, mas logo após a cerimônia a colocaram de volta em respeito e cuidado com o momento pandêmico. O mesmo foi feito pelo padre Jorge, que junto aos congadeiros realizaram todas as solicitações dos agentes da saúde da cidade.

intensidade que deveria ter. Renovadora e triste, a missa Afro, transmitida ao vivo pelo *facebook* e rádio local, gerou um misto de sentimentos. E, mais uma vez, os protagonistas da festa nos mostraram os caminhos de reinvenção das dores e lutas, em meio a tantas incertezas que o momento presente nos apresenta.”.<sup>163</sup>



Figura 12: Entrada de Moçambique e Nossa Senhora do Rosário na igreja matriz. Maio de 2020.<sup>164</sup>

Se para aqueles que compartilham do momento da festa assistindo, louvando e se emocionando com os ternos todos os anos foi uma conjuntura muito difícil, para os próprios congadeiros-moçambiqueiros foi mais ainda. Ouvir os relatos dos mais velhos sobre a celebração em tempos pandêmicos através dessas lives possibilitou o entendimento sobre o tamanho da força e da resistência desses ternos de Congada e Moçambique que completou seus 92 anos em 2020 de uma forma totalmente atípica.

Dona Francisca, que participou brevemente do encontro online promovido pelo canal da América, expressou em palavras seu amor pela festividade, sua força em resistir a várias dificuldades ao longo de sua vivência na Congada e Moçambique e sua devoção em Nossa Senhora do Rosário que embala sua caminhada:

Francisca Braga: Eu gosto de Moçambique. Então eu sou guerreira mesmo. Eu uso guizo, eu uso bengala. Eu não quero nem saber, quero que a festa

<sup>163</sup> MONTEIRO, Livia. Os ecos da resistência. **Conversa de historiadoras**, Minas Gerais, 14 de jun. 2020. Disponível em: <https://conversadehistoriadoras.com/2020/06/14/a-congada-e-algo-grande-e-ancestral-e-resistencia/>. Acesso em: 18/09/2021.

<sup>164</sup> As fotos 12, 13 e 14 foram retiradas do site da Diocese de São João del Rei. Disponível em: <https://diocesedesaojoaodelrei.com.br/pandemia-faz-tradicao-ser-realizada-de-forma-diferente-em-piedade-do-rio-grande/>. Acesso em: 24/09/2021.

aconteça. Já passei muito perrengue mesmo para chegar aos 92 anos. Esse ano não teve fogueira, não teve almoço, não teve igreja aberta pra todo mundo, mas a festa para nós aconteceu do mesmo jeito. Para mim é como se estivessem os 92 anos acontecendo na cabeça, no coração e na alma. (...).<sup>165</sup>

Conhecida também como Chica ou Chiquinha, Francisca Braga foi figura central na organização da festa por muitos anos. Cuidava dos detalhes das vestimentas dos reis, rainhas, príncipes e princesas de promessa e eleitos, assim como produzia os chapéus coloridos utilizados pelos congadeiros na celebração de sábado. Solucionando diversas situações e conflitos presentes nas festividades, dona Chiquinha demonstra como foram as sensações, que envolveram cabeça, coração e alma, por mais dolorosas que tenham sido nessa circunstância.



Figura 13: Francisca Braga carregando Nossa Senhora do Rosário na missa afro de Moçambique. Maio de 2020.

Importante e intenso relato foi dado também pelo senhor Mário Tomé, congadeiro-moçambiqueiro mais velho e pai do zelador Romário. Nas entrevistas concedidas para a live no canal Sesc Brasil, encontro esse mediado pelo historiador Samuel Avelar e com participação da historiadora Lívia Monteiro, alguns representantes das Congadas de Piedade e São João del Rei expuseram suas aflições com o momento, suas resistências, suas articulações para manter os elos firmes entre os indivíduos e seu amor e devoção por Nossa Senhora.

<sup>165</sup> Entrevista concedida por Francisca Braga para o canal da América em 24 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVRWFrF8lxw>. Acesso em: 22/09/2021.

Ao serem questionados pela dra. Livia Monteiro sobre como foi a experiência da festa em Piedade, o até então presidente da Congada e Moçambique sr. Mário Tomé narra as estratégias traçadas na pequena cidade mineira:

Mário Tomé: Esse ano para a gente foi bastante difícil. A gente tinha programado uma festa quando apareceu a epidemia. Desestruturou totalmente a gente com a festa. (...) Pra gente foi uma tristeza imensa até chegar o mês de maio. A gente ouvia todo mundo perguntando pra gente “como que vão fazer a festa?” e a gente ficava sem resposta pra dar pro povo. Foi chegando o momento, o mês de maio, todo mundo perguntando a resposta da festa e a gente não tinha. Eu pensava assim “uma hora Deus vai iluminar alguma coisa que a gente vai chegar a um bom senso do que pode fazer da festa”. E chegou uma semana antes da festa um padre novo na cidade e a gente ficou pensando o que ia fazer para conversar com ele. E ficamos perguntando “Vamos no padre?” e não tinha coragem. Como que a gente vai fazer uma festa do tamanho que é a festa? E também o padre chegando novo, como que a gente ia conversar. A gente reuniu umas quatro pessoas e por glória tivemos a presença da Livia que estava na cidade. Aí Deus iluminou ela com a gente e fomos até o padre. Graças a Deus tivemos um padre que ajudou bastante a gente. Foi a luz que tivemos também foi o padre. Abriu um caminho pra gente fazer a festa do jeito que saiu.<sup>166</sup>



Frame 6: Mário Tomé e Romário Tomé na live ConVIDA. Setembro 2020.

As angústias de sr. Mário foram compartilhadas pelos integrantes do Congado da Maria de São Dimas, em São João del Rei, que estavam presentes nesse encontro virtual. Refletindo sobre a importância de “manter pluralidade das vozes narrativas”<sup>167</sup>, os diálogos construídos nesse encontro online nos permitem perceber como foram desenvolvidas as

<sup>166</sup> Entrevista concedida por Mário Tomé para o canal Sesc Brasil em 03 de set. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fn0plsc4BBI>. Acesso em: 28/09/2021.

<sup>167</sup> VERENA, Alberti. *op. cit.* p.16.

estratégias adotadas durante o distanciamento social nesses ambientes festivos e de louvor. A capitã Maria Auxiliadora do Congado da Maria, assim como a secretária Mayara Mascarenhas expressam as múltiplas emoções experimentadas ao serem questionadas pelo mediador sobre qual seria o sentimento em realizar a festa nesse contexto.

Maria Auxiliadora Mártir: Tristeza por não poder tocar na rua, cantar e louvar o rosário. Eu sinto tristeza.

Mayara Mascarenhas: Resistência também né? Tristeza e resistência. Fortalecer os laços. Não deixar que essa doença afete ainda mais nosso psicológico. Tentar estar mantendo na fé com Nossa Senhora do Rosário. Mantendo essa luz acesa.

Maria Auxiliadora Mártir: E agradecer por estarmos vivos para ano que vem lutar com mais força.<sup>168</sup>

A preocupação em não deixar os elos se perderem, a festa acabar e a tradição desaparecer está presente nas narrativas ao longo desses encontros promovidos pela internet. Os meios de comunicação foram fundamentais, pois todas essas inúmeras articulações foram assistidas de vários lugares e ficaram salvas como material áudio visual das festas nos anos pandêmicos. O registro da celebração é utilizado como mais um caminho de resistência, trajeto esse pensado e escolhido pelos próprios congadeiros-moçambiqueiros de Piedade através das ações da participação das lives e da produção de curtos documentários de uma hora de duração.

Para tentar de alguma forma encerrar as questões sobre a celebração neste primeiro ano crítico e com diversas crises acontecendo em âmbito nacional e mundial, as respostas dos congadeiros-moçambiqueiros mais novos sobre as energias que sentiram na festa e a força que toda a vivência significou para eles é um importante caminho para compreendermos a conexão com o espaço do divino e com seus antepassados, de uma maneira totalmente singular por conta do isolamento social.

Perguntas foram feitas por aqueles que acompanhavam ao vivo a live no canal da América, a primeira roda de conversa virtual que os congadeiros-moçambiqueiros participaram. Uma internauta questionou como foi a celebração da festa usando tecnologia digital no período de pandemia. O jovem zelador Romário abriu os caminhos de respostas sobre a vivência da festividade em tempos de pandemia:

Romário Tomé: Quando a gente fala da festa em especial, da festa de Congada e Moçambique de Piedade, a gente lida muito com energia. Muito mais do que um show, do que pessoas, do que barracas, a gente mexe com uma energia, a gente exalta o antepassado, a gente convida ele para reviver dentro da gente. E querendo ou não é como se fosse um canal de rádio, como se fosse a internet. Olha a distância em que nós estamos conversando de um mesmo assunto. E

<sup>168</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora e Mayara Mascarenhas para o canal Sesc Brasil em 03 de set. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fn0plsc4BBI>. Acesso em: 28/09/2021.

eu acredito que as energias, por mais distantes, quando são evocadas elas transmitem. Foi o que a Chiquinha falou na fala dela, a igreja quase vazia, uma igreja que deve caber por volta de umas duas a três mil pessoas, vazia, que ecoava vozes como se estivesse lotada. Então, acho que Piedade foi como se fosse um umbigo de uma mãe, ela conseguiu transferir as energias de todo mundo e ao mesmo tempo captar. (...). Foram pessoas de diversos lugares que conhecem e que também que desconhecem a festa, que sentiram as energias muito positivas e sentindo a festa acontecer. Então a festa aconteceu através dos meios de comunicação, que é uma coisa que eu acho que a gente nunca conseguiu imaginar. Se alguém perguntar como foi planejado isso, não foi. A gente foi tentando imitar o que já estava sendo feito aqui que era transmitir as coisas pelas vias sociais da cidade, que é a Paróquia e a rádio, e da nossa forma, com nossos cantos, nossos batuques e a nossa fé. (...). Foi uma experiência nova. Foi uma tarefa dada e uma tarefa cumprida.<sup>169</sup>

A conexão com os ancestrais relatada pelo congadeiro-moçambiqueiro nos remete mais uma vez às tradições africanas já que a forma de enxergar o mundo ocorre através dessa ótica religiosa onde a manipulação das forças almeja “restaurar o equilíbrio perturbado e restabelecer a harmonia”,<sup>170</sup> como explica Hampaté Bâ. Como cultura e festas populares não se encontram isoladas da vida, celebrar Nossa Senhora do Rosário, das Mercês e São Benedito foi um momento que associou a tristeza e medos do tempo presente com a fé e a força da devoção negra.

Manter os elos, as energias e principalmente a resistência em circunstâncias tão tenebrosas foi um dos papéis exercido pelo segundo capitão Felipe Teodoro. Nascido em família congadeira e integrante dos ternos desde muito pequeno, o capitão precisou se reinventar e formular novas maneiras de manter o grupo unido. Apesar de jovem, o capitão carrega consigo muita sabedoria aprendida com os mais velhos e a importância dessa parte mágica que só acontece nos encontros da festa de maio é lembrada por ele ao relatar sua experiência individual e coletiva na celebração de 2020:

Felipe Teodoro: Para mim foi muito diferente de tudo que eu já vivi no meio do Congado e do Moçambique. Foi tudo novo né, acho que não só para a gente, mas para todo mundo que está vivendo essa situação agora e está se reinventando. Então, ao mesmo tempo que foi prazeroso, foi muito complicado também. Porque foi o que o Romário falou, a gente vive de energias, energias trocadas. Independente da distância ou não que a gente se encontra, essa ligação, essa energia, quando a gente se reúne tanto com o Congado quanto com Moçambique na fogueira, são energias únicas. Não dá para comparar pelo vídeo. Claro que com um vídeo, uma foto, a gente se emociona com certeza, acontece muito disso, mas a energia trocada pessoalmente é totalmente diferente. (...). Por conta disso, comecei a me comunicar com os moçambiqueiros por meio de vídeos. Comecei a gravar alguns vídeos cantando, só cantando no começo. Comecei a me comunicar

<sup>169</sup> Entrevista concedida por Romário Tomé para o canal da América em 24 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVRWFrF8lxw>. Acesso em: 22/09/2021.

<sup>170</sup> BÂ, A. Hampaté. *op. cit.*, p.173.

com eles por vídeo. Fazia o vídeo cantando e mandava para o pessoal. (...). Eu sou um cara muito tímido e tive que me reinventar também por meio das circunstâncias. Não poderia deixar de resistir ou de falar ou de expor para fora aquilo que eu estava sentindo por uma timidez. Jamais. Então eu comecei a me reinventar também nesse aspecto. (...).<sup>171</sup>



Figura 14: Capitão Felipe Teodoro tocando pandeiro ao lado do Rei Congo Élson Donizete na missa afro de Moçambique. Maio 2020.

A festividade foi marcada por ressignificações, negociações e resistências, assim como toda a trajetória dos 94 anos que possuí, porém com um forte sentimento de saudade. Assim como disse o zelador, a experiência pode ter sido nova, mas a tarefa foi cumprida e o pedido de proteção e liberdade a Nossa Senhora do Rosário foi realizado.

Fechando as perguntas aos integrantes da Congada e Moçambique de Piedade e da Congado da Maria, as perspectivas de um futuro pós pandemia para os grupos que representam o patrimônio vivo de Minas Gerais foram questionadas pelos mediadores do encontro. O desejo de um ano melhor foi ressaltado na última fala do zelador na entrevista de setembro de 2020, como também o enfrentamento do racismo e a denúncia de como a estrutura racista do nosso país marginaliza e assassina corpos pretos ao longo de séculos:

<sup>171</sup> Entrevista concedida por Felipe Teodoro para o canal da América em 24 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVRWFrF8lxw>. Acesso em: 22/09/2021.

Romário Tomé: No ano todo nós somos uma família congadeira, como um cordão. Então a gente, em primeiro lugar, a gente sonha que isso tudo passe e que a gente se reencontre. Que a gente consiga retomar a história de onde a gente deixou ela, que a gente leve em frente isso. Então a festa começou ali com 12 pessoas a 92 anos atrás, ela vem resistindo, vem crescendo, hoje nós temos aí mais de 100 dançadores, muita gente envolvida, muita gente apaixonada por esse terno, por esse grupo, por essa família. Em meio a tantos desafios, que a pandemia foi um desafio escancarado, mas nós vivemos no dia a dia tantos desafios, tantos desafios calados, tantas realidades negadas como a falta de oportunidades que tem falado tanto aí, que realmente tem que ser uma luta por dia. O povo negro, o nosso povo, ele precisa sair pelo menos com um por cento de energia dessa pandemia, porque calados estamos sendo massacrados. A gente não vê nos jornais, nas mídias, ninguém que bote a boca no mundo dizendo que quem mais está sofrendo com a pandemia são os marginalizados e quem mais tem sido marginalizado são os nossos irmãos, os irmãos negros, jogados nos cantos, nas ruas, nas favelas, nas periferias as vezes à mingua. Na nossa realidade de Piedade do Rio Grande, a gente espera nos reencontrarmos e retomarmos a história com o vigor que nós temos agora, que é a hora de ir à luta. (...). Eu penso que será uma nova alforria, digamos assim. Será um novo 13 de maio quando a gente ver o fim da pandemia e com ela a gente desmascarar que está sendo usado muitos mecanismos de “pandemia”, “covid19”, para que mate o povo negro. (...). Enquanto grupo de resistência e irmãos do rosário nós esperamos isso <sup>172</sup>

A potência das palavras proferidas por Romário Tomé ecoa no tempo e espaço, assim como a voz dos congadeiros-moçambiqueiros de Piedade do Rio Grande em sua resistência no Rosário. Os mecanismos que denuncia fazem parte das inúmeras notícias que surgem todos os dias sobre mortes, torturas e prisões de pessoas negras no Brasil e no mundo.



Frame 7: Romário Tomé na live Festas de Congada em tempos de pandemia

<sup>172</sup> Entrevista concedida por Romário Tomé para o canal Sesc Brasil em 03 de set. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fn0plsc4BBI>. Acesso em: 28/09/2021.

<sup>173</sup> Entrevista concedida por Romário Tomé para o canal da América em 24 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVRWFrF8lxw>. Acesso em: 22/09/2021.

No dia 18 de maio de 2020, o adolescente João Pedro foi atingido por um tiro de fuzil dentro de casa no Complexo do Salgueiro em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Cinco dias antes da festa que reitera as histórias e lutas negras mineiras, 25 de maio, o afro-americano George Floyd foi assassinado em Minneapolis quando teve seu pescoço pressionado por quase 9 minutos pelo policial branco Derek Chauvin. Apesar de ter ocorrido nos EUA, a comoção e a indignação tomaram proporções internacionais. As redes sociais se tornaram palco de protestos como também as ruas americanas e até alguns ocorreram em solo brasileiro.<sup>174</sup>

É interessante e de extrema importância esse processo de escuta das vozes congadeiras-moçambiqueiras em diversos níveis, mas o que ressalta de imediato nessa última colocação é justamente o enfrentamento de questões totalmente atuais. Falamos muito sobre o passado escravista, as articulações que precisaram realizar diante da realidade cruel que seus antepassados viveram, as lutas ao longo do século XX nas experiências da festa de maio, porém o racismo se encontra entranhado nas estruturas sociais do hoje ainda e o ato de denunciá-lo de forma pública em uma live que até o atual momento já teve 390 visualizações foi corajoso e necessário.

Esse primeiro ano da celebração de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande foi mobilizado materialmente de acordo com os limites da circunstância pandêmica. Porém, isso não impossibilitou a festa de acontecer, o sagrado de ser louvado, a ancestralidade de se fazer presente e a resistência dos negros piedenses de ser reelaborada.

### **3.2) Festa de maio em 2021**

Os congadeiros-moçambiqueiros abriram as portas de 2021 com o documentário A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia com o intuito de solicitar verba para apoio ao setor cultural disponibilizada pela Lei Aldir Blanc (Lei 14.017/20<sup>175</sup>) durante o estado de calamidade pública que vivenciamos desde 2020. Com

---

<sup>174</sup> FORTES, Carolina. Retrospectiva 2020: de racismo no BBB à morte de George Floyd, relembre os principais fatos da luta racial. Jovem Pan Notícias, 30/12/2020. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/retrospectiva-2020-de-racismo-no-bbb-a-morte-de-george-floyd-relembre-os-principais-fatos-da-luta-racial.html>. Acesso em: 03/10/2021.

<sup>175</sup> BRASIL. Lei n. 14.017, de 29 de junho de 2020. Ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública. Brasília, DF, jun. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.017-de-29-de-junho-de-2020-264166628>. Acesso em: 03/10/2021.

apresentações das tradições da festa de maio, os integrantes dos ternos se reafirmam enquanto sujeitos históricos logo na introdução do vídeo com os seguintes dizeres: “Nós voltamos. Apesar dos tempos difíceis, a Congada e Moçambique continua sendo resistência.”.<sup>176</sup>



Frame 8: Documentário elaborado pela Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande para a Lei Aldir Blanc. Dezembro de 2020<sup>177</sup>

“Estamos chegando dos pretos rosários, estamos chegando dos nossos terreiros, viemos rezar. Estamos chegando das velhas senzalas, estamos chegando das novas favelas, das margens do mundo nós somos, viemos dançar”.<sup>178</sup> E assim, através dessa força, que a celebração em maio de 2021 foi construída e performatizada.

Ainda sem poder fazer a festa acontecer com todos seus integrantes e com a presença daqueles que são encantados pela Congada e por Moçambique de Piedade, a diretoria junto à capitania, com o apoio do padre Jorge, da professora Lívia Monteiro e das autoridades locais da cidade, organizou as missas em homenagem aos santos de devoção respeitando todos os cuidados sanitários em 2021.

Justamente no mês de maio, assim como em abril, os índices de contaminados e de óbitos por conta do coronavírus estavam alarmantes. O portal Fiocruz, que é sempre atualizado, alertava dos perigos ainda muito vívidos da pandemia no Brasil. O Estado de Minas Gerais apontava uma taxa de ocupação de leitos de UTI de Covid-19 para adultos em situação

<sup>176</sup> A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1F9iJuvQvE4>. Acesso em: 29/09/2021.

<sup>177</sup> A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1F9iJuvQvE4>. Acesso em: 29/09/2021.

<sup>178</sup> A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1F9iJuvQvE4>. Acesso em: 29/09/2021.

crítica.<sup>179</sup> A partir dessa realidade problemática, os congadeiros-moçambiqueiros precisaram se reinventar mais uma vez para proteger os seus e a cidade de Piedade.

Mais familiarizados com a situação pandêmica, infelizmente, elaboraram as celebrações em três dias como em suas raízes tradicionais. A diferença continuou é claro na quantidade de pessoas presentes, na maneira como dispuseram das oferendas no altar, nos sentimentos vivenciados em mais um ano nessa condição e a coroação de Nossa Senhora do Rosário, algo totalmente novo na festa de maio nos anos de 2020 e 2021.

Os preparativos para mais uma festa em situação sanitária crítica começaram a ser pensados um pouco mais cedo do que no ano anterior, mas a elaboração de fato só foi se desdobrar na semana da celebração, quando os detalhes passaram a ser acertados. Durante os dias que antecederam o último final de semana de maio, publicações divulgando as missas que seriam transmitidas online foram realizadas no facebook da paróquia local, na página da Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande e no perfil do Instagram que foi criado em janeiro deste ano.<sup>180</sup>

Acompanhando cada “passo” online das redes sociais movimentadas pela diretoria e apoiadores, a compreensão se constrói sobre como o universo congadeiro é mobilizado pelas músicas e danças, onde os sons dos instrumentos, as vozes em cântico e os corpos em movimento nos remetem a um passado escravocrata no qual esses momentos de manifestações culturais de africanos e afro-brasileiros construía laços de solidariedade.

Glaura Lucas ao analisar as expressões musicais, os gestos corporais e os sons dos instrumentos nos ambientes de interação espiritual e social expõe a consciência ativa dos agentes da manifestação nesse compartilhamento derivado do encontro.<sup>181</sup> A união do grupo precisou ser híbrida, alguns presenciais e outros à distância, mas isso não significou menor conexão entre eles. Justamente, através das canções compartilhadas pelo WhatsApp, dos áudios no grupo dos congadeiros-moçambiqueiros e as postagens na página oficial do facebook, os caminhos para a realização da festa que celebra a força do Rosário estavam se abrindo.

---

<sup>179</sup> Boletim observatório Covid-19 – FIOCRUZ. 25 de maio de 2021. Disponível em: [https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim\\_covid\\_2021\\_extraordinario\\_maiio.pdf](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_covid_2021_extraordinario_maiio.pdf). Acesso em: 03/10/2021.

<sup>180</sup> Facebook da Paróquia: <http://facebook.com/pascomnossasenhordapiedade>  
Facebook da Congada e Moçambique: <https://www.facebook.com/congada.mocambique.7>  
Instagram da Congada e Moçambique: <https://instagram.com/congadae?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

<sup>181</sup> LUCAS, Glara. *op.cit.* p.56.



Figura 15: Arte de divulgação da festa da Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande. Maio 2021.

Vinte e oito de maio de 2021 começou pintado de rosa e azul. Dia de celebrar São Benedito, o santo padroeiro e cozinheiro, os congadeiros-moçambiqueiros colocaram o lenço de Moçambique na cabeça, vestiram a camisa em homenagem às festas anteriores e arrumaram o andor com pães e flores em homenagem ao santo negro. A rádio local de Piedade tocou as músicas de Congada durante o dia, principalmente as que celebram aquele primeiro festejo.

As energias que os integrantes da festa contaram nas lives do ano anterior tomaram conta da cidade e das redes sociais, chegando nos mais diversos lugares do mundo. Ao som do violão, do pandeiro e da caixa, as canções que celebram e louvam São Benedito entraram nas casas de Piedade do Rio Grande trazendo um sopro de fé e tranquilidade para um período com tantas angústias. A abertura dos caminhos que a música proporciona chegaram até esta pesquisa e possibilitaram preciosos momentos de escuta e encanto. Logo no início da sexta-feira a canção

<sup>182</sup> Comunicado das missas transmitidas pelo facebook e youtube da paróquia. Disponível em: <https://www.facebook.com/102366311986820/photos/a.102378485318936/122255893331195/>. Acesso em: 05/10/2021.

“Viva São Benedito, o santo padroeiro” deu sentido ao particular período de acompanhar a celebração de forma tão distante.

A missa ocorreu na parte da noite às 19h e todos aguardavam ansiosos para rever os congadeiros-moçambiqueiros se reinventando mais um ano para celebrar sua fé. Carregando São Benedito no andor enfeitado de girassóis e pães, característica especial por ser o santo cozinheiro que auxiliou muitos pobres e escravos em vida, os congadeiros-moçambiqueiros entraram na igreja matriz de Nossa Senhora da Piedade cantando suas ancestralidades.



Frame 9: São Benedito no andor. Maio 2021.<sup>183</sup>

As emoções de um ano tão difícil vieram à tona durante a missa afro. Aqueles que se inscreveram para participar deste dia da celebração, pois foi necessário o controle da quantidade de pessoas na igreja, estavam extremamente tocados e cantavam com comoção a devoção ao santo negro.

---

<sup>183</sup>Os frames 9, 10, 11 e 12 foram retiradas da missa online. Santa Missa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GIZjFaG9v4I>. Acesso em: 05/10/2021.



Frame 10: Congadeiros-moçambiqueiros na missa afro. Maio 2021.



Frame 11: Congadeiros e mulheres congadeiras no louvor a São Benedito. Maio 2021.

Com palavras muito precisas e tocantes, padre Jorge narra o vigor que se restaura na cidade através da força da Congada. Como mencionado, o padre havia chegado na paróquia no ano de 2020 e só vivenciou a festa de maio em tempos de pandemia. De maneira muito respeitosa com os ternos que fizeram 93 anos em 2021 lutando e resistindo contra os preconceitos e o racismo, padre Jorge elabora a seguinte mensagem na missa afro:

Padre Jorge: Quando negros se reúnem para celebrar a sua memória, eles celebram uma força invisível que adentra séculos e faz com que cada um tenha consciência de suas raízes, e com toda a certeza são muito mais fortes do que aquilo que podemos imaginar. Celebrar esta memória é celebrar a certeza de que não estamos sozinhos. Caminhamos com uma multidão de testemunhas

que nos ajudam a enfrentar a vida de acordo com seu testemunho de vida, de liberdade e de luta.<sup>184</sup>

Foi assim, com muita potência nas vozes, com os sons dos instrumentos, com os olhos marejados e o coração pulsando a fé por São Benedito, que os congadeiros-moçambiqueiros finalizaram o dia do santo negro padroeiro e se encaminhavam para a celebração da mãe da libertação: Nossa Senhora das Mercês.



Frame 12: Saída de São Benedito da igreja. Maio 2021.

“Viva a libertadora dos cativos”, “Viva a mãe das Mercês!”. Foram com essas palavras, que vibraram pelas paredes da igreja matriz, que Nossa Senhora das Mercês chegou junto com a Congada, seus chapéus de fita e os sons da sanfona, caixa, pandeiro e violão. Com seu andor enfeitado de gérbas vermelhas, girassóis e flores do campo brancas, a santa foi carregada pelo corredor principal e colocada à direita do altar. Como um espaço sagrado, o altar da igreja também foi meticulosamente enfeitado com toalhas de tecido africano importados. As cores vibrantes dos panos afro dão vida ao altar católico e demonstram o enegrecimento dos louvores e da devoção cristã.

<sup>184</sup> Santa Missa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GIZjFaG9v4I>. Acesso em: 06/10/21.



Frame 13: Altar da igreja matriz enfeitado para a missa Conga de Nossa Senhora das Mercês. Maio 2021.<sup>185</sup>

O coral congadeiro estava presente tocando e louvando Nossa Senhora das Mercês do lugar que conquistaram com base na luta: dentro da igreja. Durante toda a celebração da missa afro foram eles que deram ritmo à cerimônia. O dia em que a Congada sai para dançar é mais alegre, com ritmo mais tranquilo e com um jogo de instrumentos maior, porém o segundo ano pandêmico não permitiu tanta leveza para esse momento sagrado. O rosto dos congadeiros demonstrava claramente a tristeza e a dor de não estarem colocando o terno nas ruas como sempre fizeram na tradição. Em homenagem aos mortos por Covid19, colocaram uma fita preta em sinal de luto no braço direito e respeitaram o momento de risco utilizando a máscara o tempo todo.

---

<sup>185</sup> Os frames 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19 foram retiradas da missa online. Santa Missa: Solenidade da Santíssima Trindade – Sábado 29/05/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Jd4u4vFBI>. Acesso em: 06/10/2021.



Frame 14: Coral da Congada. Maio 2021.

Ainda que os sentimentos estivessem entristecidos devido a tantas circunstâncias, a missa Conga teve direito a todas as cerimônias como a entrada do fogo, símbolo da espiritualidade, da bíblia, das oferendas trazidas pelas mulheres congadeiras com vestimentas afro e a coroação de Nossa Senhora das Mercês. É interessante notar a delicadeza a qual as oferendas foram arrumadas em respeito à situação pandêmica. O que geralmente é posto em cestas de palha de maneira mais exposta, foi organizado em saquinhos higienizados para diminuir o máximo possível qualquer risco de contaminação. Percebemos nessa ação como a festa, a cultura e as relações sociais entre os congadeiros são marcadas também pelo tempo presente e as experiências do agora.



Frame 15: Entrada do fogo e da bíblia na igreja. Maio 2021.



Frame 16: Mulheres congadeiras entrando com as oferendas. Maio 2021.



Frame 17: Oferendas na missa Conga. Maio 2021.



Frame 18: Coração Nossa Senhora das Mercês. Maio. 2021.

Clamada por ser a mãe da libertação, Nossa Senhora das Mercês recebeu os pedidos e as orações dos fiéis congadeiros e de todos os outros presentes e online que assistiam à missa com muita saudade dos tempos da festa com encontros e afetos. A coroação é retratada no frame acima, com o mais velho congadeiro, o Sr. Francisco, e o jovem Robert. Duas gerações demarcando esse momento da celebração compartilhada virtualmente.

Com olhos marejados, o bandeireiro Gildo levava a imagem da santa pelo corredor principal da matriz. Na hora da saída da imagem e do terno, carregou a bandeira bem à frente para dar prosseguimento ao término da cerimônia. Captar esse momento foi extremamente significativo, pois a seguinte pergunta veio à mente: O que será que tanto carregam esses olhos? A história afro-brasileira transparece nas performances, cânticos e tradições dos ternos de Congada e Moçambique, assim como na reelaboração da resistência negra piedense nos anos de pandemia da Covid. Isso só reafirma a multiplicidade de trajetórias e dos agentes históricos negros que construíram e constroem essa nação.



Frame 19: Bandeireiro Gildo na missa afro. Maio 2021.

Com a chegada do domingo 30 de maio, Moçambique assumiu a festa com seus guizos, manguaras, movimentos mais firmes e seus lamentos. Os ensaios para a celebração que ocorrem geralmente durante todo mês aconteceram apenas algumas horas antes da missa afro em devoção a Nossa Senhora do Rosário. Os passos marcados com o tilintar dos guizos batendo no chão e o som do batido da caixa se fizeram presentes na porta da igrejinha do Rosário.



186

Frame 20: Guizos nos pés dos moçambiqueiros. Maio 2021.



Frame 21: Toque da caixa no ensaio de Moçambique. Maio 2021.



Frame 22: Rosário e fita de luto pelas vítimas da pandemia do Covid19. Maio 2021.

Somando a todos os sentimentos e memórias que o dia de celebrar Nossa Senhora do Rosário já traz, as questões do tempo presente tocam profundamente todo o processo da festa

---

<sup>186</sup> Os frames 20, 21, 22, 23 e 24 foram retiradas do documentário produzido pelos congadeiros-moçambiqueiros na festa de maio do ano de 2021. Canal Ingoma. Mostra: Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – Festival do Ingoma – Dia 3. 25 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XK1U-0Gxa2k>. Acesso em: 18/09/21.

de maio no segundo ano de pandemia. O momento do ensaio do terno de Moçambique foi registrado por alguns moradores locais e já é possível observar as fortes emoções e energias que emanam do encontro do terno.



Frame 23: Sr. Hélio, presidente da Associação e Romário Tomé, zelador. Maio 2021.



Frame 24: Terno de Moçambique ensaiando ao lado da igreja do Rosário. Maio 2021.

A missa afro às 19h foi regada de cantos litúrgicos, flores, cores, alimentos e os sons dos guizos. Nossa Senhora do Rosário entrou na igreja em cima do andor enfeitado com gérberas rosas e flores do campo brancas sendo carregada na “cacunda” dos negros moçambiqueiros piedenses. Momento forte e intenso abriu os caminhos para a celebração religiosa mais esperada do ano.



Frame 25: Entrada da imagem de Nossa Senhora do Rosário. Maio 2021.

Para além das tradições como a entrada do fogo, da bíblia e das oferendas, a coroação de Nossa Senhora do Rosário ocorreu novamente pelo segundo ano consecutivo. Como uma decisão tão simbólica e mais uma maneira de reafirmar a fé diante da situação caótica em que o mundo vive, assim como o nosso país nas mais diversas crises, a coroação da santa foi uma inovação que ocorreu apenas nestes 2 anos, 2020 e 2021.

Esse ambiente de ressignificações e transformações, tão presente no entendimento sobre costumes nas análises do historiador Eric Hobsbawn, onde “o “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante”<sup>188</sup>, ou seja, as novidades não são inviabilizadas, mas sim sancionadas ao receberem uma continuidade histórica, se apresentou na festa de maio em Piedade do Rio Grande no ano de 2021.

O momento da coroação levou os presentes e os internautas online a se reconectar com os tempos da festa e as emoções que estes trazem. As energias estavam circulando em todo o ambiente, permeando cada pessoa que estava assistindo a missa naquele instante. O segundo capitão, Felipe Teodoro, junto ao seu irmão, Ulisses Teodoro, também congadeiro-moçambiqueiro e vereador na cidade de Piedade, e sua sobrinha no colo, Madalena Teodoro, entraram na igreja com a coroa que seria colocada na imagem de Nossa Senhora do Rosário. O canto, a vibração e a maneira pela qual o capitão oralizou a seguinte música

<sup>187</sup> Os frames 25, 26 e 28 foram retiradas da missa online. Santa Missa: Solenidade da Santíssima Trindade – Domingo 30/05/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YxKIB8QnIWY&t=5549s>. Acesso em: 06/10/2021.

<sup>188</sup> HOBBSAWN, E., RANGER, T. (orgs.). As invenções das tradições. Paz E Terra, São Paulo, 2008, p.10.

demarcou todo sofrimento do passado escravista, acionou as memórias do cativo e simbolizou “momento e espaço do encontro com o divino.”.<sup>189</sup>

“Foi na beira do mar que negro chorou. (2x)

Ao ver Nossa Senhora saindo das águas coberta de flor. (2x)”<sup>190</sup>

Em circunstância tão delicada a qual vivemos com a pandemia em 2021, a voz do capitão demonstrava pesares do passado e do presente. Ao bater os pés no chão, os guizos ressoaram de maneira intensa e significativa dentro da igreja. A memória da escravidão e o peso dos grilhões nos pés de seus antepassados foi vivida, assim como o clamor por Nossa Senhora do Rosário foi realizado com tristeza no canto do capitão que mais um ano representou e guiou os ternos de Congada e Moçambique ao lado do primeiro capitão Jonatan Rodrigo.



Frame 26: Momento da coroação de Nossa Senhora do Rosário. Maio 2021.

Ao analisar as performances do universo congadeiro, Glaura Lucas afirma que “(...) em cada situação, o capitão deve saber o canto adequado para aquele lugar e momento, pois o sentido da palavra e seu poder de atuação dependem, em muito, da propriedade de sua execução.”.<sup>191</sup> É possível compreender essa conjuntura ao assistir todas as três missas da festa do ano de 2021. Em cada circunstância, tanto na Congada quanto em Moçambique, os capitães puxam as músicas com entonações diferentes e a resposta do grupo segue o mesmo caminho.

Como encerramento da festa de 2021 apresento a foto acima do momento da coroação que não foi planejado, apenas vivido. Com o canto sofrido, os corações apertados e as emoções

<sup>189</sup> ASSIS, Simone de. *op. cit.* p.13.

<sup>190</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YxKIB8QnIWY&t=5549s>. Acesso em: 06/10/2021.

<sup>191</sup> LUCAS, Glaura. *op. cit.* p. 59.

à flor da pele, o momento de entrar na igreja segurando a coroa de Nossa Senhora foi tecido nos minutos antes da missa ocorrer. Sem ensaios ou programações, a entrada do segundo capitão com o irmão Ulissys e a sobrinha Madalena teve um outro marco extremamente significativo: a participação do pequeno congadeiro - moçambiqueiro D’Lucca, que estava vivenciando sua primeira festa de Congada e Moçambique. Filho de um integrante dos ternos que estava presente, D’Lucca saiu do lado do pai naquele instante e foi de encontro aos jovens moçambiqueiros.



Frame 27: Moçambiqueiro D’Lucca participando da coroação de Nossa Senhora do Rosário. Maio de 2021.

Passado, presente e futuro, o encontro das gerações da Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande, que existem e resistem a 94 anos negociando e enfrentando diversas questões. O foco da câmera foi certo ao registrar esse cenário inusitado. O passado marcado pelos guizos que representam os grilhões utilizados por seus ancestrais e que ainda aprisionam simbolicamente negros e negras neste país estruturalmente racista. O presente com a geração dos congadeiros-moçambiqueiros jovens que estão à frente dos ternos, movimentando a festa e promovendo novas relações. O futuro lindamente simbolizado pelo pequeno D’Lucca, que mesmo tão ingênuo já tomou um espaço que é seu e de seus descendentes.

Após tentar acompanhar todas as maneiras que os sujeitos construtores dessa festa tão grandiosa e ver, mesmo que ainda de forma virtual, suas múltiplas capacidades de se reinventar, de ressignificar as lutas e de resistir, pude chegar a um nível de compreensão um pouco melhor sobre o que é a devoção no Rosário e a força histórica que possui. Entendia a importância cultural, social e racial da festividade, mas tendo a possibilidade de assistir as missas, ouvir suas narrativas

e escutar suas vozes cantando, tudo isso elaborado pelos próprios congadeiros-moçambiqueiros, foi que consegui identificar as energias que movem as festas negras.

As culturas afro-brasileiras, assim como as africanas, envolvem “uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma presença particular no mundo - um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e interagem”<sup>192</sup>. Dessa forma, interligando muitas pessoas conectadas para além do online, foi que Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês e São Benedito foram louvados em 2021 e que a festa de maio aconteceu como precisava ser: re-existindo e resistindo.

### 3.3) Festa de maio em 2022

Felipe Teodoro: São três dias intensos que a gente passa ali de alegria, mas também de sofrimento. Por que do sofrimento? Porque a gente tá colocando pra fora tudo aquilo que nossos ancestrais não conseguiram fazer. Seja pela voz, pela dança, pelo sentimento, pelo gritar, o poder falar, o poder fazer aquilo que a gente não conseguiu fazer lá atrás. Então, o nosso Congado e o nosso Moçambique é isso. É a nossa resistência.<sup>193</sup>

Finalmente com a chegada de 2022 a festa de maio pôde acontecer com todas as suas tradições, momentos, performances e “tudo aquilo” que os ancestrais e os congadeiros-moçambiqueiros de hoje não puderam colocar para fora nesses dois anos restritivos de pandemia. O poder falar, dançar e louvar os santos pelas ruas de Piedade do Rio Grande com todos os sentimentos que mesclam alegrias, tristezas e saudades, promoveram reencontros de uma intensidade única.

Após quase 5 anos estudando sobre a cidade, os ternos, as histórias locais, assistindo todas as missas, debates e documentários virtualmente, tive o privilégio de conhecer a pequena região mineira pela qual me encantei através das telas. Em janeiro de 2022 visitei Piedade por 6 dias e circulei pelos espaços onde ocorrem as cerimônias da festividade. Ter a dimensão histórica através do espaço geográfico foi fundamental para que alguns questionamentos que permeavam as análises da pesquisa fossem solucionados, como a retirada das santas de uma igreja para a outra, por exemplo, na festa de 2020.

<sup>192</sup> BÂ, A. Hampaté. *op. cit.*, p.169.

<sup>193</sup> Entrevista concedida por Felipe Teodoro para o documentário A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia, 31 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1F9iJuvQvE4&t=3266s>. Acesso em: 13/08/2022.

Nesta curta estadia conheci pessoalmente alguns congadeiros-moçambiqueiros e as trocas foram significativas para a compreensão das articulações que ocorrem dentro do grupo, assim como a relação do grupo com a cidade e a igreja. A proposta era exatamente viver a cidade e elaborar essa comunicação no presencial. Não foram registradas entrevistas em formato padrão, com anotações e gravações, apenas conversas proveitosas que abriram caminhos na investigação a partir da perspectiva dos próprios agentes históricos que constroem a festa de maio.

Em maio de 2022 com a contaminação do vírus diminuindo após a liberação das três primeiras doses da vacina para população e as medidas restritivas sendo retiradas dos grandes eventos com aglomeração foi possível pensar na festa de maio sendo construída nos espaços públicos com as missas, procissões, chamada de reis, pagamento de promessas e performances em volta da fogueira.<sup>194</sup> A partir desse cenário mais controlado, porém ainda em tempos pandêmicos, que fui de (re) encontro à Piedade, só que dessa vez com a atmosfera da celebração tomando conta dos congadeiros-moçambiqueiros, dos piedenses saudosos e dos encantados que pela primeira vez, ou não, iriam assistir a festividade acontecer presencialmente.

---

<sup>194</sup> ROSA, André; OLIVEIRA, Ingrid. Maio de 2022 tem o menor registro de mortes por Covid desde o início da pandemia. CNN Brasil, 01 de junho de 2022. Disponível em: [Maio de 2022 tem o menor registro de mortes por Covid desde o início da pandemia | CNN Brasil](#). Acesso em: 26/08/2022.

Piedade do Rio Grande - MG

De 27 a 29 de Maio

# TRADICIONAL FESTA DE MAIO

*Festa da Congada e Moçambique*

90 ANOS DE TRADIÇÃO (1933-2023)

Associação da Congada e Moçambique Nossa Senhora das Mercês e Nossa Senhora do Rosário  
Fundador: Francisco Ferraz de Teixeira  
Registrada em 10 de Junho de 1933  
Presidente: Hélio Sávio de Castro  
Secretaria: Maria Rosário de Castro  
Banda: Banda de Música Santa Cecília  
Bateria: Banda de Bateria e Grupo Afro São Benedito  
Capitães: Anselmo da Oliveira e Felipe Teodoro

## PROGRAMAÇÃO

<p><b>27.05 - SEXTA FEIRA</b> <b>DIA DEDICADO À SÃO BENEDITO</b></p> <p>5h - Alvorada Festiva 18h - Procissão em Honra a São Benedito 19h - Missa e bênçãos das cozinheiras Celebrante: Pe. José Paulo 21h - Queima da fogueira na Praça Salvador Lourenço 23h - Show na Praça Salvador Lourenço</p>	<p><b>29.05 - DOMINGO</b> <b>DIA DEDICADO À NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO</b></p> <p>5h - Alvorada 10h30min - Missa em Honra a Nossa Senhora do Rosário com a participação do Moçambique Consagração dos Moçambiqueiros a Nossa Senhora 12h - Almoço 14h - Chamada de Reis 18h30min - Procissão 19h - Missa de Encerramento da Festa Presidida pelo Exmo e Revmo Dom José Eudes Campos do Nascimento 21h - Queima da Fogueira na Praça Salvador Lourenço 23h - Show na Praça Salvador Lourenço (Marcarão presença Padres, Amigose filhos da terra)</p> <p><b>Agradecimentos:</b> Aos Procuradores: Lúcia da Mica, Elizabete do Pirulito, João do Divino, Figueiro do Chico Nicamor, Léo do paraíso. A Banda de Música Santa Cecília Aos Corais: Couro Paroquial, Raízes da Terra e Grupo Afro São Benedito. Aos Piedadenses</p>
<p><b>28.05 - SÁBADO</b> <b>DIA DEDICADO À NOSSA SENHORA DAS MERCÊS</b></p> <p>5h - Alvorada Festiva 10h - Missa em Honra a Nossa Senhora das Mercês com participação da congada 12h - Almoço 14h - Chamada de Reis na Igrejinha 18h30min - Procissão 19h - Missa e logo após Coroação de Nossa das Mercês pela Congada 21h - Queima da fogueira na Praça Salvador Lourenço 23h - Show na Praça Salvador Lourenço</p>	

**Pela Comissão de Festas:**  
Padre Jorge Wilson da Fonseca  
Missa diretora da Congada e Moçambique Nossa Senhora das Mercês e Nossa Senhora do Rosário.

Nota: As paróquias da Diocese de São João del Rei, estão proibidas de realizar, sob sua responsabilidade, qualquer tipo de fogueira e manifestações semelhantes. Portanto, a paróquia e seu pároco não se responsabilizam por nenhuma manifestação desse gênero. Todos os fogos são de responsabilidade da Congada e dançantes que patrocinarem.



Super Sete Avenida - Agropecuária Império Rural - Tareco - Drogaria Santíssima Trindade - Drogaria São José  
 Bar Aberto - País Tropical - Comercial do Carmo - Mercadoria Calçara - MR Presentes - Lojas Du Didi - Loja Borges  
 Amarinho Rio Grande - Restaurante Sabor Mineiro - Padaria Casa do Pão - Drogaria das Gerais - Loja da Rose  
 Lanchonete e Marmitaria Casa da Roça - EFL Distribuidora - Nane Bar e Restaurante - Bar do Luizinho e da Tia Ana

**APOIO:**



Figura 16: Banner da festa de maio de 2022.

Foram três dias de festa experienciados intensamente, os quais acompanhei de perto desde a montagem da fogueira antes do raiar do sol até o pós celebração em volta da mesma. A cidade estava cheia e completamente diferente daquela que visitei em janeiro. As barracas já estavam na praça Salvador Lourenço, alguns banners com homenagens aos mais antigos já falecidos foram pendurados pela cidade e era possível perceber as energias das pessoas que por 2 anos aguardavam ansiosamente pela Congada e Moçambique.

É interessante refletir sobre como a festa de maio se tornou um marco histórico festivo celebrado por Piedade do Rio Grande. Esse reconhecimento, mesmo que ainda não por todos, que acontece nos dias de hoje foi conquistado pelos próprios congadeiros-moçambiqueiros através de muita resistência por tantas gerações. Fundada na década de 20 do século XX, a Sociedade não recebia o mesmo tratamento dos piedenses. Um grupo de homens negros se vestirem de branco e tocar uma caixa, batendo manguara com guizos nos pés, não era amplamente aceito e divulgado como no tempo presente. O próprio fato de não poderem entrar

com os ternos dentro da igreja até o final da década de 80 diz muitas coisas. Por isso, demarcar essa expectativa gerada sobre os dias de festa foi algo adquirido pela resistência em existir e permanecer da Congada e Moçambique.

Como esperado, sexta-feira foi dia de louvar São Benedito, santo preto e cozinheiro. Foi realizada a alvorada festiva logo pelo início da manhã às 5h, com direito à banda da cidade passando pelas ruas anunciando o início do retorno da festa de maio. Ao som da música “Viva São Benedito, o santo padroeiro. Viva São Benedito, o santo cozinheiro”, os congadeiros-moçambiqueiros entraram na igreja matriz de Nossa Senhora da Piedade carregando a bandeira com a imagem do santo e retiraram o andor em que ele já se encontrava enfeitado conforme a tradição com flores e pães por volta das 18h. A saída de São Benedito para as ruas foi para acompanhar a primeira procissão das três que acontecem durante o final de semana. Com um número reduzido de dançadores, pois sexta-feira ainda muitos estão retornando de seus trabalhos e vindo de outras cidades, louvaram o irmão negro acompanhados dos devotos que foram assistir a missa após a procissão.



Figura 17: Andor de São Benedito - Missa afro de sexta-feira. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero



Figura 18: Saída do santo da igreja matriz. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

Utilizando o lenço de Moçambique e a camisa confeccionada para a festa de 2022 com homenagens aos últimos integrantes do grupo que faleceram em 2021 e 2022, os congadeiros encerraram os festejos da primeira noite realizando a performance no ritmo da manzuca<sup>195</sup> e do Congado, um toque mais tranquilo e lento. Vale ressaltar que apesar de ser um dia mais curto de festejos em relação ao sábado e domingo, os integrantes dos ternos realizam ensaios nos finais de semana do mês de maio todo. A festa “começa” bem antes do seu início, quando uma termina no domingo à noite, a outra já começa a ser pensada logo em seguida.

<sup>195</sup> A expressão manzuca apareceu na entrevista realizada com o segundo capitão, o qual explica o ritmo que é tocado na sexta-feira até o momento da fogueira, sendo trocado já no final da performance para o ritmo de congado. Explica a contagem do batuque da seguinte maneira: tu dum, tudududum, tududum, tudududum, e conta os passos como passo um, dois pra frente, dois pra trás. Não foram realizadas investigações sobre a ritmicidade das músicas na pesquisa. Este apontamento é apenas a nível de esclarecimento da palavra.



Figura 19: Procissão de São Benedito.  
Maio de 2022. Foto: Juliana Otero



Figura 20: Performance na fogueira.  
Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

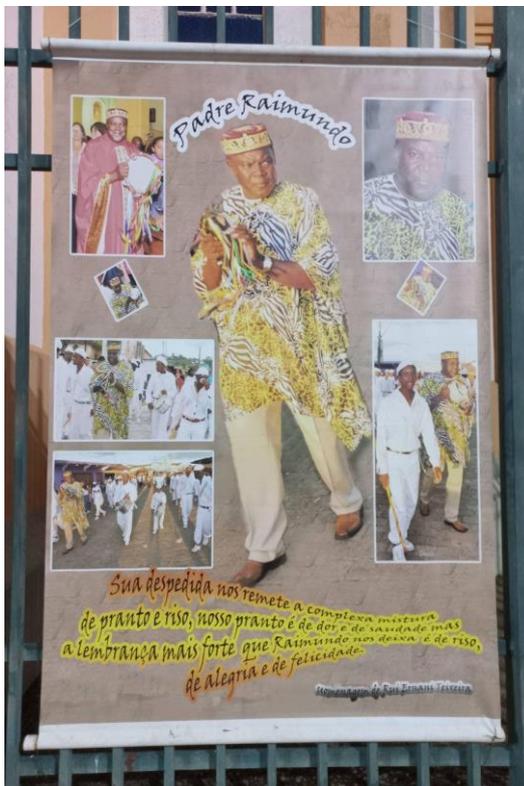


Figura 21: Homenagem ao padre Raimundo.  
Maio de 2022. Foto: Juliana Otero



Figura 22: Homenagem a dona Chiquinha  
Maio de 2022. Foto: Juliana Otero



Figura 23: Homenagem ao primeiro terno de Congada e Moçambique - Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

Dia 28 de maio, sábado, amanheceu com as cores da Congada no céu de Piedade. Acompanhar cada parte da festividade de maneira presencial trouxe outros sentidos e percepções para a pesquisa. O entendimento sobre as energias, as ritualidades que acontecem nas encruzilhadas, os cantos específicos que ocorrem em determinados lugares, a comunicação entre olhares, apitos e comandos das mãos e a dinâmica intensa do dia inteiro de festejo se concretizou a partir da experiência do corpo presente. A força da oralidade, por mais que possa ter chegado por outras vias nos tempos de isolamento social, quando sentida na vivência, tomou outro rumo nas formas de compreender Congada e Moçambique.

O dia parece ter mais do que 24 horas de tantas circunstâncias e processos ritualísticos que acontecem. A alvorada festiva acontece todos os dias da celebração no mesmo horário, logo no raiar do dia. A missa afro com o coral formado pelos congadeiros deu início por volta das 10 horas da manhã com a chegada da “mãe da libertação” Nossa Senhora das Mercês. Após a entrada da santa na igreja matriz ao som da música “Senhor padre abre a porta”, canção de Congada, deu-se início a missa conga. Assistir pela primeira vez ao vivo essa performance na porta da igreja reinventou mais uma vez todos os sentidos que levaram à elaboração dessa pesquisa.



Figura 24: Entrada de N.ª. Sr.ª das Mercês. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

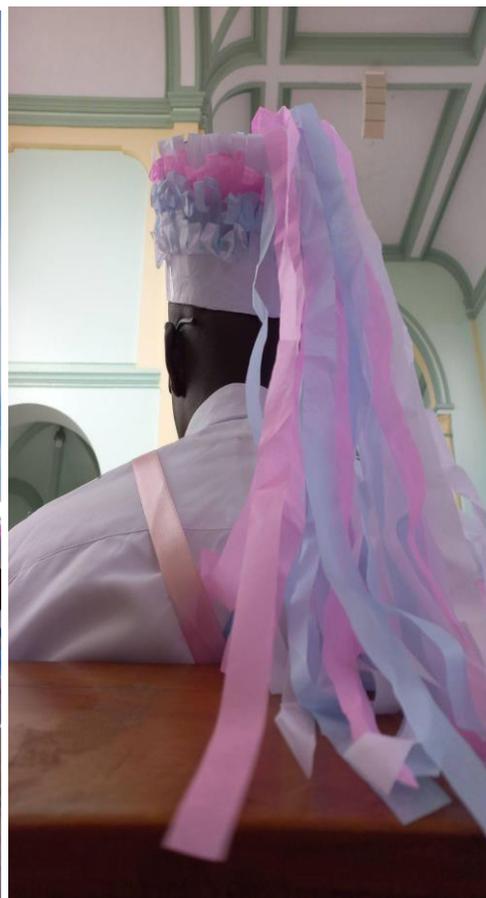


Figura 25: Congadeiro com chapéu de fitas. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

O pedido da água benta ocorreu conforme a tradição do lado de fora da igreja e o momento é demarcado com uma canção específica onde ocorrem três variações: o chamado dos capitães para o grupo receber a água benta, a solicitação ao padre e o agradecimento pelo recebimento. Ao escrever sobre a palavra proferida, Leda Martins explica a importância da função dinâmica do canto e do ritual no ato próprio de cada ação, onde a “cada situação, o capitão deve saber o canto adequado para aquele lugar e momento, pois o sentido da palavra e seu poder de atuação dependem, em muito, da propriedade de sua execução.”<sup>196</sup>

Assim como na porta da igreja existem também os cantos da chamada de reis, das encruzilhadas, de homenagens aos antigos que já partiram e os da fogueira. Todos são realizados com a parte do movimento dos corpos de maneira ritualística. Aos olhos dos que estão de fora e que não se atentam a essas especificidades, parece apenas música e dança, como uma apresentação bonita tradicional local. Para que se possa compreender essas articulações ritualizadas, as imagens inseridas neste trabalho são justamente para demonstrar que cada etapa

<sup>196</sup> MARTINS, Leda. *op.cit.* p.185.

corresponde a algo pensado e elaborado pela ancestralidade que se conecta com os congadeiros-moçambiqueiros do hoje.



Figura 26: Pedido de água benta.

Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

Figura 27: Rito na encruzilhada chamado Meia Lua

Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

A celebração continua no decorrer do dia com o almoço após a missa que é servido na quadra da Escola Municipal Hildebrando Teixeira para os dançadores e toda a comunidade de Piedade. Em seguida iniciou a chamada de reis onde os congadeiros foram buscar o rei congo Élson Donizete e a rainha conga Raimunda Teodoro e posteriormente os reis, rainhas, príncipes e princesas de promessa. Todos são encaminhados para a igreja do Rosário para o pagamento de promessas. Neste momento a cerimônia acontece de portas fechadas e os valores arrecadados com os donativos doados são contados e tocados em notas musicais.



Figura 28: Chegada da corte na igrejinha do Rosário. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

Finalizando o segundo dia festivo é realizada a procissão e mais uma missa afro em homenagem a Nossa Senhora das Mercês, onde a imagem da santa é coroada dentro da igreja matriz. A partir desse instante quem assume a festa são os moçambiqueiros. O rito na fogueira na praça em frente a igrejinha do Rosário é performatizado por Moçambique. Os dançadores já saem do salão paroquial com vestimentas, instrumentos e posturas diferentes. Em honra a N. Sr.<sup>a</sup>. das Mercês, os moçambiqueiros brincam e se comunicam por cerca de 1 hora em volta da fogueira.



Figura 29: Moçambique na fogueira de Nossa Senhora das Mercês. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

O terceiro e último dia da festa de maio trouxe os sons dos guizos tilintando por toda cidade. A resistência ocorre pelo eco dos pés dos moçambiqueiros caminhando até o salão paroquial para se arrumarem e orarem antes das ritualizações começarem. O domingo tem uma energia mais densa e misteriosa que é manifestada pelo grupo. Apenas os moçambiqueiros entram no salão antes da missa em honra a Nossa Senhora do Rosário. O terno se mantém nesse aspecto “perigoso”, conforme muito já foi falado pelos próprios dançadores e explicado no capítulo anterior.

A constituição dos eventos da celebração é a mesma: missa afro com a participação do coral formado por moçambiqueiros, água benta na porta da igreja para a consagração do terno, almoço no pátio da escola, chamada de reis, pagamento de promessas, procissão, missa afro de encerramento da festa e performance na fogueira. Porém duas coisas importantes a serem apontadas que diferenciam os dias de festa em 2022, para além de todas as análises musicais, instrumentais, de vestimentas e energias já realizadas até aqui.

Na missa afro da manhã algumas homenagens foram prestadas pelo terno de Moçambique através de palavras expressivas e emocionadas do zelador Romário Tomé. A primeira foi a Francisca Braga, já mencionada algumas vezes nesta pesquisa. Referência de mulher negra, que tinha orgulho de ser quem era, de sua cor e de ser Moçambique. Seus irmãos

Maria Aparecida e Reinaldo de Assis foram chamados para receberem flores em seu nome entregues pelo moçambiqueiro Mário Tomé. A segunda homenagem foi a Maria Rosimeire de Castro, filha da antiga rainha Conga Teresinha de Castro, por seu zelo e cuidado com a Congada e Moçambique de Piedade que recebeu flores entregues pelo primeiro capitão Jonatan Rodrigo.

197

A terceira honraria foi ao rei Congo Élson Donizete, que recebeu das mãos do segundo capitão Felipe Teodoro uma homenagem da Prefeitura Municipal de Piedade do Rio Grande, da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, do Conselho Municipal de Cultura de Piedade do Rio Grande e da Congada e Moçambique de N. Sr<sup>a</sup>. do Rosário, N. Sr<sup>a</sup> das Mercês e São Benedito. Ao canto de toda paróquia da música “Sorriso Negro” de Dona Ivone Lara, o rei Congo se emocionou com a homenagem e a gratidão de todos para com sua história de servir e de muita luta pela Congada e Moçambique.



Frame 28: Homenagem a Francisca Braga. Frame 29: Homenagem a Maria Rosimeire. Maio de 2022. Maio de 2022.

---

<sup>197</sup> Disponível em : [Santa Missa: Festa da Congada e Moçambique - Dia dedicado a Nossa Senhora do /Rosário 29/05/22 - YouTube](#). Acesso em: 27/08/2022.



Frame 30: Homenagem a Élson Donizete. Maio de 2022.

O segundo evento interessante que ocorreu na celebração de domingo foi a participação da missa na parte da noite do bispo da diocese de São João del Rei José Eudes Campos do Nascimento. Responsável pela paróquia de Piedade do Rio Grande, o bispo presidiu a homilia da missa afro em honraria a Nossa Senhora do Rosário. Essa vinda do bispo à cidade justamente no momento festivo gerou algumas indagações internas que não foram dissipadas ou resolvidas como “A participação do bispo traz a Congada e Moçambique que tipo de sentimento?” ou “Qual o intuito de vir na celebração e não fora dela?”. De qualquer maneira foi uma particularidade do último dia da festa de maio, a festa do reencontro.<sup>198</sup>



Frame 31: Bispo José Eudes Campos do Nascimento na missa afro de domingo à noite. Maio de 2022.

<sup>198</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xfO-dQBP3Mo>. Acesso em: 28/08/2022.

Percebendo a realização deste capítulo como uma possibilidade construída a partir do material digital extenso feito na pandemia, que conscientemente a elaboração da investigação da festa de maio nos anos de 2020, 2021 e 2022 partem da interpretação das narrativas transcritas e analisadas que foram feitas pela geração congadeira-moçambiqueira mais nova, onde a perspectiva da festa possui um enfoque grande na resistência dos seus antepassados e nas lutas e negociações travadas nos dias de hoje.

Como maneira de concluir esse capítulo tão precioso e que se tornou o objetivo central desta pesquisa a partir das necessidades do hoje e dos caminhos que se abrem diante da permissão do divino que rege a Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande, da licença dos ancestrais congadeiros-moçambiqueiros e dos integrantes do tempo presente, somada às ações que estes arquitetaram para tornar a festa ainda mais pública através das redes sociais e da mídia digital, deixo o registro de uma seleção de fotos do sagrado domingo de louvor a Nossa Senhora do Rosário no ano de 2022.



Figura 30: Detalhe do guizo e das manguaras. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero



Figura 31: Terno de Moçambique. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero



Figura 32: Moçambique e cortejo pela cidade. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero

Figura 33: Moçambiqueiros - 2 gerações. Maio de 2022. Foto: Juliana Otero



Figura 34: Chegada dos três santos na igreja matriz - domingo. Maio de 2022.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa despedida até quando é, (capitães)  
 Até para o ano se Deus quiser, (capitães)  
 Se Deus quiser, se Deus quiser, (coro)  
 Até para o ano se Deus quiser. (coro)<sup>199</sup>

A multiplicidade de reflexões que foram construídas ao longo do processo deste material, assim como as transformações dos trajetos que ocorreram nesses quase três anos de pesquisa na pandemia fazem parte da História viva que é a Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande. A discussão teórico conceitual e teórico metodológica constituem o embasamento necessário para o desenvolvimento de uma dissertação acadêmica, porém “teorizar” sobre as festividades do Rosário não é uma tarefa muito simples.

As obras lidas e referenciadas nos capítulos compõem as discussões contextuais históricas as quais demonstram a importância e relevância das histórias dos negros e negras desse país. Analisar as relações de resistência e solidariedade dentro das Irmandades do Rosário corroboram como africanos e afro-brasileiros escravizados conseguiram construir laços, festejos, devoções, negociações e lutas que perpetuam até os dias de hoje. A potência dessas histórias e a força da oralidade transpassam os tempos e se fazem presentes e necessárias para a desconstrução da História única.

Através do potencial dinâmico das culturas negras, como explica Stuart Hall, devemos observá-las como um espaço misto e complexo, onde precisamos lidar com o contraditório e o híbrido.<sup>200</sup> Hall afirma que é na diferença das experiências negras e não em sua forma homogênea que devemos deter nossa atenção. É dessa forma, que os discursos retratados ao longo da pesquisa se tornam importante viés de análise ao demonstrarem as agências dos negros piedenses a partir da perspectiva de compreensão da juventude congadeira-moçambiqueira, que colocam em foco as questões e lutas raciais suas e de seus antepassados.

Por meio do pensamento político da resistência e das negociações principalmente, as narrativas desses jovens apresentam uma escolha de contar suas histórias. Perceber isso nos faz entender as diferenças dessas experiências, uma vez que essas foram as narrativas investigadas e não as dos mais velhos ou das mulheres, por exemplo. Não quer dizer que os congadeiros-

<sup>199</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DYPpeo7m3xQ>. Acesso em: 03/09/2022.

<sup>200</sup> HALL, Stuart. Que “Negro” é esse na cultura negra. *In*: Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Editora UFMG, Minas Gerais, 2003.

moçambiqueiros mais antigos não falem sobre a ancestralidade da luta, mas podemos deixar a reflexão de que outros caminhos poderiam ser abertos para explorar caso tivesse sido possível realizar mais entrevistas presenciais.

Considerar essas questões nos remete a outros conflitos da pesquisa sobre Congados que se apresentaram: trabalhar com história oral em tempos pandêmicos através do virtual. Engendrar por esse percurso rendeu novas maneiras de investigação, assim como novas dificuldades em relação às entrevistas orais. “Ir atrás” dos ternos de Congada e Moçambique e acompanhar todas as produções digitais que foram feitas de 2020 a 2022 foi uma verdadeira viagem, através das telas, até Piedade do Rio Grande. Esses materiais no ciberespaço possibilitaram novos caminhos para a realização deste trabalho e deixaram em aberto outros tantos.

Perceber os limites de estudar uma história viva, relacionando passado, presente e futuro e ainda realizar tal feito à distância se faz importante de ser ressaltado nessas considerações finais. Essas condições, apesar de constituírem todo o processo da pesquisa, não as deslegitimam e sim demonstra-nos que os trajetos foram sendo desenvolvidos e investigados apesar das condições pandêmicas. Não se pretende aqui colocar um ponto final na dissertação a respeito das histórias da Congada e Moçambique e sim concluir apenas aquilo a que se foi proposto realizar: por quais maneiras os congadeiros-moçambiqueiros conseguiram articular junto à diretoria do grupo, da prefeitura e da igreja formas de louvar à Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês e São Benedito dentro das problemáticas sanitárias da Covid19 nos anos de 2020, 2021 e 2022.

Estabelecendo um diálogo com as músicas, que também foram utilizadas como conexão nesses anos de pandemia, as análises sobre as trajetórias que os agentes da festividade estruturaram para não deixar de cumprir o compromisso com o divino estão transcritas e expressas nessas páginas através de muitos materiais como fotos, frames, narrativas, entrevista online e canções. Foi por meio da juventude congadeira-moçambiqueira que foi possível acessar essas produções e por meio dela que gostaria de demonstrar caminhos de futuro, pois a festa de maio é isso: passado, presente e futuro.

Na produção do documentário A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia a fala do jovem congadeiro-moçambiqueiro e músico Pedro Henrique da Silva Pereira de 29 anos, trouxe essa perspectiva das vivências de fazer parte dos ternos e o que considera importante para o futuro dos mais novos e do grupo:

Pedro Henrique: Vou falar um pouco sobre a Congada e Moçambique, a influência que ela tem pra mim e para vários outros jovens que dançam desde molequinho. Na influência que ela tem na nossa vida, fora da dança, a

influência que ela tem no ritmo que traz pra gente, para que a gente possa escrever, possa se inspirar, possa confortar algumas dores através da música. (...). A gente já ouve em casa a música, mas dança de qualquer forma, você não tem o ritmo e a poesia digamos assim. Então, a partir do momento que você entra, que escuta o barulho da caixa, seus pés batem conforme o batido da caixa, você entra em harmonia com a música, traz muita coisa para a vida externa e contribui para muita inspiração, composição. Pelas letras lembra do sofrimento do passado que vem continuamente passando de gerações por gerações, então é de grande importância a Congada e Moçambique para um futuro melhor para os jovens, digamos assim, para que tenham uma consciência através das letras e através dos exemplos do pessoal mais velho, no cantar, no sentir a emoção das palavras da forma como é cantado, no expressar de quem está transmitindo a mensagem. Então é realmente sentir, prestar atenção na letra para que possa confortar as dores da vida externa e para a gente se conscientizar, não só nós, mas como quem também está vendo, quem tá assistindo a gente, sobre o que rolou a muito tempo atrás, quer dizer não tanto tempo atrás, mas que as pessoas possam sentir realmente, principalmente quem é da pele negra que se identifica mais, sentir realmente o que aconteceu. (...). E que a gente possa ir progredindo, prosperando, levando a Congada e Moçambique a lugares inimagináveis e a música também, a música preta, a música do preto, a cultura negra.

A narrativa do dançador Pedro Henrique enumera tantas expressões que apareceram ao longo da dissertação e promove a ideia do que está por vir. A construção das identidades dos jovens congadeiros ocorre através das relações da experiência de vida dentro da Congada e Moçambique, assim como permite também confortar as dores por meio das músicas, da harmonia dos movimentos do corpo com o batido da caixa e da relação com a ancestralidade. Elucida também o espaço histórico que a Congada possui enquanto veículo de narrar as questões do passado e promover a cultura negra e a música do preto para outros tantos ambientes.

Cantadas, contadas e ressignificadas, as tradições se realizaram. As complexidades da festa de maio que envolvem devoção, memória, relações de negociação e conflito entre o grupo e a cidade - igreja, prefeitura e população - e entre os agentes da festa, conexões entre passado, presente e futuro, resistência e permanência do povo negro piedense estão presentes nessas páginas. Dessa forma, a conclusão se dá de que os caminhos estão abertos para os próximos passos que forem permitidos contar e como a Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande entoa: “até para o ano se Deus quiser”.

## Referências Bibliográficas

ABREU, Martha. O Império do Divino: festa religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

\_\_\_\_\_ e ASSUNÇÃO, Mathias. “Da Cultura popular à cultura negra”. In: Martha Abreu; Giovana Xavier; Livia Monteiro; Eric Brasil. Cultura Negra, novos desafios para os historiadores. Vol. 1, Niterói: Eduff, p.27, 2018.

ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. Palestra proferida na sessão de abertura do VII Encontro Nacional de História Oral. Maio, 2004.

ASSIS, Simone de. “Tamborete sagrado, com licença”: cantos e contos do Congado. Anais da Jornada de Estudos Históricos Professor Manoel Salgado PPGHIS/UFRJ, 13. ed., vol. 3, Rio de Janeiro, 2018.

BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. In História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África/ editado por Joseph Ki-Zerbo. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

BRASIL. Lei n. 14.017, de 29 de junho de 2020. Ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública. Brasília, DF, jun. 2020.

BRASILEIRO, Jeremias. Cultura Afro-brasileira na Escola: O Congado em Sala de Aula. Ícone Editora, Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. O ressoar dos tambores do Congado – entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955-2011). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2012.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. As raízes da Congada: A renovação do presente pelos filhos do Rosário. Curitiba, Editora Appris, 1. ed., 2012.

DA SILVA, Renata N. A festa da Congada: A tradição ressignificada. 26º Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro – BA, 2008.

\_\_\_\_\_. Festa do Rosário: Encruzilhada de significados. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

EVARISTO, Maria Luiza. A fé que dança e (em)canta: análise das experiências religiosas de congadeiros nas minas de Minas. Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2018.

FORTES, Carolina. Retrospectiva 2020: de racismo no BBB à morte de George Floyd, relembre os principais fatos da luta racial. Jovem Pan Notícias, 30/12/2020.

GABARRA, Larissa Oliveira e. O Reinado do Congo no Império do Brasil. O congado de Minas Gerais no século XIX e as memórias da África Central. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_. O destino do reino: do Congo no Brasil de Minas Gerais. Projeto História, São Paulo, n.44, pp.85-113, jun: 2012.

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Editora UFMG. Minas Gerais, 2003.

HOBBSAWN, E., RANGER, T. (orgs.). As invenções das tradições. Paz E Terra, São Paulo, 2008.

LUCAS, Glaura. Música e tempo nos rituais do Congado mineiro dos Arturos e do Jatobá. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. O ritual dos ritmos no congado mineiro dos Arturos e do Jatobá. XII Encontro da ANPPOM, 1999.

MARTINS, Leda Maria. Afrografias da Memória: o reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MELLO E SOUZA, Marina de. Catolicismo negro no Brasil: santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. Afro-Ásia, São Paulo, v.28, 2002, p.125-146.

\_\_\_\_\_. Reis negros no Brasil escravista: História da festa de coroação de Rei Congo. Editora UFMG, 2ªed, 2014.

MENEZES, Giane de Carvalho. Congada e Moçambique em Piedade do Rio Grande: passos de folia e fé. Volta Redonda, 2008.

MONTEIRO, Livia N. A origem mítica das festas de Congada e as memórias da escravidão no tempo presente em Minas Gerais. Revista OQ. Dimensões da Escravidão, v. 3, p. 1-19, 2016.

\_\_\_\_\_. “Congada é do mundo e da raça negra”: memórias da escravidão e da liberdade nas festas de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – MG (1873-Tempo presente), Niterói, 2016.

\_\_\_\_\_. Os ecos da resistência. **Conversa de historiadoras**, Minas Gerais, 14 de jun. 2020.

\_\_\_\_\_. Narrativas e memórias da Sociedade de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande, século XX. In: XI Encontro Nacional de História Oral. Memória, Democracia e Justiça, 2012, Rio de Janeiro. XI Encontro Nacional de História Oral, 2012.

NUNES, Cicera. Cultura e tradição oral afro-brasileira: discutindo a implementação da Lei Nº. 10.639/03. Didática e Prática de Ensino na relação com a Sociedade. EdUECE, Universidade Estadual do Ceará, livro n.3.

RABELLO, Kelly. A coroação de Reis Negros e a tradição Congadeira: um elo entre o Velho e o Novo Mundo. Numen: revista de estudos e pesquisas da religião, Juiz de Fora, v.22, n.1, jan./jun. 2019.

REIS, João J. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1996.

SANTIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria B. de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre História e entrevistas à distância. Revista Anos 90, Porto Alegre, v. 27 – e2020011 – 2020.

SILVA, Rubens Alves da. Negros católicos ou Catolicismo negro? Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro. Belo Horizonte, Nandyala, 2010.

SOUSA, Francival Araújo de. Breve relato de um Congadeiro e Moçambiqueiro de Nossa Senhora do Rosário/Mercês de Piedade do Rio Grande-MG sobre o ano de 2020. **Conversa de historiadoras**, Minas Gerais, 14 de jun. 2020.

THOMPSON, E. P., Costume e cultura. In Costumes em comum. Companhia das Letras, 1998.

THORNTON, John. A África e os africanos na formação do mundo Atlântico (1400-1800). Campus, São Paulo, 2004.

TINHORÃO, José Ramos. Festa de Negro em devoção de branco – Do carnaval na procissão ao teatro no círio. São Paulo, Ed. Unesp, 2012.

## Fontes

Documentário A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1F9iJuvQvE4>.

Documentário Canal Ingoma. Mostra: Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – Festival do Ingoma – Dia 3. 25 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XK1U-0Gxa2k>.

Dos Grilhões aos guizos – Festa de maio e as narrativas do passado. Direção: Natália Ferraciolli. Produção: Lívia Monteiro; Natália Ferraciolli e Renato Oliveira. Piedade do Rio Grande-MG. Narre Produções; Pajé Produções Culturais, Associação de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande, NUPEHC e LABHOI. 2016. DVD.

Live canal da América. Festas de Congada em tempos de pandemia. 24 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QVRWFrF8Iw>.

Live canal SescBrasil. As festas de congadas no contexto da COVID-19: estratégias, experiências e sentimentos. 3 de setembro de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/Fn0plsc4BBI>.

Live página do Facebook Centro Cultural Fundação CSN. Diálogos da Cultura Popular. 8 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/centroculturalfcsn/videos/823531601519296>.

Santa Missa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GIZjFaG9v4I>.

Santa Missa: Solenidade da Santíssima Trindade – Domingo 30/05/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YxKIB8QnIWY&t=5549s>.

Santa Missa: Solenidade da Santíssima Trindade – Sábado 29/05/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Jd4u4vFBI>.

Missa Moçambique 2022

1- Fontes orais

Entrevista concedida por Romário Tomé para o canal Centro Cultural Fundação CSN em 8 de ago. de 2020.

Entrevista concedida por Hélio Castro para o documentário Mostra: Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – Festival do Ingoma – Dia 3. 25 de junho de 2021.

Entrevista concedida Romário Tomé para o documentário Mostra: Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – Festival do Ingoma – Dia 3. 25 de junho de 2021.

Entrevista concedida por Felipe Teodoro para o documentário Mostra: Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – Festival do Ingoma – Dia 3. 25 de junho de 2021.

Entrevistas concedida por Jonathan Rodrigo para o documentário Mostra: Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – Festival do Ingoma – Dia 3. 25 de junho de 2021.

Entrevista concedida por Felipe Teodoro para o canal da América em 24 de jun. de 2020.

Entrevista concedida por Romário Tomé para o canal da América em 24 de jun. de 2020.

Entrevista concedida por Francisca Braga para o canal da América em 24 de jun. de 2020.

Entrevista concedida por Mário Tomé para o canal Sesc Brasil em 03 de set. de 2020.

Entrevista concedida por Romário Tomé para o canal Sesc Brasil em 03 de set. de 2020.

Entrevista concedida por Maria Auxiliadora e Mayara Mascarenhas para o canal Sesc Brasil em 03 de set. de 2020.

Entrevista concedida por Élon Donizete para o documentário A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia em dez. de 2020.

Entrevista concedida por César Augusto para o documentário A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia em dez. de 2020.

Entrevista concedida por Felipe Teodoro para o documentário A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia em dez. de 2020.

Entrevista concedida por Pedro Henrique Pereira para o documentário A Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande em tempos de pandemia em dez. de 2020.

Entrevista concedida por Felipe Teodoro para Juliana Otero e Livia Monteiro em 16 de maio de 2021.

## Anexos



Lívia, Paulo Henrique e Juliana - Piedade - janeiro de 2022



Lívia e Juliana - Piedade - janeiro de 2022



Juliana, rainha Conga Raimunda e antigo capitão Carlos Antônio - festa de maio de 2022



Procissão de São Benedito - festa de maio de 2022



Alessandra, Livia e Juliana - festa de maio de 2022



Larissa, Sabrina, Martha e Juliana  
agosto de 2022 - encontro Cultna



Fogueira de Nossa Senhora do Rosário -  
festa de maio de 2022



Capitão Jonatan, Juliana e capitão Felipe - festa de maio de 2022



Bandereiro Gildo, zelador Romário, Aline, Lívia, Rosimeire, Angela, capitão Jonatan, capitão Felipe, Juliana e Antônio - festa de maio de 2022